

ATLAS

Territórios do Petróleo

MINAS GERAIS

ESPÍRITO SANTO

RIO DE JANEIRO

São João da Barra

Campos dos Goytacazes

Quissamã

Carapebus

Macaé

Rio das Ostras

Casimiro de Abreu

Armação dos Búzios

Cabo Frio

Arraial do Cabo

RODOVIA
AMARAL
PEIXOTO

Rio Paraíba do Sul

BR 356

BR 101

OCEANO
ATLÂNTICO



A realização do projeto Territórios do Petróleo é uma medida de mitigação exigida pelo licenciamento ambiental federal, conduzido pelo IBAMA

FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pela Biblioteca do CCH / UENF

A881 Atlas Territórios do Petróleo / organizado por Marcelo Carlos Gantos,
Marcus Vinicius S. Cunha, Rodrigo da Costa Caetano e Silvia Alicia
Martínez. – Campos dos Goytacazes, RJ : EdUENF, 2022.
116 p. : il.
Projeto Territórios do Petróleo.
Ebook: formato PDF.
ISBN: 978-65-87726-17-5. (publ. impressa)
ISBN: 978-65-87726-16-8 . (publ. digital)

1. Territórios do Petróleo - Bacia de Campos (RJ). 2. Cartografia
Social. 3. Bens Culturais – Inventário Participativo. 4. Educação popular.
5. Educação Ambiental. I Gantos, Marcelo Carlos (Org.).

CDD – 304.2

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf)

Reitor

Raul Ernesto Lopez Palacio

Vice-reitora

Rosana Rodrigues

Diretor do Centro de Ciências do Homem

Rodrigo da Costa Caetano

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais

Marcelo Carlos Gantos

Realização

Petrobras e Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais / Uenf

Coordenação Geral do projeto Territórios do Petróleo

Marcelo Carlos Gantos

Organizadores da obra

Marcelo Carlos Gantos

Marcus Vinicius dos Santos Cunha

Michelle Nascimento Weissmann da Silva

Rodrigo da Costa Caetano

Silvia Alicia Martínez

Coordenação Pedagógica

Silvia Alicia Martínez

Coordenação de Campo

Michelle Nascimento Weissmann da Silva

Projeto gráfico:

Marcus Vinicius S. Cunha

Revisão:

Carlos Gustavo Sarmet Moreira Smiderle

Eliza de Souza Silva Araújo

Sarita Erthal

O Atlas Territórios do Petróleo é uma publicação que articula o conhecimento e as visões dos participantes dos Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs) sobre o território, o conhecimento produzido pelo corpo técnico do projeto - entre eles, mapeamentos mediados com os Núcleos -, o saber acadêmico e as informações do licenciamento ambiental federal.

Camadas Participativas

• Cartografia Reversa

Conteúdo produzido coletivamente pelos NVCs na fase II do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo (PEA-TP) em oficinas formativas mediadas pelo corpo técnico do projeto.

Coordenação e texto introdutório:

Michelle Nascimento Weissmann da Silva

• Cartografia Social

Conteúdo produzido coletivamente pelos NVCs na fase II do PEA-TP em oficinas formativas mediadas por Rodrigo da Costa Caetano.

Texto introdutório: Rodrigo da Costa Caetano

• Inventário Participativo

Conteúdo produzido coletivamente pelos NVCs na fase II do PEA-TP em oficinas formativas mediadas por Simonne Teixeira. Texto introdutório: Simonne Teixeira

• Cartografia da Palavra

Conteúdo produzido coletivamente pelos NVCs na fase II do PEA-TP em oficinas formativas mediadas por Paulo Emilio Machado de Azevedo.

Texto introdutório: Paulo Emilio Machado de Azevedo



Núcleo de Vigília Cidadã



Territórios do Petróleo



Editora da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Campos dos Goytacazes – RJ
2022

INTRODUÇÃO

Este Atlas apresenta parte da trajetória da Fase II (2017-2019) do Projeto Territórios do Petróleo na Educação Ambiental Crítica, com pesquisas e trabalho em equipe. Mais do que uma compilação de mapas e informações, o Atlas proporciona uma "navegabilidade" progressiva, conferindo maior conhecimento acerca da dinâmica territorial, da cultura local e das vulnerabilidades sociais das comunidades, por exemplo. As camadas participativas valorizam a percepção dos sujeitos da ação educativa dos Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs), a começar pela intitulada "Cartografia Reversa", como atividade pedagógica cujo caminho à identificação/interpretação já difere da lógica convencional. As representações da Cartografia Social foram marcadas pelo protagonismo dos sujeitos e precedidas de debates e consensos coletivos, que permitiram compreender desejos e ensejos de transformação. Seguindo a proposta da ação na projeção de outra realidade e relação política em prol do controle social e da politização de comunidade, os NVCs desenvolveram inventários dos patrimônios culturais (i)materiais e expressaram suas vozes exercendo a força da oralidade. O resultado do processo, que não finda na perspectiva do produto, encontra-se estilizado sem alterar a essência. Trata-se de combater a desinformação com personalidade. Ao final da leitura, interpretativa e elucidativa, a(o) cidadã(o) terá condições de aprimorar a própria análise de conjuntura dos municípios contemplados pelo projeto na Bacia de Campos e se tornar, caso ainda não seja, um(a) agente multiplicador(a) ou popularizador(a) do conhecimento.



ATLAS
Territórios
do Petróleo

**Cartografia
Reversa**

PÁGINA
06

**Cartografia
Social**

PÁGINA
23

ATLAS Territórios
do Petróleo

Índice

CAMADAS
PARTICIPATIVAS

**Cartografia
da Palavra**

PÁGINA
102

**Inventário
Participativo**

PÁGINA
70

A Cartografia Reversa surge como uma proposta de metodologia participativa no âmbito das ações pedagógicas do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo (PEA-TP) junto à equipe técnica e aos sujeitos da ação educativa. A construção dessa metodologia foi desenhada de maneira orgânica durante momentos de planejamento das atividades que viriam a ser desenvolvidas nas reuniões ordinárias dos Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs).

A motivação está diretamente ligada ao objetivo de buscar formas didáticas de incluir na pauta da comunidade envolvida temas relevantes para a interpretação dos problemas e conflitos vivenciados. Entre eles estão os macroimpactos socioambientais abordados durante o Diagnóstico Participativo (DP) do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (PEA-BC).

O objetivo é ilustrar, junto com os membros dos NVCs, os critérios de definição das localidades e dos grupos sociais impactados pela cadeia produtiva de petróleo e gás e, por esse motivo, identificados como público direto do projeto. Conhecer a origem desse processo é de suma importância tanto para a equipe executora quanto para as comunidades afetadas.

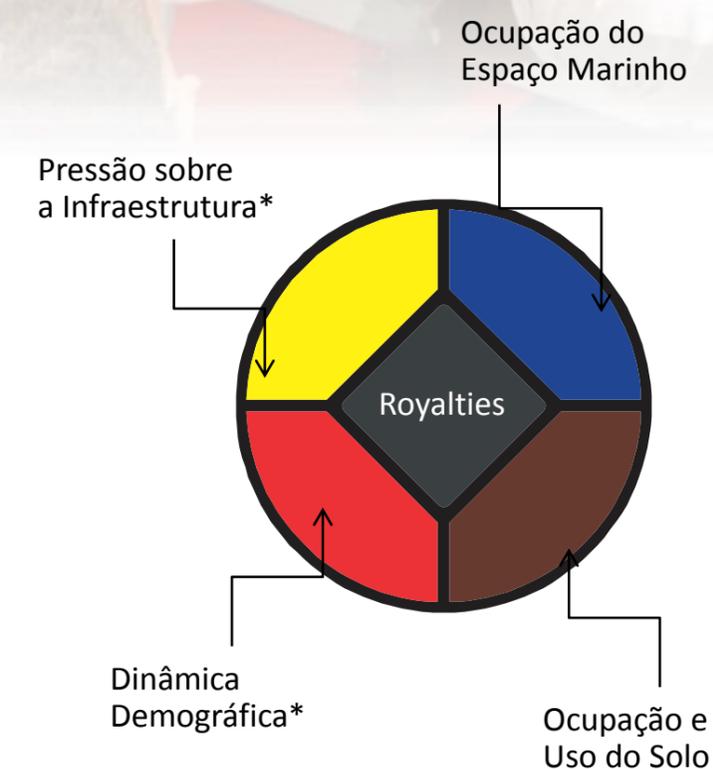
O recurso material para o desenvolvimento da atividade tem a base de isopor retangular pintada em cinco cores. Cada uma faz referência a um dos macroimpactos: royalties (preto), ocupação do espaço marinho (azul), uso e ocupação do solo (marrom), pressão sobre a infraestrutura (amarelo) e dinâmica demográfica (vermelho).

Em palitos de dente, são colados recortes de figuras geométricas que representam as localidades afetadas e os grupos sociais — por exemplo, pescadores(as) artesanais. A finalidade pedagógica é, por meio do debate entre a equipe técnica e os membros do NVC, identificar a interferência da atividade operacional da cadeia produtiva de petróleo e gás no cotidiano das pessoas.

O processo pedagógico foi desencadeado durante as ações de formação continuada da equipe, após leitura do relatório do Diagnóstico Participativo, ainda no início da fase 2 do projeto (2017-2019). Naquele momento, o pesquisador que acompanhava a formação continuada da equipe identificou a interligação da proposta com a da Cartografia da Ação Social. Estabeleceu-se, então, junto às coordenações técnica, de campo e pedagógica do projeto, que essa metodologia seria a primeira etapa pedagógica de construção da Cartografia da Ação Social.

O nome da ferramenta remete a um fenômeno (reversa) caracterizado por uma corrente de sentido contrário ao da principal, seja nos rios ou nos mares. Em uma cartografia convencional, a base de isopor representaria um território, e os palitos significariam a presença, aqui e ali, de determinado impacto. Na reversa ocorre o contrário: cada porção da base de isopor representa um impacto, enquanto os palitos fazem alusão às localidades. A intencionalidade é dar, com os sujeitos da ação educativa, um primeiro passo em direção à apropriação sistematizada dos conflitos e problemas vivenciados por suas comunidades, rumo a uma noção mais precisa de espacialidade.

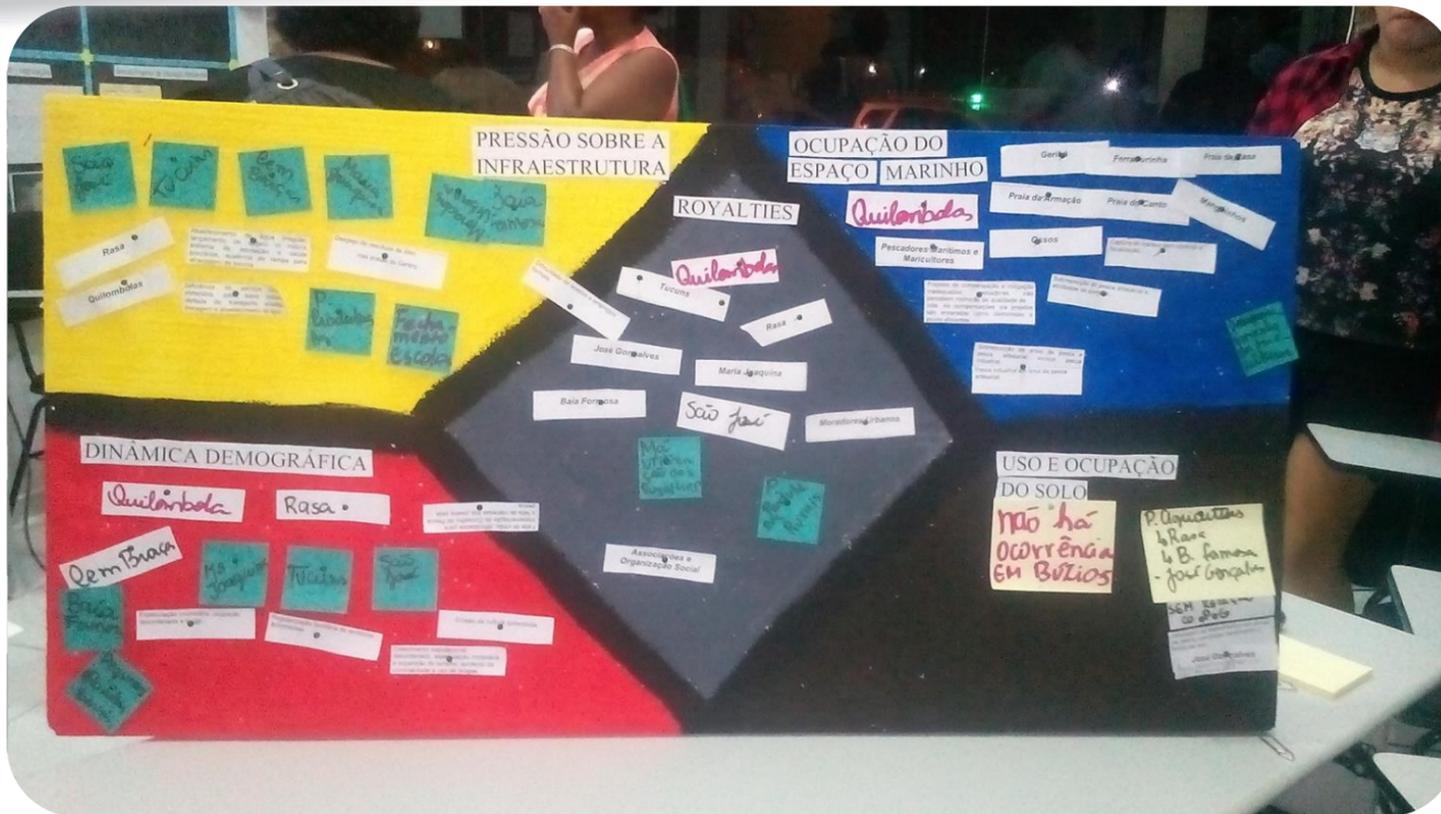
Duas observações se impõem. A primeira é que se procurou respeitar ao máximo a autonomia de cada grupo na forma de se apropriar da proposta da atividade e de desenvolvê-la na prática. O resultado disso é que, respeitada a intencionalidade pedagógica, as formas de apresentação dos dados não foram uniformes — nem precisariam ser. A segunda observação é que, como se sabe, não existe processo pedagógico “neutro” e livre de influências do contexto onde ocorre ou do(a) educador(a) que o lidera. Por isso, é possível entrever certas semelhanças de formato entre um município e outro, que se explicam pelo fato de estarem sob a coordenação do mesmo técnico do projeto. Nesse sentido, apresentamos o material considerando essas duplas de municípios, que foram Arraial do Cabo e Cabo Frio, Armação dos Búzios e Casimiro de Abreu, Macaé e Rio das Ostras, Carapebus e Quissamã e ainda Campos dos Goytacazes e São João da Barra.



* Nos municípios de Campos dos Goytacazes e Quissamã, as cores dessas legendas foram invertidas

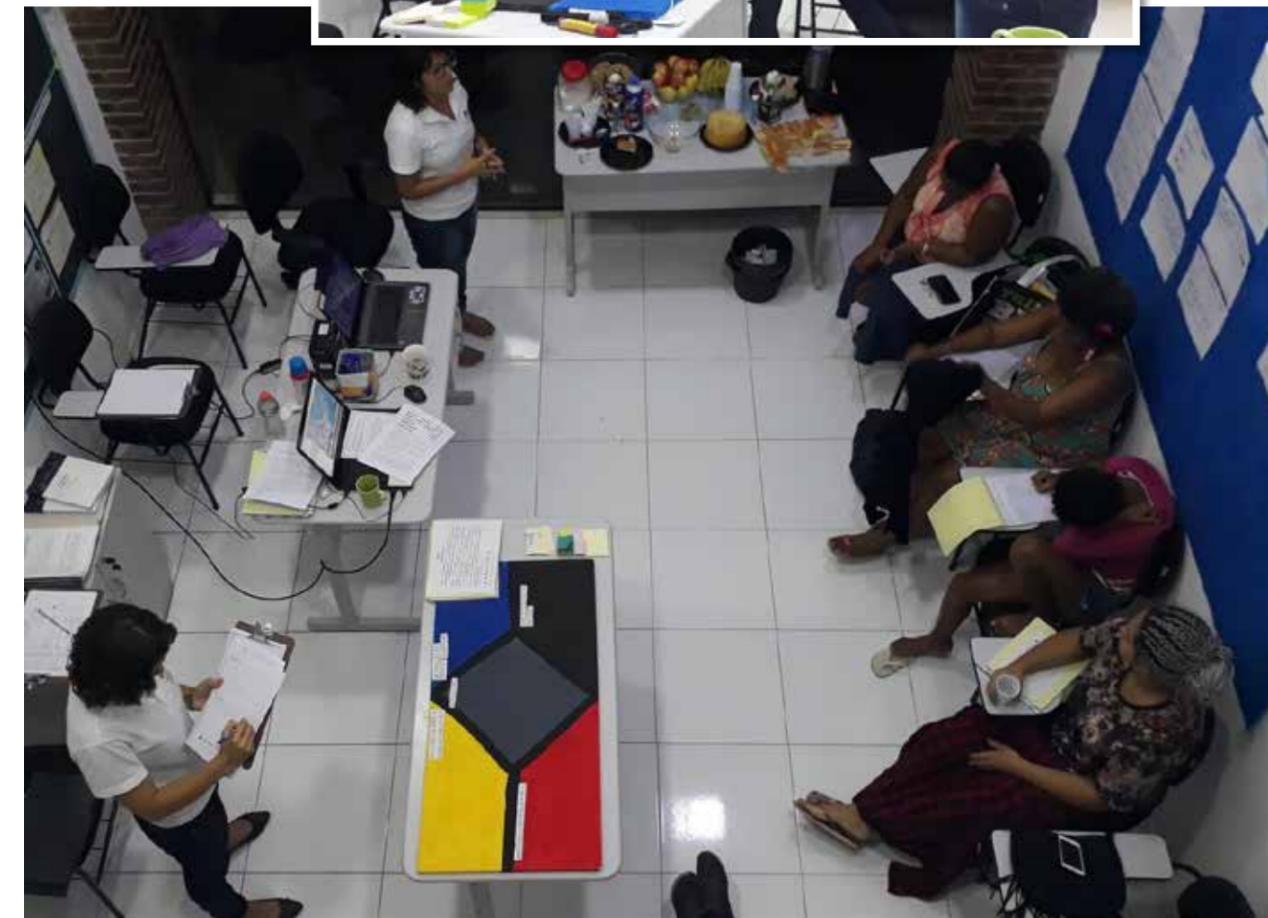
Cartografia Reversa



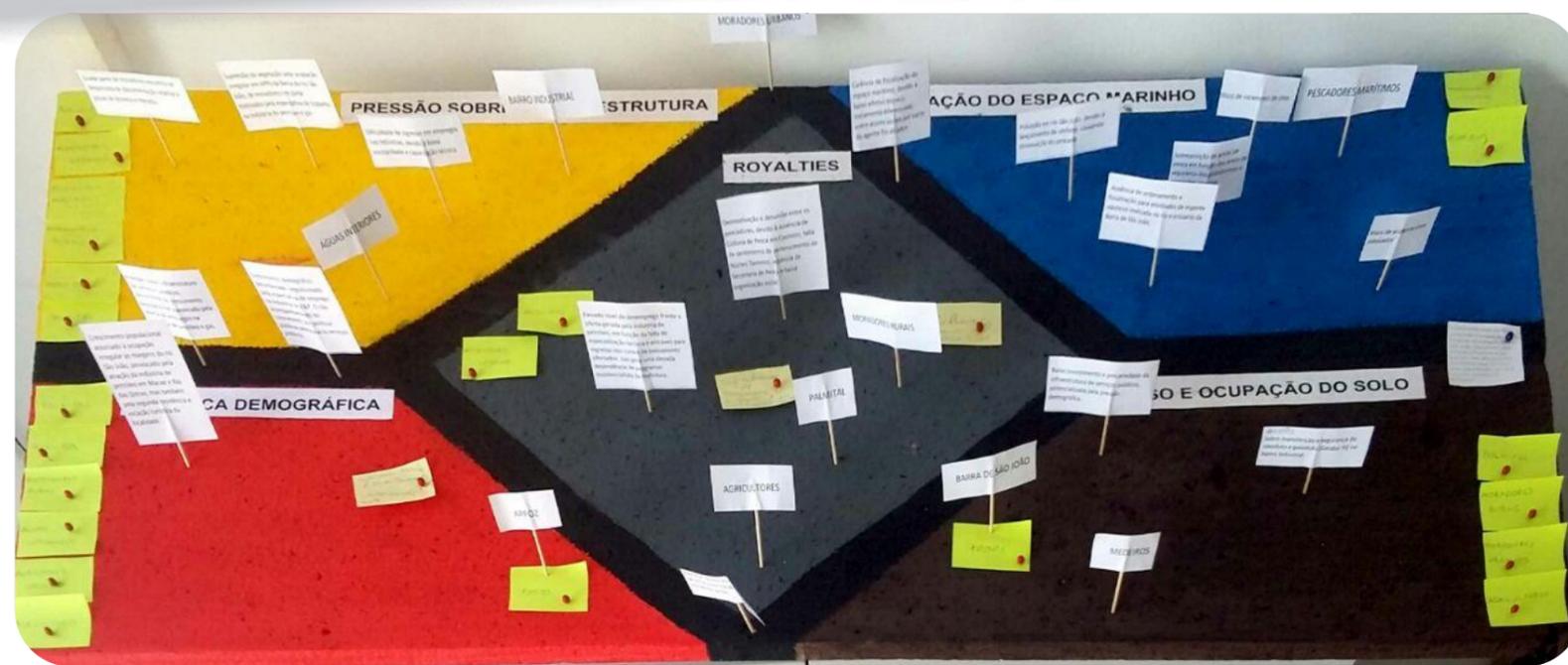


As equipes de Armação dos Búzios e Casimiro de Abreu organizaram quadros contendo o conjunto das localidades ou grupos impactados sem mencionar o que já constava ou não do Diagnóstico Participativo (DP).

Em **Armação dos Búzios**, o NVC constatou impactos até então não relatados sobre pequenos produtores agrícolas familiares que realizam feitas de geração e renda nas localidades de Rasa, Baía Formosa e José Gonçalves e apontou o desaparecimento da prática da maricultura no município, o que foi atribuído aos macroimpactos da dinâmica demográfica e da ocupação do espaço marinho. Sobre a localidade de José Gonçalves, o Núcleo considerou que esta sofre menores impactos devido a estar localizada em área de proteção ambiental.



Macroimpacto	Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
 Pressão sobre a infraestrutura	Tucuns, Maria Joaquina, Baía Formosa, Rasa e Praia dos Ossos.	Quilombolas e pescadores.	Cem Braças, São José e Praia da Armação.	Moradores urbanos e pequenos produtores agrícolas.
 Ocupação do espaço marinho	Geribá, Rasa, Manguinhos e Praia dos Ossos.	Quilombolas e pescadores artesanais.	Praia da Armação, Ferradurinha e Praia do Canto.	
 Dinâmica demográfica	Baía Formosa, Maria Joaquina, Tucuns e Rasa.	Quilombolas e pescadores.	São José	Moradores urbanos e pequenos produtores rurais.
 Royalties	Baía Formosa, José Gonçalves, Maria Joaquina, Tucuns e Rasa.	Quilombolas	São José	Associações e organizações sociais, pequenos produtores rurais e moradores urbanos.
 Uso e ocupação do solo	Grupo alega que não há esse impacto no município de Armação dos Búzios.			



As equipes de Armação dos Búzios e Casimiro de Abreu organizaram quadros contendo o conjunto das localidades ou grupos impactados sem mencionar o que já constava ou não do Diagnóstico Participativo (DP).

Em **Casimiro de Abreu**, o NVC considerou como impactados os bairros do Ribeirão e do Assentamento do Visconde, que não tinham sido mencionados no DP.



Macroimpacto	Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
 Pressão sobre a infraestrutura	Bairro Industrial, Palmital, Medeiros e Arroz.	Pescadores marítimos, de águas interiores, moradores urbanos e rurais.	Ribeirão, Perimetral Leste.	Agricultores e membros do Assentamento do Visconde.
 Ocupação do espaço marinho	Barra de São João, Medeiros e Arroz.	Pescadores marítimos e moradores urbanos.		
 Dinâmica demográfica	Palmital, Bairro Industrial, Medeiros, Arroz e Barra de São João.	Moradores rurais, pescadores de águas interiores e moradores urbanos.	Assentamento do Visconde e Ribeirão.	Agricultores
 Royalties	Barra de São João, Arroz, Medeiros, Palmital, Bairro Industrial, Perimetral Leste e Assentamento do Visconde.	Moradores rurais e moradores urbanos.	Ribeirão	Agricultores
 Uso e ocupação do solo	Não houve consideração sobre este macroimpacto durante a atividade.			



A tabela mostra o resultado das discussões e da construção coletiva da maquete relacionando os impactos com as localidades e os grupos sociais de Arraial do Cabo.

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
 Morro da Cabocla, Roça Velha, Caiçara, Pernambuco, Prainha, Figueira, Monte Alto, Praia dos Anjos e Morro da Boa Vista.	Pescadores marítimos e de águas interiores	Praia Grande, Praia do Pontal, Sítio, Vila Industrial, Parque das Garças e Gaivotas, Novo Arraial e Sabiá.	Moradores urbanos.

Inclusão de novas localidades

Todas as localidades citadas pelos integrantes do NVC são, segundo eles, atingidas pelos cinco macroimpactos, ainda que em graus diferentes. Os bairros de Parque das Graças e Gaivota, Novo Arraial e Sabiá, afastados do Centro, têm concentração de população carente de serviços básicos como transporte, saneamento básico, coleta de lixo e iluminação pública. Bairros próximos ao Centro, como Praia Grande, Praia do Pontal e Sítio, também sofrem os impactos da ocupação do espaço marinho e da dinâmica demográfica. O grupo entendeu que praticamente todo o município sofre com os impactos, porém reconhece que os mais prejudicados são os bairros mais afastados do Centro.

Novos grupos sociais

Na elaboração do mapeamento dos impactos, a partir da percepção dos integrantes do NVC, foi feito um paralelo com as informações contidas no Diagnóstico. O NVC entendeu que deveria ser incluído o grupo social "Moradores urbanos", por considerar que esse grupo está inserido no agrupamento de problemas comuns aos demais.

Em **Arraial do Cabo** e Cabo Frio, os Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs) estruturaram a apresentação de seus dados destacando o que já tinha sido apontado pelo Diagnóstico Participativo (DP) e o que foi indicado pelo próprio NVC durante a atividade. Mais do que isso, os NVCs optaram por explicar em texto a relação de cada localidade ou grupo incluído com o tipo de impacto considerado.





Em Arraial do Cabo e **Cabo Frio**, os Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs) estruturaram a apresentação de seus dados destacando o que já tinha sido apontado pelo Diagnóstico Participativo (DP) e o que foi indicado pelo próprio NVC durante a atividade. Mais do que isso, os NVCs optaram por explicar em texto a relação de cada localidade ou grupo incluído com o tipo de impacto considerado.

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
 Tamoios (rio São João), Monte Alegre, Botafogo, Maria Joaquina, Però, Gamboa, Jardim Esperança, Tamoios e Caiçara	Quilombolas, assentados, maricultores, pescadores marítimos e de águas interiores	Jacaré, Praia do Siqueira, Manoel Correia, Célula Mater, Vila do Sol, Tangará, Guarani, Pacheco, Araçá, Angelim, São Jacinto, Jardim Náutico, Palmeiras, Parque Burle, Buraco do Boi, Itajuru, Guriri, Porto do Carro, Boca do Mato, Monte Alegre II e Vila do ar	Moradores rurais, agricultores rurais, catadores de guaiamu e recicladores

-  localidades do município que estão como impactadas pela indústria do petróleo no Diagnóstico Participativo (DP) do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (PEA-BC) (**Pentagono Rosa**).
-  Grupos sociais diagnosticados no DP (**Retângulo Azul**).
-  Novas localidades levantadas pelos participantes do NVC, que estes consideram tão impactadas como as que constam no DP. (**Circulo Amarelo**)
-  Novos grupos sociais que não constam no DP, levantados pelos integrantes do NVC (**Hexágono Verde**).



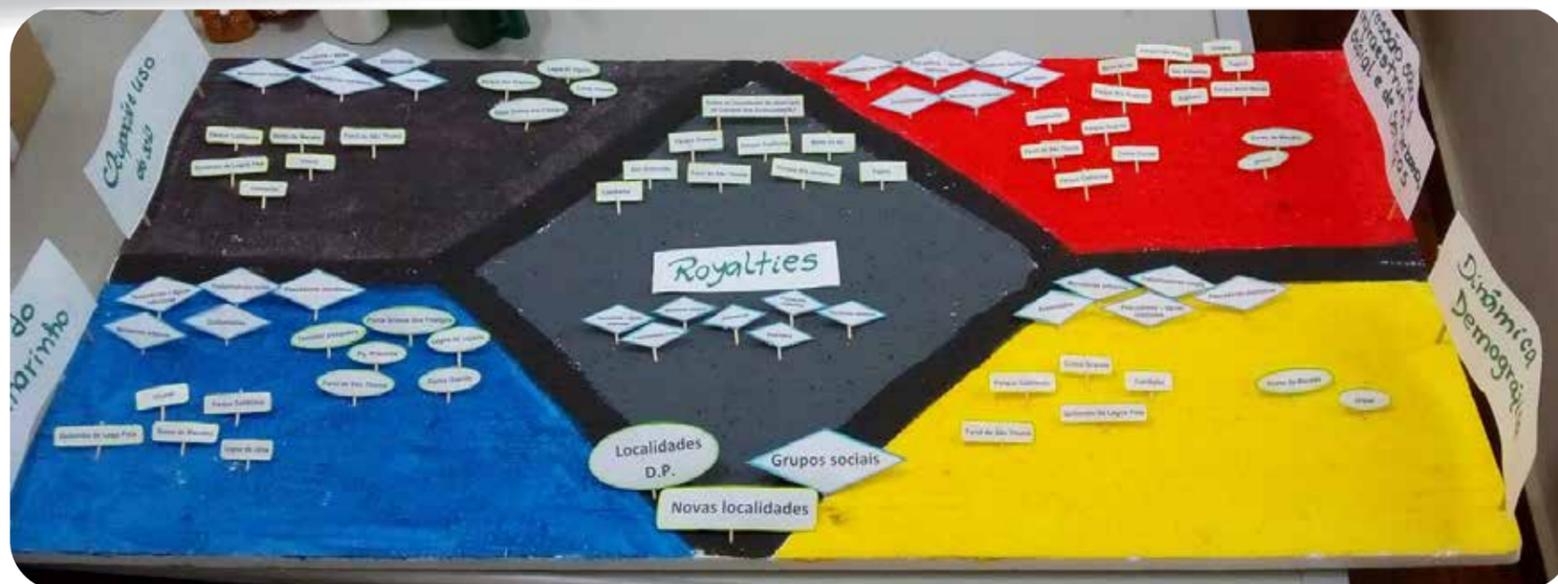
Inclusão de novas localidades

Os integrantes do NVC consideram que todas as localidades citadas são atingidas pelos cinco macroimpactos, embora umas mais que outras. Algumas são localidades periféricas; outras, mesmo próximas ao Centro, têm concentração de população carente de serviços básicos como transporte, esgoto, saúde e coleta de lixo. Angelim, Pacheco, Araçá e São Jacinto são bairros da área de Tamoios, segundo distrito de Cabo Frio. Por estarem mais distantes do Centro, sua infraestrutura é muito precária: além dos problemas citados acima, não têm água encanada nem asfaltamento. O grupo discutiu muito a inclusão das localidades como impactadas por entender que toda a cidade sofre com os impactos, porém a população pobre é a mais prejudicada. Palmeiras e Parque Burle foram duas localidades sobre as quais se gerou muita discussão, porque alguns acharam que são bairros de classe média. Durante o debate, chegou-se à conclusão de que nesses bairros há concentração de pessoas mais carentes. Assim foi com a localidade do Buraco do Boi, que está bem ao lado da Praia do Forte, mas tem uma concentração de pescadores e vendedores ambulantes.

Novos grupos sociais

Na discussão, foi dito que esses grupos possivelmente não tenham sido alcançados pela equipe do Diagnóstico, mas se entendeu que sofrem todos os impactos apresentados e discutidos. Os catadores de guaiamu estão localizados às margens do rio São João, em Tamoios, segundo distrito de Cabo Frio. O grupo diferenciou moradores rurais de agricultores por considerar que às vezes a pessoa mora na área rural, mas não é um produtor de alimentos. Quanto aos recicladores, observou-se que, em situações de carência de empregos formais, muitas pessoas se tornam catadoras de materiais recicláveis podendo ser vistas por toda a cidade.





Os Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs) de **Campos dos Goytacazes** e São João da Barra seguiram aproximadamente um mesmo modelo, mas os campistas incluíram mais detalhes. Além de indicar, em seus quadros de síntese, os grupos sociais e/ou localidades considerados como impactados na fase do Diagnóstico Participativo e aqueles(as) sugeridos(as) durante a atividade, explicitaram a natureza do impacto considerado (direto ou indireto).



DINÂMICA DEMOGRÁFICA

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Justificativa	Novos grupos sociais citados pelos participantes	Natureza do impacto
Dores de Macabu	Trabalhadores rurais e pescadores.				Indireto
Farol de São Thomé	Pescadores				Indireto
Ururáí	Moradores urbanos				Indireto
		Parque Califórnia	Por ser perto do Porto do Açú, muitas pessoas de diferentes lugares vão morar nessa localidade à procura de emprego; muitos não conseguem e acabam permanecendo no local.	Moradores urbanos	Indireto
		Cambaíba	Expectativa de emprego offshore.	Trabalhadores rurais e assentados.	Indireto
		Coroa Grande	Muitas pessoas param de pescar por expectativa de emprego offshore, além de haver um crescimento populacional devido ao referido fator que gera ocupações irregulares.	Pescadores de águas interiores e moradores urbanos.	Indireto
		Quilombo de Lagoa Feia	Muitos param seu trabalho por expectativa de emprego offshore.	Trabalhadores rurais e pescadores.	Indireto

LEGENDA DA MAQUETE

-  Localidades DP (formato oval verde.)
-  Novas localidades (retângulo amarelo).
-  Grupos sociais (DP e novos) (Losango azul.)

Localidades D.P

- Farol de São Thomé
- Terminal pesqueiro
- Coroa Grande
- Parque Prazeres
- Lagoa do Vigário
- Ponta Grossa dos Fidalgos
- Ururáí
- Dores de Macabu

Grupos sociais D.P

- Pescadores marítimos
- Pescadores marítimos
- Pescadores águas interiores
- Pescadores águas interiores
- Pescadores águas interiores
- Pescadores águas interiores
- Moradores urbanos
- Moradores urbanos





PRESSÃO SOBRE A INFRAESTRUTURA

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Justificativa	Novos grupos sociais citados pelos participantes	Natureza do impacto
Dores de Macabu	Moradores urbanos				Indireto
Farol de São Thomé	Pescadores marítimos e moradores urbanos.				Direto
Coroa Grande	Pescadores de águas interiores e moradores urbanos.				Indireto
Ururai	Moradores urbanos				Indireto
Parque Prazeres	Moradores urbanos				Indireto
		Parque Califórnia	Aumento populacional causado pela expectativa de oportunidades na indústria petrolífera, aliado à falta de planejamento adequado a essa localidade.	Moradores urbanos	Indireto
		Cambaíba		Trabalhadores rurais, moradores urbanos e assentados.	Indireto
		São Sebastião		Moradores urbanos	Indireto
		Donana		Moradores urbanos	Indireto
		Parque Guarus		Moradores urbanos	Indireto
		Tapera		Moradores urbanos	Indireto
		Espinho		Moradores urbanos	Indireto
		Parque São Mateus		Moradores urbanos	Indireto
		Parque Novo Mundo		Moradores urbanos	Indireto
		Beira do Taí	Moradores urbanos	Indireto	



OCUPAÇÃO DO ESPAÇO MARINHO

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Justificativa	Novos grupos sociais citados pelos participantes	Natureza do impacto
Dores de Macabu	Moradores urbanos				Indireto
Farol de São Thomé	Pescadores marítimos				Direto
Coroa Grande	Pescadores de águas interiores				Direto
Ururai	Pescadores de águas interiores				Indireto
Lagoa do Vigário	Pescadores de águas interiores				Direto
Ponta Grossa dos Fidalgos	Pescadores de águas interiores				Direto
Terminal Pesqueiro	Pescadores marítimos e de águas interiores.				Direto
Parque Prazeres			Conforme parecer do representante dessa localidade, o NVC entende que não há mais no bairro esse tipo de impacto.		Sem impacto
		Parque Califórnia	Mudança no rio que passa por essa localidade relacionada à indústria.	Pescadores interiores	Indireto
		Quilombo de Lagoa Feia		Quilombolas e trabalhadores rurais.	Indireto
		Lagoa de Cima		Assoreamento e escassez de pescado.	Pescadores de águas interiores



OCUPAÇÃO E USO DO SOLO

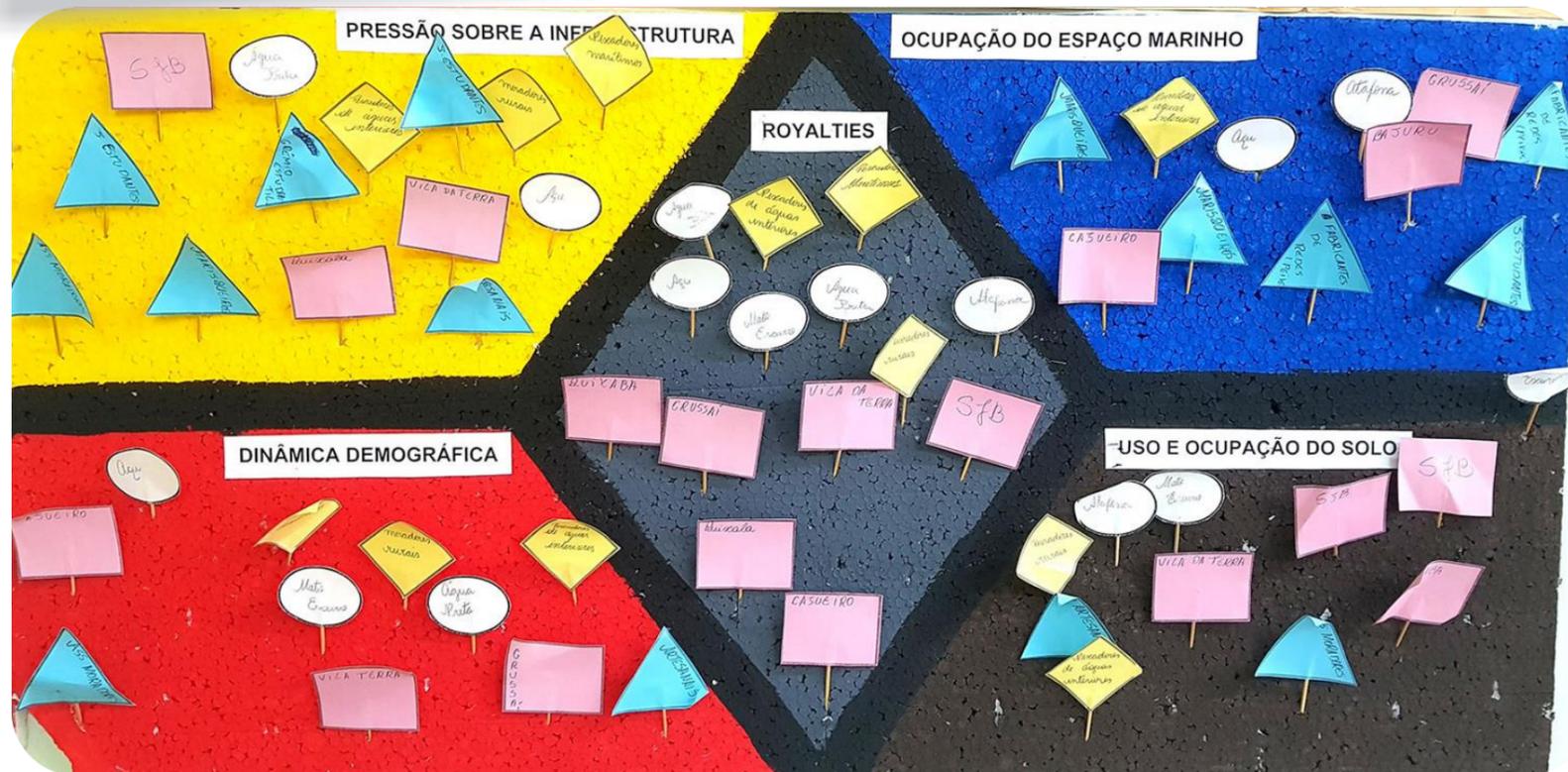
Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Justificativa	Novos grupos sociais citados pelos participantes	Natureza do impacto
Ururá	Moradores urbanos				
Dores de Macabu	Moradores urbanos				
Coroa Grande	Pescadores de águas interiores e moradores urbanos				Direto
Parque Prazeres	Pescadores de águas interiores				Direto
Ponta Grossa dos Fidalgos	Pescadores de águas interiores				Direto
Lagoa do Vigário	Pescadores de águas interiores				Direto
		Quilombo de Lagoa Feia	Crescimento populacional relacionado à expectativa de oportunidades de emprego, ocasionando a ocupação de áreas habitacionais.	Quilombolas e moradores urbanos.	Indireto
		Cambaíba	Expectativa de oportunidades de emprego	Trabalhadores rurais e assentados.	Indireto
		Parque Califórnia	Crescimento populacional relacionado à expectativa de oportunidades de emprego; muitas pessoas migram para essa localidade, não conseguem emprego e continuam no local.	Moradores urbanos	Indireto



ROYALTIES

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Justificativa	Novos grupos sociais citados pelos participantes	Natureza do impacto
Farol de São Thomé	Pescadores marítimos				Direto
Terminal pesqueiro	Pescadores marítimos				Direto
Coroa Grande	Pescadores águas interiores				Direto
Parque Prazeres	Pescadores águas interiores				Direto
Lagoa do Vigário	Pescadores águas interiores				Direto
Ponta Grossa dos Fidalgos	Pescadores águas interiores				Direto
Ururá	Moradores urbanos				Direto
Dores de Macabu	Moradores urbanos				Direto
		Parque Guarus, São Sebastião, Beira do Taí, Parque Califórnia, Cambaíba e Tapera.		Moradores urbanos, trabalhadores rurais e assentados.	Direto





Os Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs) de Campos dos Goytacazes e **São João da Barra** seguiram aproximadamente um mesmo modelo, mas os campistas incluíram mais detalhes. Além de indicar, em seus quadros de síntese, os grupos sociais e/ou localidades considerados como impactados na fase do Diagnóstico Participativo e aqueles(as) sugeridos(as) durante a atividade, explicitaram a natureza do impacto considerado (direto ou indireto).

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
Praia do Açú, Mato Escuro, Água Preta e Atafona.	Pescadores marítimos, moradores rurais, pescadores de águas interiores.	Cajueiro, Bajuru, Vila da Terra, Grussaí, Quixaba e Degredo.	Moradores urbanos, estudantes, marisqueiras e artesãos em geral (esteira de taboas, confecção de redes, construção naval).

- Localidades listadas no DP (Círculo branco)
- ◊ Novas localidades citadas pelos participantes (Quadrado rosa)
- ◊ Grupos sociais listados no DP- moradores BC (Losango amarelo)
- ▲ Novos grupos sociais citados pelos participantes (Triângulo azul)





Em **Macaé** e Rio das Ostras, os Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs) também explicitaram o que tinha sido considerado impactado pelo Diagnóstico Participativo (DP) e o que foi proposto pelos próprios sujeitos durante a atividade. A consideração vale tanto para localidades quanto para grupos sociais. Na apresentação dos dados, os NVCs optaram por concentrar todas as informações nos quadros sintéticos, sem recurso a textos de apoio.

Na interpretação do NVC, o DP do PEA-BC identificou localidades e grupos sociais impactados, mas não situou os grupos nas respectivas localidades. Esse exercício foi feito durante a construção da Cartografia Reversa.



-  Bairros segundo o DP (**plaquinhas rosa**).
-  Novos bairros diagnosticados na atividade (**plaquinhas redondas amarelas**).
-  Grupos sociais segundo o DP (**plaquinhas quadradas verdes**).
-  Novos grupos sociais identificados na atividade (**plaquinhas redondas azuis**).



Macroimpacto	Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
 Ocupação do espaço marinho	Barra de Macaé, Fronteira e Nova Esperança	Pescadores marítimos	Nova Holanda	Pescadores marítimos
 Uso e ocupação do solo	Novo Botafogo, Complexo da Ajuda, Águas Maravilhosas, Lagomar e Virgem Santa.	Moradores urbanos periféricos	Bosque Azul, Aterro do Imbuuro, Horto de Macaé e Nova Holanda.	Moradores urbanos periféricos
 Dinâmica demográfica	Virgem Santa, Águas Maravilhosas e Lagomar.	Moradores urbanos periféricos	Novo Botafogo, Bosque Azul, Nova Holanda e Aterro do Imbuuro.	Moradores urbanos periféricos
 Pressão sobre a infraestrutura	Águas Maravilhosas, Virgem Santa e Lagomar. Fronteira, Barra de Macaé e Nova Esperança.	Moradores urbanos periféricos e Pescadores marítimos	Nova Holanda	Pescadores marítimos
 Royalties	Novo Botafogo, Complexo da Ajuda, Águas Maravilhosas, Lagomar, Virgem Santa. Barra de Macaé, Fronteira e Nova Esperança	Moradores urbanos periféricos e Pescadores marítimos	Bosque Azul, Aterro do Imbuuro, Horto de Macaé, Nova Holanda e Assentamento Prefeito Celso Daniel	Moradores urbanos periféricos e Pescadores marítimos Assentados

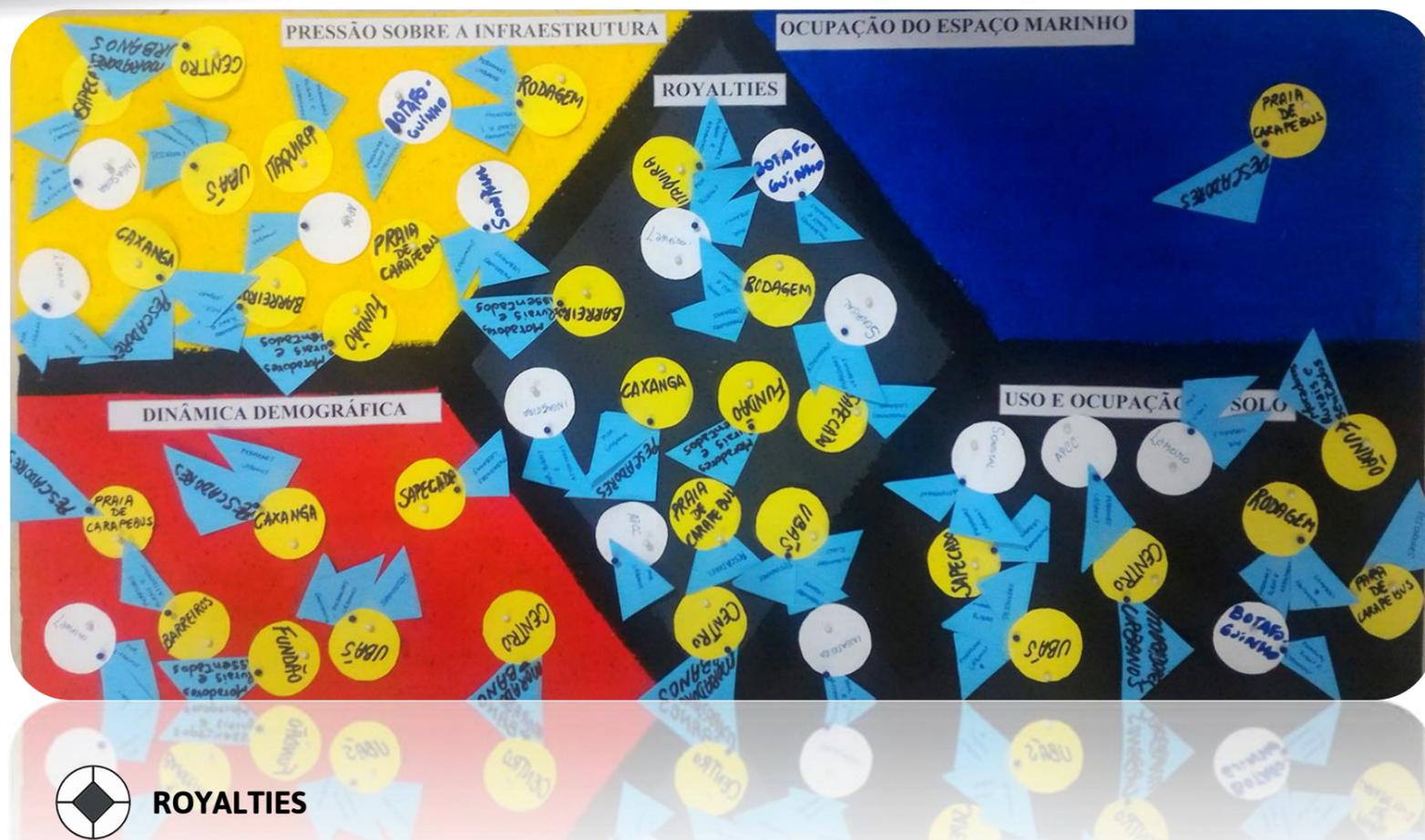


-  Bairros segundo o DP (plaquinha hexágono verde).
-  Novos bairros diagnosticados na atividade (plaquinha retângulo branco e plaquinha retângulo amarelo).
-  Grupos sociais segundo o DP (plaquinha pentágono azul).
-  Novos grupos sociais identificados na atividade (plaquinha retângulo rosa).

Macroimpacto	Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
 Ocupação do espaço marinho	Boca da Barra	Pescadores		
 Uso e ocupação do solo	Cantagalo, Rocha Leão, Mar do Norte, Nova Esperança, Âncora, Liberdade e Boca da Barra.	Moradores rurais, assentados e Moradores urbanos.	Enseada das Gaivotas	Produtores rurais familiares
 Dinâmica demográfica	Cantagalo, Rocha Leão, Nova Esperança, Mar do Norte, Liberdade e Âncora.	Moradores rurais, assentados e Moradores urbanos.	Boca da Barra e Enseada das Gaivotas	Produtores rurais familiares e Pescadores.
 Pressão sobre a infraestrutura	Cantagalo, Rocha Leão, Âncora, Mar do Norte, Nova Esperança, Liberdade e Boca da Barra.	Moradores rurais, assentados e Moradores urbanos.	Nova Cidade, Enseada das Gaivotas e Cidade Praiana e Palmital.	Produtores rurais familiares
 Royalties	Cantagalo, Rocha Leão, Mar do Norte, Liberdade, Nova Esperança e Âncora.	Moradores rurais, assentados e Moradores urbanos.	Boca da Barra	Produtores rurais familiares e Pescadores

Em Macaé e Rio das Ostras, os Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs) também explicitaram o que tinha sido considerado impactado pelo Diagnóstico Participativo (DP) e o que foi proposto pelos próprios sujeitos durante a atividade. A consideração vale tanto para localidades quanto para grupos sociais. Na apresentação dos dados, os NVCs optaram por concentrar todas as informações nos quadros sintéticos, sem recurso a textos de apoio.





Em **Carapebus** e Quissamã, os Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs) não apenas expressam claramente o que vem do Diagnóstico Participativo e o que foi proposto durante a atividade, mas também o tipo de impacto que motivou a sugestão de inclusão de um grupo ou localidade no rol dos impactados.

- Comunidade Identificada - DP (Círculos Amarelos)
- ▲ Público(s) Identificado(s) - DP- NVC (Triângulos Azuis: anexados aos respectivos círculos amarelos)
- Comunidade Apontada - NVC (Círculos Brancos)
- ▲ Público(s) Apontado(s) - NVC (Triângulos Azuis: anexados aos respectivos círculos brancos)

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
Itaquira	Moradores rurais e assentados.		
Barreiros	Moradores rurais e assentados.		
Caxanga	Pescadores marítimos/pescadores de águas interiores.		
Rodagem	Moradores rurais e assentados.		Moradores urbanos
Fundão	Moradores rurais e assentados.		
Sapecado	Moradores urbanos		
Ubás	Moradores urbanos		Moradores rurais e pescadores.
Praia de Carapebus	Pescadores marítimos/pescadores de águas interiores.		
Centro	Moradores urbanos		
		Botafoguinho	Moradores rurais e assentados.
		Lameiro	Moradores urbanos e rurais.
		Sonrisal	Moradores urbanos e assentados.
		Ingazeira	Moradores rurais e assentados.
		APCC	Moradores urbanos





PRESSÃO SOBRE A INFRAESTRUTURA

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
Itaquira	Moradores rurais e assentados.		
Barreiros	Moradores rurais e assentados.		
Caxanga	Pescadores marítimos/pescadores de águas interiores.		
Rodagem	Moradores rurais e assentados.		Moradores urbanos
Fundão	Moradores rurais e assentados.		
Sapicado	Moradores urbanos		
Ubás	Moradores urbanos		Moradores rurais e pescadores.
Praia de Carapebus	Pescadores marítimos/pescadores de águas interiores.		
Centro	Moradores urbanos		
		Botafoguinho	Moradores rurais e assentados.
		Lameiro	Moradores urbanos e rurais.
		Sonrisal	Moradores urbanos e assentados.
		Ingazeira	Moradores rurais e assentados.
		APCC	Moradores urbanos.



DINÂMICA DEMOGRÁFICA

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
Praia de Carapebus	Pescadores marítimos/pescadores de águas interiores.		
Barreiros	Moradores rurais e assentados.		
Caxanga	Pescadores marítimos/pescadores de águas interiores.		
Fundão	Moradores rurais e assentados.		
Ubás	Moradores urbanos		Moradores rurais e pescadores.
Sapicado	Moradores urbanos		
Centro	Moradores urbanos		
		Lameiro	Moradores urbanos e rurais.



OCUPAÇÃO DO ESPAÇO MARINHO

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
Praia de Carapebus	Pescadores marítimos e pescadores de águas interiores.		



OCUPAÇÃO E USO DO SOLO

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
Fundão	Moradores rurais e assentados.		
Rodagem	Moradores rurais e assentados.		Moradores urbanos
Praia de Carapebus	Pescadores marítimos/pescadores de águas interiores.		
Centro	Moradores urbanos		
Ubás	Moradores urbanos		Moradores rurais e pescadores.
Sapicado	Moradores urbanos		
		Sonrisal	Moradores urbanos e assentados.
		APCC	Moradores urbanos
		Lameiro	Moradores urbanos e rurais.
		Botafoguinho	Moradores rurais e assentados.
		Ingazeira	Moradores rurais e assentados.



Em Carapebus e **Quissamã**, os Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs) não apenas expressam claramente o que vem do Diagnóstico Participativo e o que foi proposto durante a atividade, mas também o tipo de impacto que motivou a sugestão de inclusão de um grupo ou localidade no rol dos impactados.

- Comunidade Identificada - DP (Círculos Amarelos com texto impresso)
- Público(s) Identificado(s) – DP (Triângulos Azuis anexados aos círculos amarelos, ambos com texto impresso)
- Público(s) Identificado(s) - NVC (Triângulos Azuis manuscritos anexados aos círculos amarelos com texto impresso)
- Comunidade Apontada - NVC (Círculos amarelos manuscritos)
- Público(s) Apontado(s) - NVC (Triângulos Azuis anexados aos círculos amarelos, ambos com texto manuscrito)



OCUPAÇÃO E USO DO SOLO

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
Barra do Furado	Pescadores marítimos		Moradores rural e pescadores de águas interiores
Caxias / Ribeira	Pescadores de águas interiores e moradores rurais.		
Machadinha	Quilombolas		Artesãos, moradores rurais e pescadores de águas interiores
		Alto Grande	Moradores rurais .
		Beira da Lagoa	Quilombolas, moradores rurais e pescadores de águas interiores
		Capivari	Moradores rurais e pescadores marítimos
		Fleixeiras	Pescadores marítimos, pescadores de águas interiores e moradores rurais
		Matias	Ciganos, moradores urbanos e rurais e pescadores de águas interiores
		Mutum	Quilombolas e moradores rurais



**PRESSÃO SOBRE A INFRAESTRUTURA**

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
Barra do Furado	Pescadores		Pescadores marítimos e pescadores de águas interiores.
Caxias / Ribeira	Moradores rurais		Pescadores de águas interiores
Centro			Pescadores marítimos e pescadores de águas interiores.
Machadina	--		
		Beira da Lagoa	Moradores rurais, quilombolas e pescadores de águas interiores.

**DINÂMICA DEMOGRÁFICA**

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
Barra do Furado	--		Pescadores marítimos e pescadores de águas interiores.
Caxias / Ribeira	--		Moradores rurais e pescadores de águas interiores.
Machadina	Quilombolas		Moradores rurais

**OCUPAÇÃO DO ESPAÇO MARINHO**

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
Barra do Furado	Pescadores artesanais interiores e pescadores marinhos.		Artesãos
		João Francisco	Pescadores de águas interiores e pescadores marítimos.
		Visgueiro	Pescadores de águas interiores e pescadores marítimos.

**ROYALTIES**

Localidades listadas no DP	Grupos sociais listados no DP	Novas localidades citadas pelos participantes	Novos grupos sociais citados pelos participantes
Barra do Furado	Pescadores de águas interiores e pescadores marítimos.		
Caxias / Ribeira	Pescadores de águas interiores		Moradores rurais
Centro	Pescadores de águas interiores e moradores urbanos.		
Machadina	Quilombolas		Moradores rurais e artesãos.
		Bacurau	Quilombolas.
		Beira da Lagoa	Pescadores de águas interiores e moradores rurais.
		Boa Vista	Quilombolas.
		Matias	Moradores rurais e urbanos.
		Mutum	Ciganos e quilombolas.
		Santa Luzia	Quilombolas

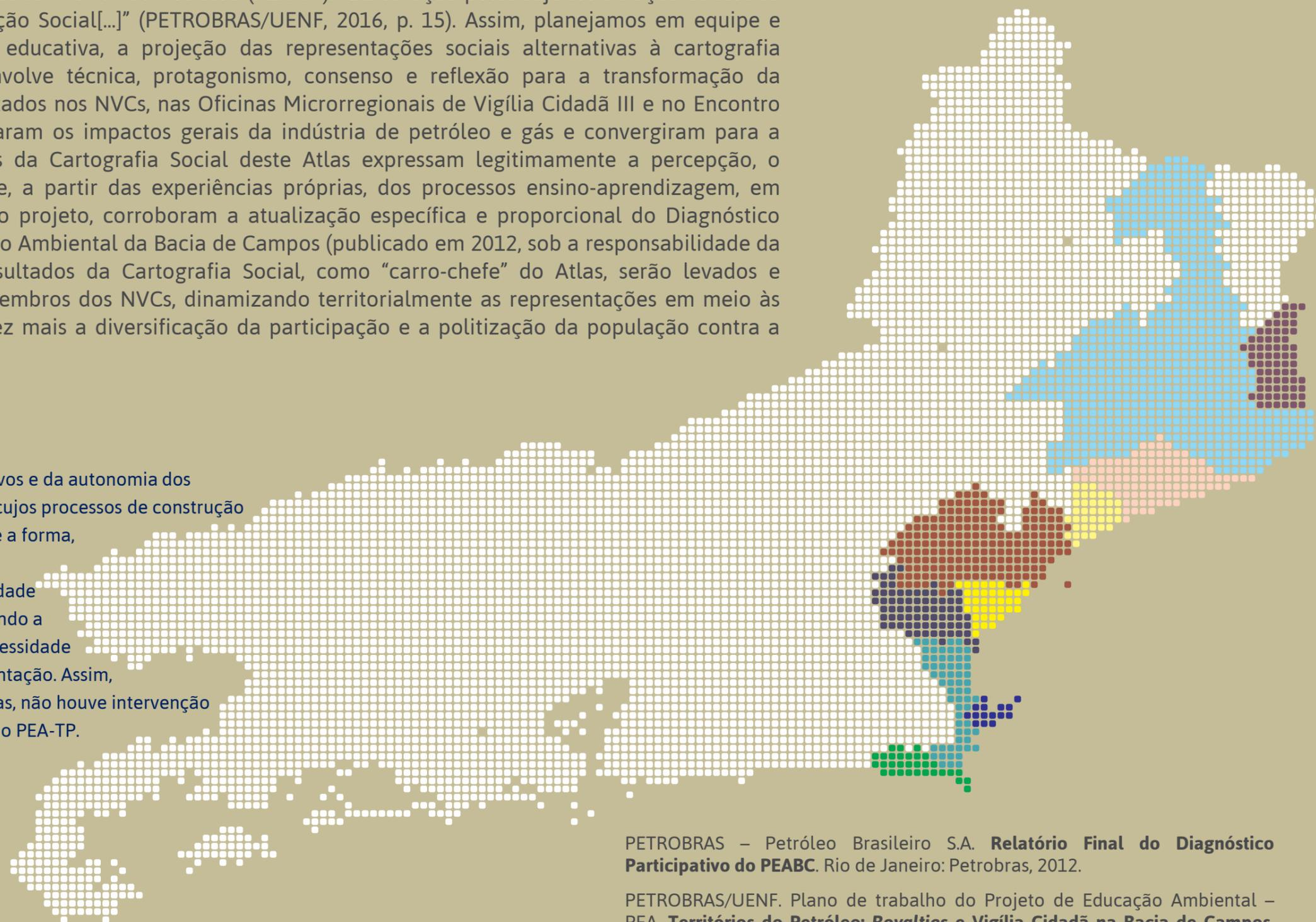
O processo de formação e produção da Cartografia Social no projeto teve como objetivo cumprir a meta 6 do Plano de Trabalho do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo (PEA-TP): “Elaboração pelos sujeitos da ação educativa e publicação digital de Cartografias da Ação Social[...]” (PETROBRAS/UENF, 2016, p. 15). Assim, planejamos em equipe e executamos, junto aos sujeitos da ação educativa, a projeção das representações sociais alternativas à cartografia convencional, como metodologia que envolve técnica, protagonismo, consenso e reflexão para a transformação da realidade vivida. Os trabalhos foram realizados nos NVCs, nas Oficinas Microrregionais de Vigília Cidadã III e no Encontro Regional da Fase II do PEA-TP; contemplaram os impactos gerais da indústria de petróleo e gás e convergiram para a temática dos royalties. As representações da Cartografia Social deste Atlas expressam legitimamente a percepção, o conhecimento e os desejos dos NVCs que, a partir das experiências próprias, dos processos ensino-aprendizagem, em variados espaços e modelos formativos do projeto, corroboram a atualização específica e proporcional do Diagnóstico Participativo (DP) do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (publicado em 2012, sob a responsabilidade da Petrobras). Na Fase III do PEA-TP, os resultados da Cartografia Social, como “carro-chefe” do Atlas, serão levados e dialogados junto às comunidades pelos membros dos NVCs, dinamizando territorialmente as representações em meio às devolutivas orais e oportunizando cada vez mais a diversificação da participação e a politização da população contra a desinformação.

OBSERVAÇÃO EXTRA

As grafias nos mapas resultam de trabalhos coletivos e da autonomia dos Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs) dos municípios, cujos processos de construção levaram mais o conteúdo em consideração do que a forma, incluindo aspectos acadêmicos e convenções.

Na mediação era apresentada a proposta da atividade para a compreensão quanto à finalidade, respeitando a criatividade e as definições dos sujeitos sem a necessidade ou a obrigatoriedade de padronização da representação. Assim, da escolha dos impactos às localizações nos mapas, não houve intervenção da mediação na confecção da Cartografia Social do PEA-TP.

Ao final, seguindo a mesma concepção de liberdade, os NVCs se articularam para trabalhar em escalas e com consensos para elaboração dos mapas, representando as expressões e projeções dos sujeitos da ação educativa.



PETROBRAS – Petróleo Brasileiro S.A. **Relatório Final do Diagnóstico Participativo do PEABC**. Rio de Janeiro: Petrobras, 2012.

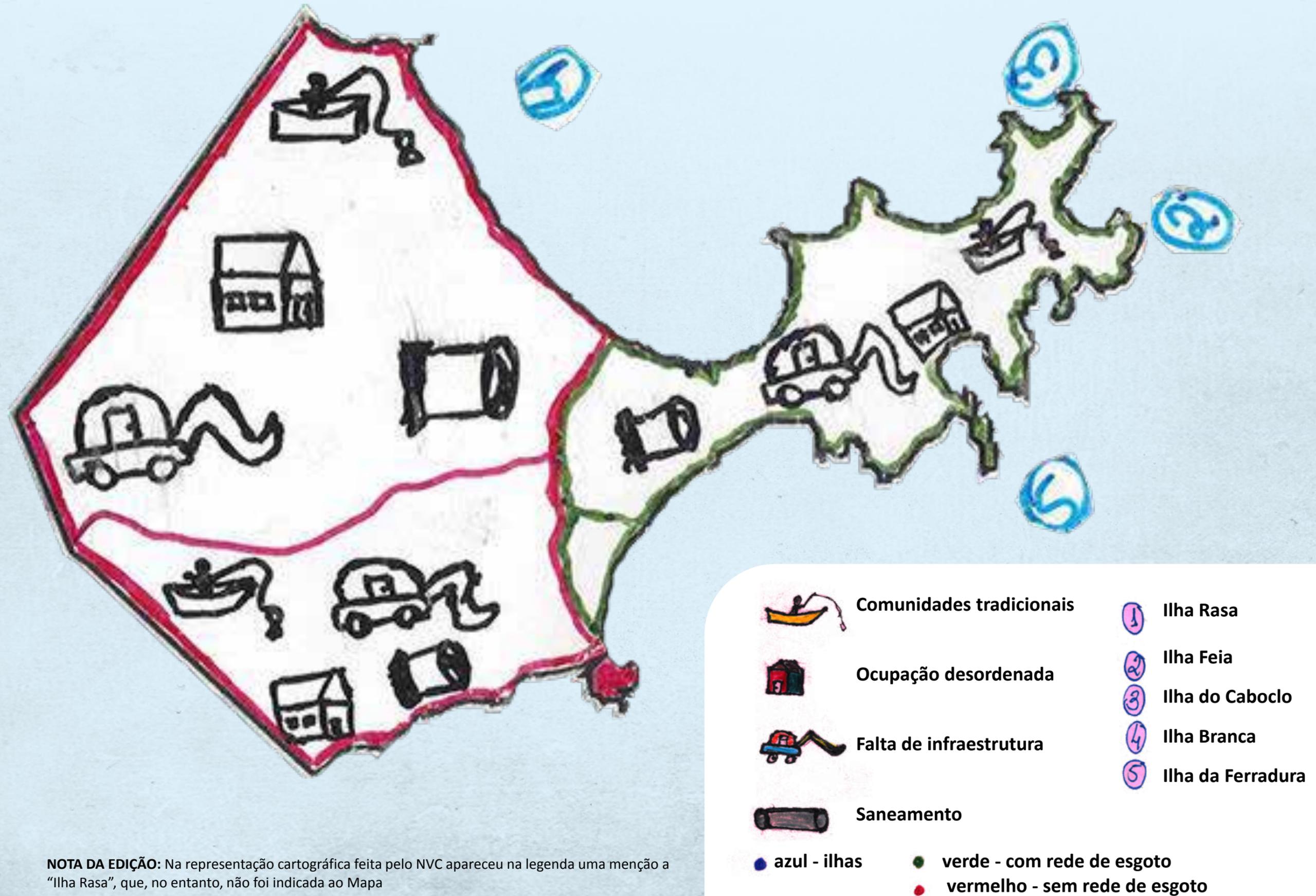
PETROBRAS/UENF. Plano de trabalho do Projeto de Educação Ambiental – PEA. **Territórios do Petróleo: Royalties e Vigília Cidadã na Bacia de Campos**. Rio de Janeiro: Petrobras, abril de 2016.

Cartografia Social

Mapas dos Impactos Gerais

Após exposições dialogadas, diferenciações entre as Cartografias “Oficial” e Social, bem como a realização de duas atividades individuais de mapeamento, buscamos o levantamento por cada NVC e a representação coletiva dos impactos gerais municipais da indústria de petróleo e gás na Bacia de Campos. Por meio dos princípios da Cartografia Social, a exemplo da criação das simbologias para o sistema de identificação em legendas, os participantes exerceram o protagonismo numa folha com os contornos municipais ao passo que apre(e)ndiam no saber-fazer a trocar experiências e conhecimentos. O resultado foi apresentado por agrupamento de NVC nas chamadas reuniões microrregionais Norte, Centro e Sul, com a construção, ao final, de um mapa temático dos 10 (dez) municípios, De modo a revelar as especificidades dos olhares sobre os territórios impactados e suas dimensões em geral.





NOTA DA EDIÇÃO: Na representação cartográfica feita pelo NVC apareceu na legenda uma menção a "Ilha Rasa", que, no entanto, não foi indicada ao Mapa

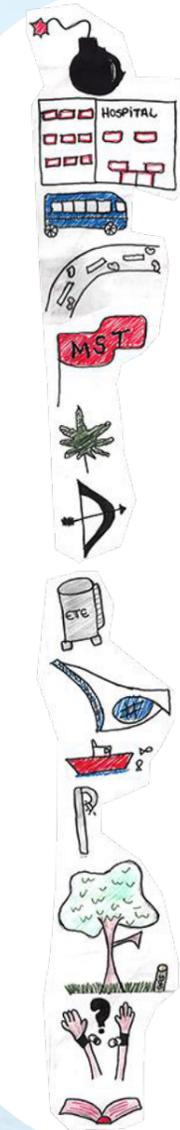


- Coleta de lixo residencial
- Coleta de entulhos
- ▲ Iluminação Pública
- Reforma das praças
- ⊞ Capina das ruas
- ⊞ Limpeza das fossas
- + Instalação de todas as secretarias
- ⊞ Transporte público deficitário
- ▭ Calçamentos das ruas
- ⊞ Rede de esgoto e água
- ⊞ Projetos sociais/ambientais

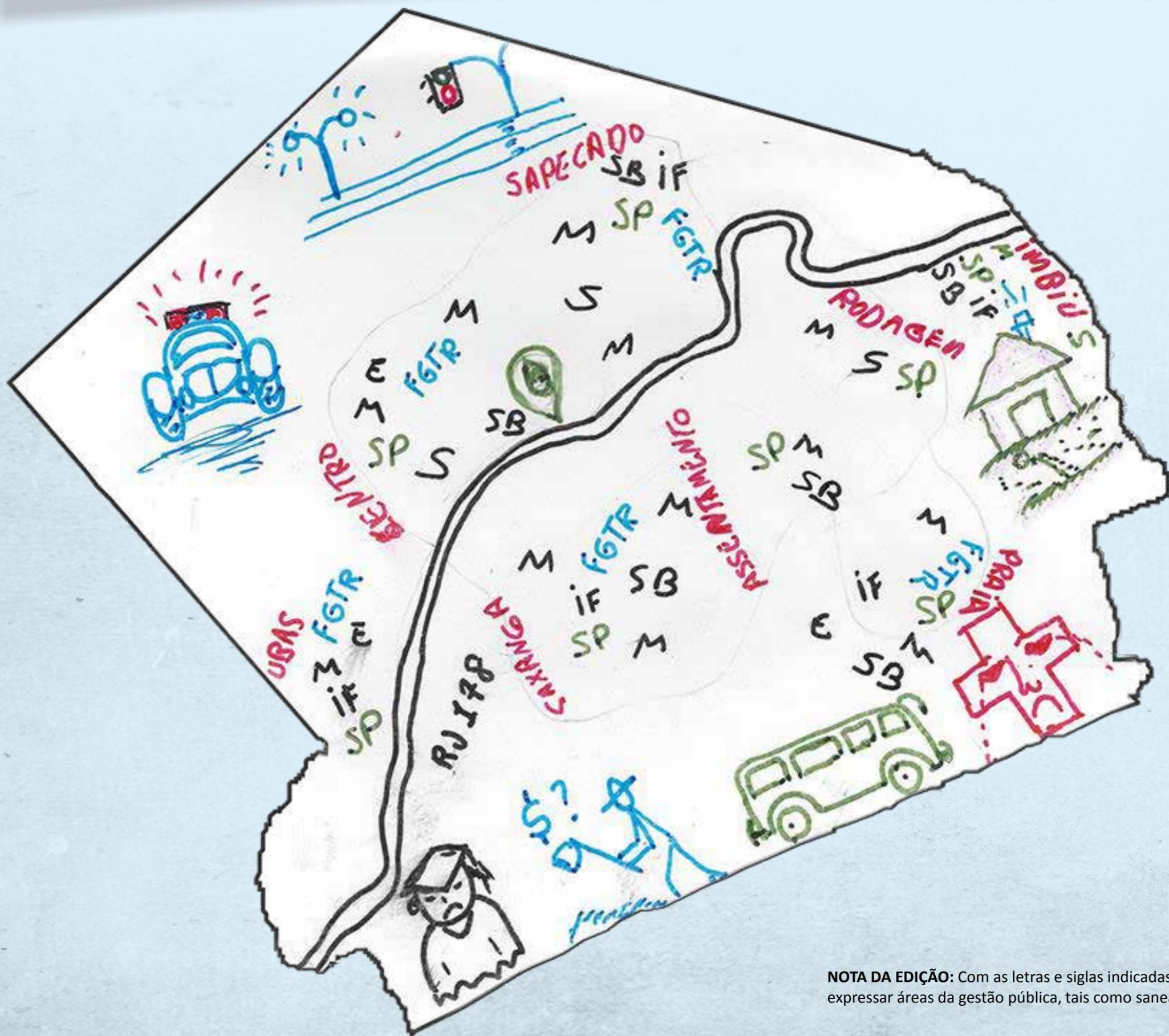
- ⊞ Divulgação do programa de prevenção à dengue
- M- Melhoras da RJ 102/140
- RC- Rede coletora
- LLP- Limpeza na lagoa e na praia
- POC- Projeto para colher óleo de cozinha
- EPL- Escassez dos pescados na lagoa
- IM- Infraestrutura da marina
- PSP- Projeto de saúde preventiva
- SP- Segurança pública
- PAP- Prevenção de áreas permanentes
- ACD- Área de ocupação desordenada
- DE- Descaso com a educação



-  Iluminação precária
-  Saúde precária
-  Educação deficitária
-  Transporte insuficiente
-  Violência
-  Construção irregular
-  Falta de saneamento básico
-  Vias sem pavimentação

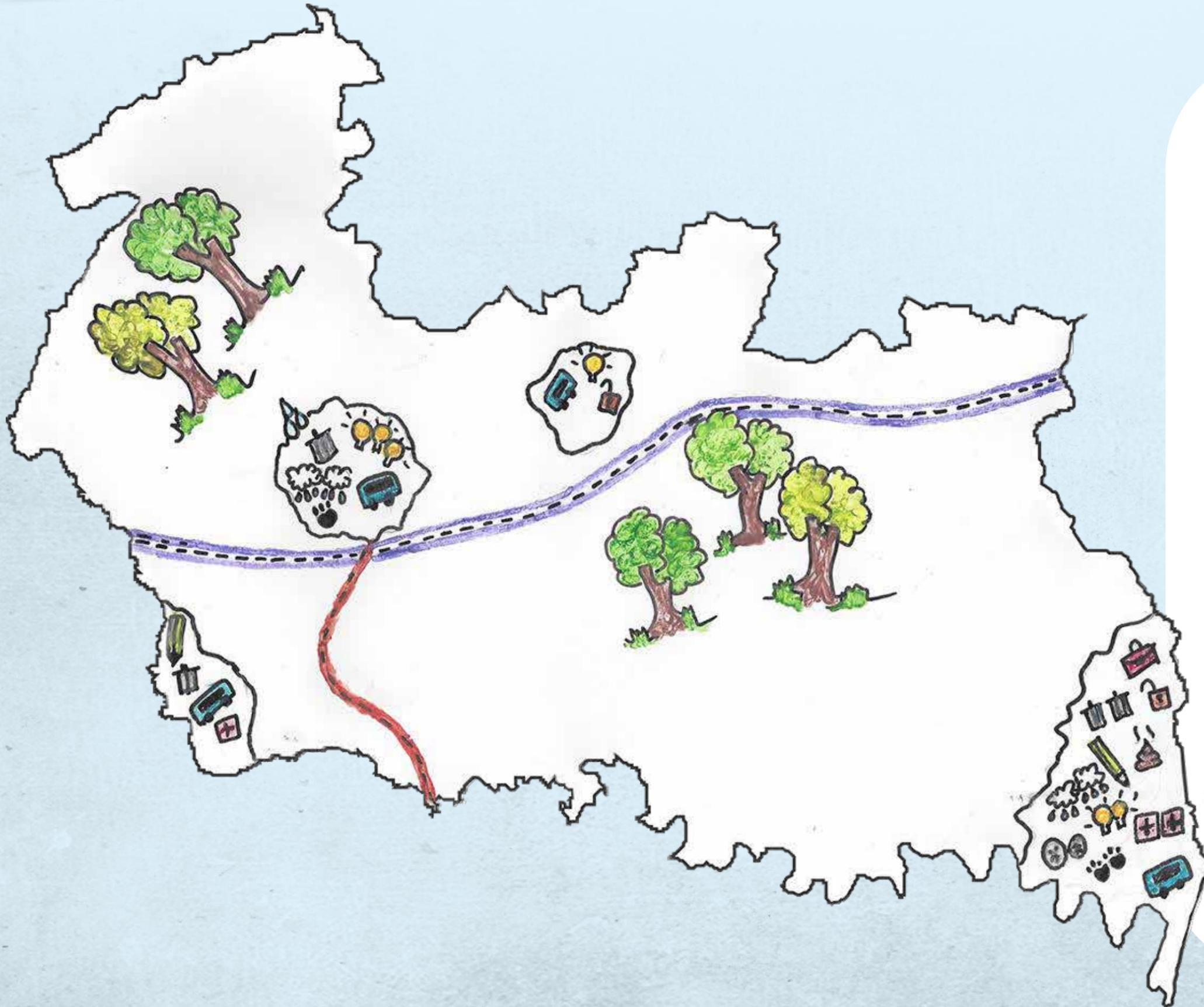


- Violência
- Saúde precária
- Transporte deficitário
- Ruas esburacadas
- Movimento social abandonado pelo poder público
- Tráfico de drogas
- Falta de incentivo à cultura regional
- Ausência ou deficiência de saneamento básico
- Descaso com educação
- Ocupação do espaço marinho
- Falta de iluminação pública
- Gasoduto
- Falta de incentivo aos povos tradicionais
- Educação precária



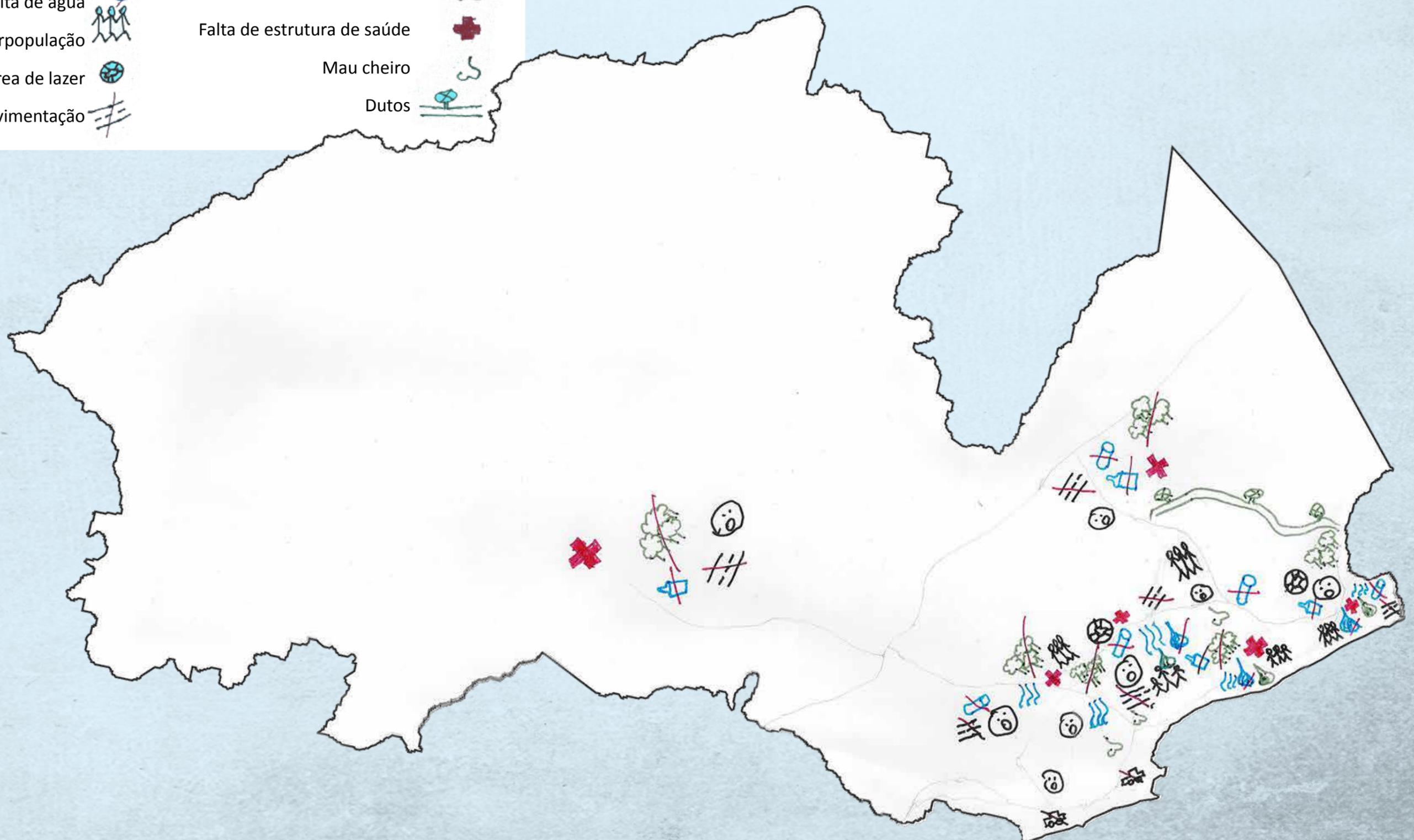
- Infraestrutura
- Educação
- Falta de geração de trabalho e renda
- Mobilidade
- Saúde
- Saneamento básico
- Segurança pública

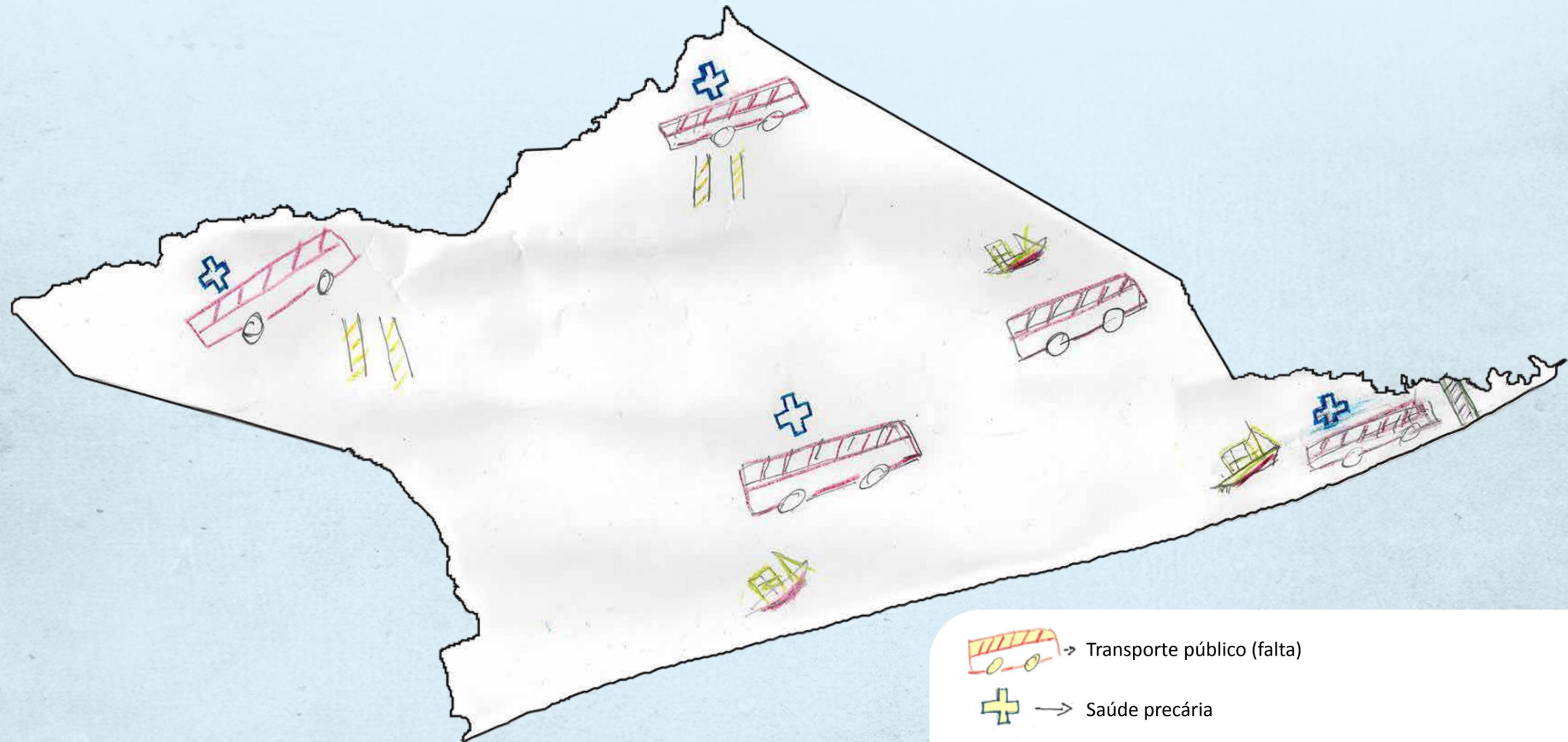
NOTA DA EDIÇÃO: Com as letras e siglas indicadas no mapa, os sujeitos da ação educativa quiseram expressar áreas da gestão pública, tais como saneamento básico (SB) e segurança pública (SP).

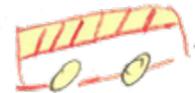


- Coleta e tratamento de água
- Resíduos sólidos
- Águas pluviais
- Esgoto
- Segurança
- Mobilidade urbana
- Animais em situação de rua
- Saúde
- Iluminação pública
- Pessoas em situação de rua
- Desemprego
- Educação
- Movimentação por demanda
- Intensidade
- 1 gota - Péssimo
- 2 gotas - Regular
- 3 gotas - Excelente
- Reservas biológicas
- União - Poço das Antas
- Rodovia Gov. Mário Covas (Br 101)

- | | | | |
|----------------------------|--|-----------------------------|--|
| Falta de creches | | Insegurança | |
| Falta de saneamento básico | | Má qualidade da água | |
| Alagamento | | Desmatamento | |
| Falta de água | | Falta de estacionamento | |
| Superpopulação | | Falta de estrutura de saúde | |
| Falta de área de lazer | | Mau cheiro | |
| Falta de pavimentação | | Dutos | |





-  → Transporte público (falta)
-  → Saúde precária
-  → Complexo Farol Barra do Furado (obra incompleta)
-  → Pesca interrompida pela manutenção do duto
-  → Impactado pelo duto



Legend for social impacts:

- SAÚDE (Health) - Red background with a cross icon.
- SANEAMENTO (Sanitation) - Brown background with a water tap icon.
- Ocupação do solo e crescimento desordenado (Land use and uncontrolled growth) - Grey background with a house icon.
- INFRAESTRUTURA (Infrastructure) - Purple background with a dollar sign icon.
- SEGURANÇA (Security) - Green background with a handgun icon.
- DUTO DE GÁS (Gas Pipeline) - Yellow background with a gas pipe icon.
- MOBILIDADE (Mobility) - Blue background with a car and bus icon.

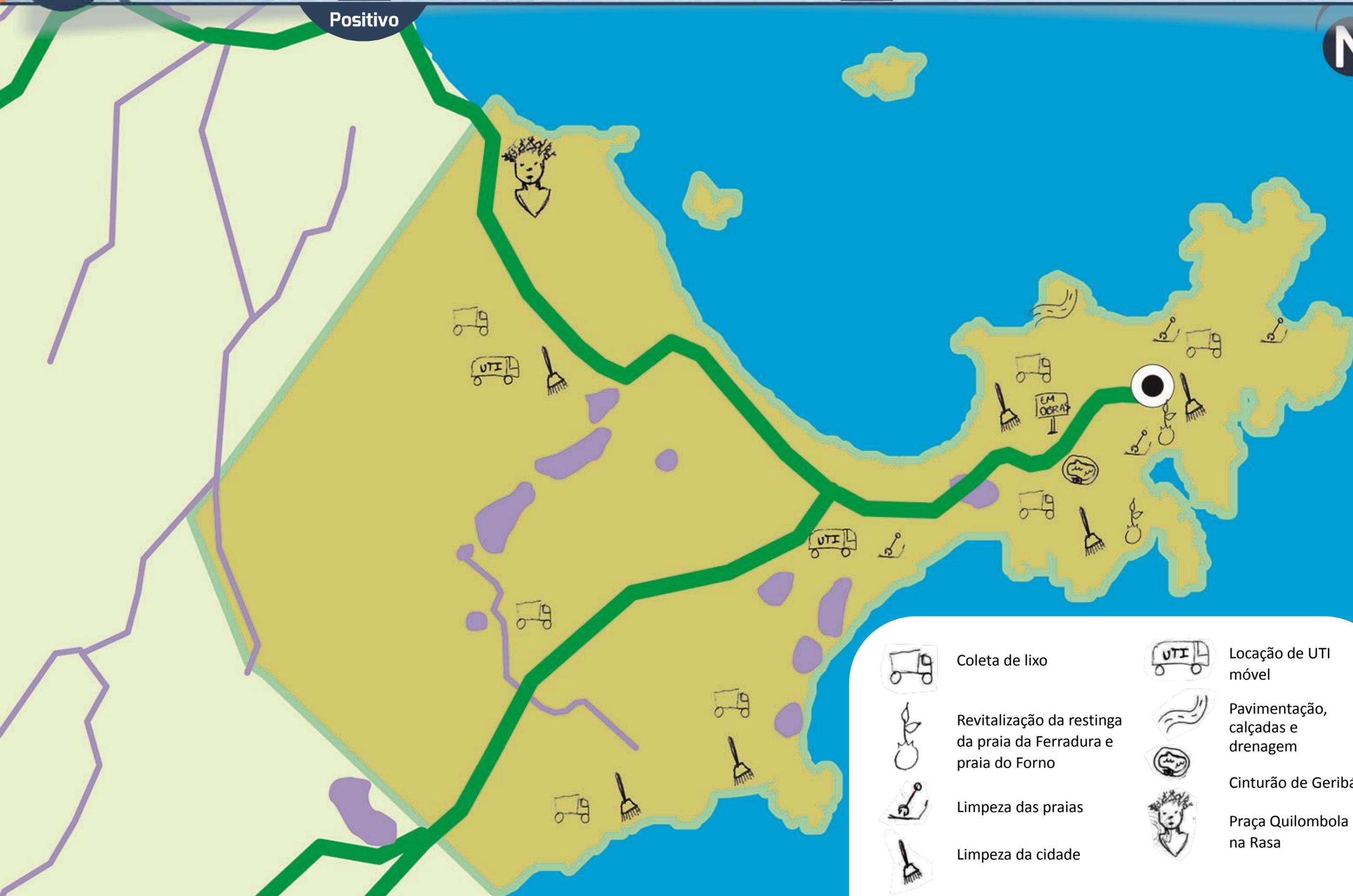
Cartografia Social

Mapas dos Impactos Positivos e Negativos

Já familiarizados com o desenvolvimento da Cartografia Social, os NVCs concordaram com a missão de focar melhor a temática dos royalties, elucidando nos mapas relacionados os seus impactos positivos e negativos localizados nos respectivos territórios municipais. Para tal atividade, receberam uma base personalizada (referência cartográfica do TCE) e dialogaram sobre as possibilidades de utilização dos recursos provenientes dos royalties e das participações especiais. Geralmente, consideravam as ausências na aplicação em determinadas políticas públicas, mas reconheciam alguns investimentos, localizando-os, com exceção do NVC de Arraial do Cabo, que não representou impactos positivos por não os reconhecer, mesmo ao se analisar o antes e o depois dos royalties. As comparações entre os mapas supostamente “antagônicos” permitem reflexões ora por explicações ora por indagações.



Positivo



Coleta de lixo



Revitalização da restinga da praia da Ferradura e praia do Forno



Limpeza das praias



Limpeza da cidade



Locação de UTI móvel



Pavimentação, calçadas e drenagem



Cinturão de Geribá



Praça Quilombola na Rasa

Negativo



Falta de esgotamento sanitário



Desmatamento



Ocupação desordenada



Infraestrutura urbana



Violência



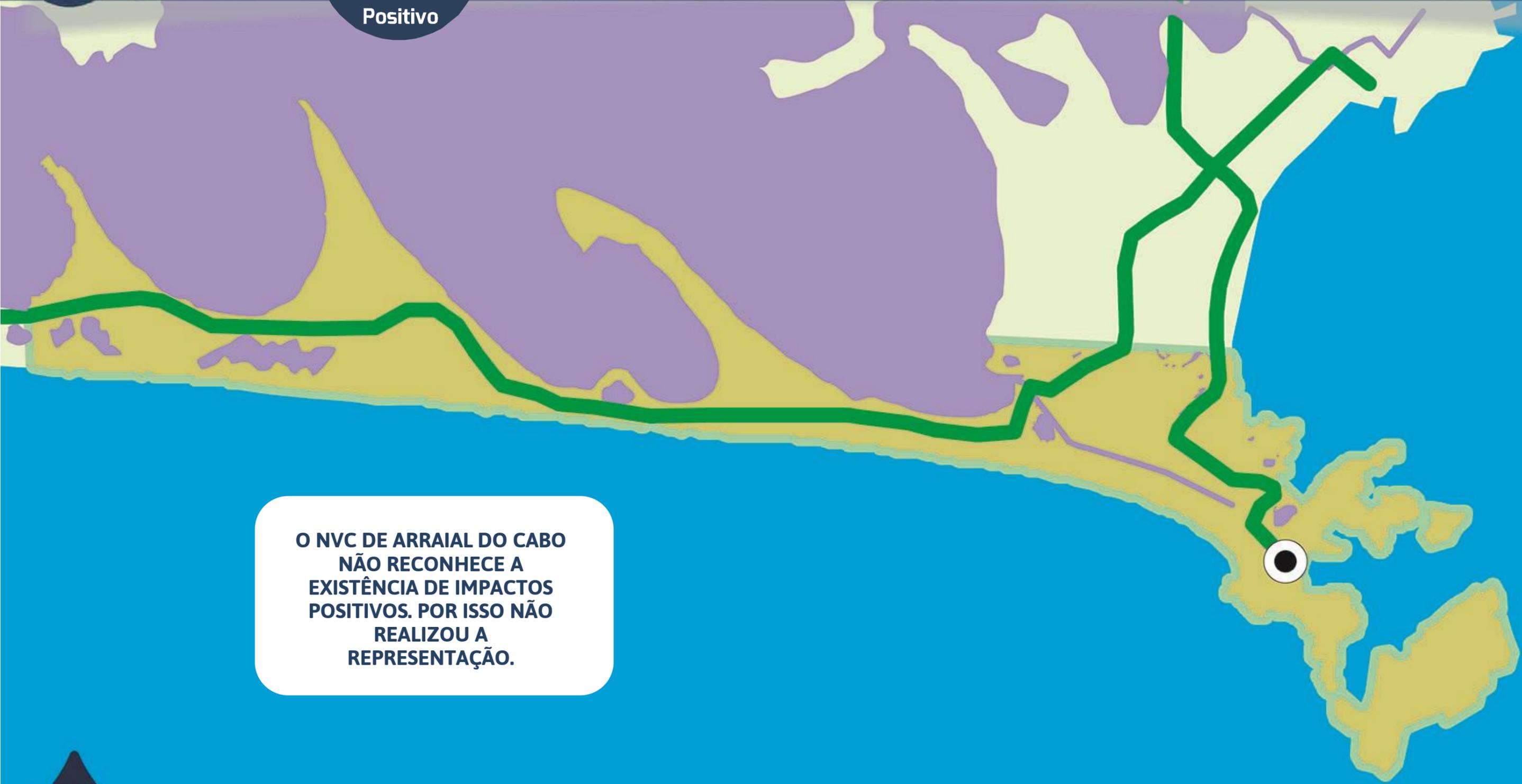
Desabastecimento de água



Trânsito/mobilidade urbana

Todo o Município de Búzios
Queda de energia

Positivo



O NVC DE ARRAIAL DO CABO NÃO RECONHECE A EXISTÊNCIA DE IMPACTOS POSITIVOS. POR ISSO NÃO REALIZOU A REPRESENTAÇÃO.



Negativo



-  Aplicação indevida dos royalties
-  Escolas sem pinturas
-  Falta de saneamento básico
-  Falta de infraestrutura
-  Falta de investimento na saúde pública



Positivo



Crescimento populacional



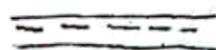
Projetos de Educação Ambiental



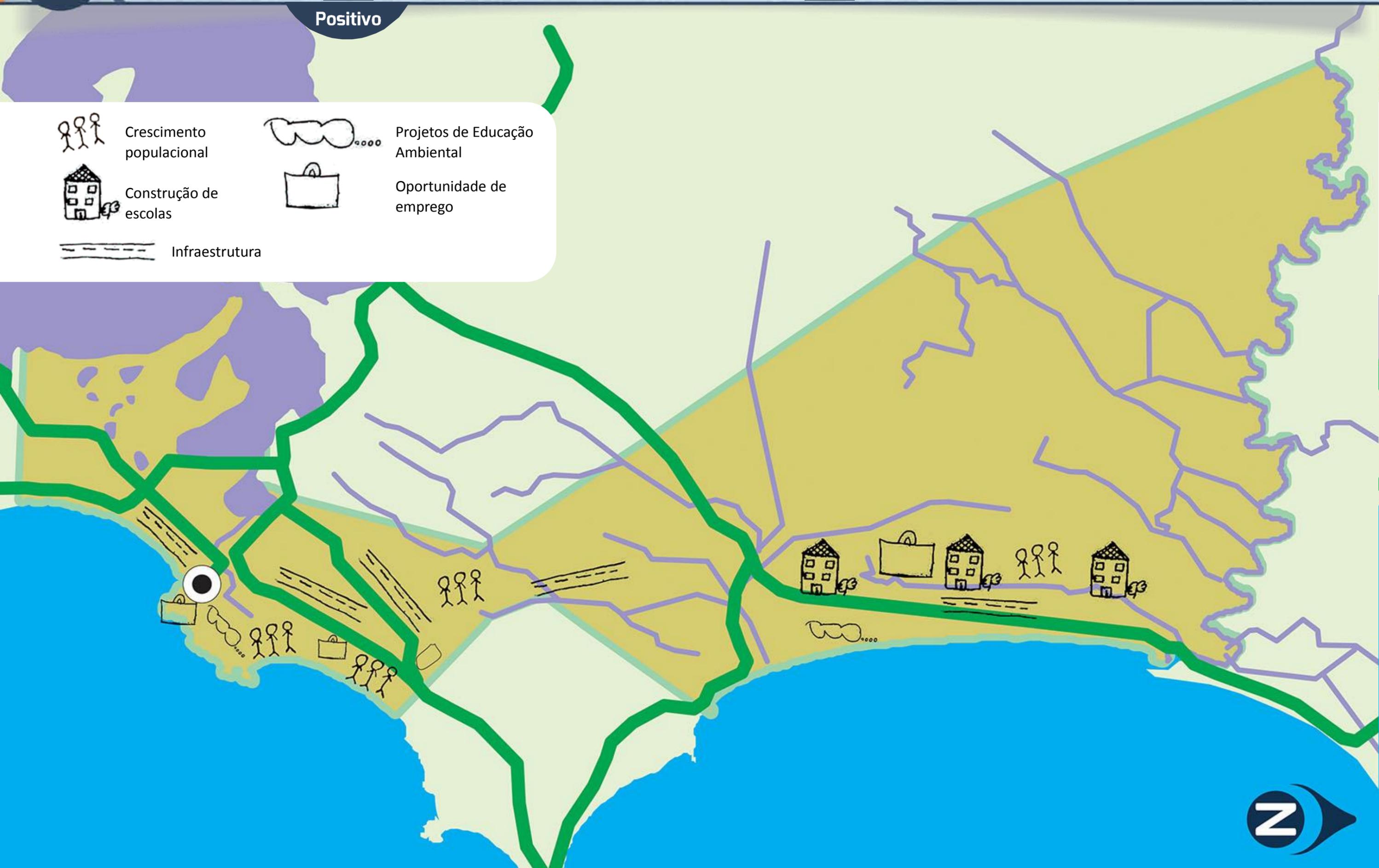
Construção de escolas



Oportunidade de emprego



Infraestrutura



Negativo



Violência



Corrupção



Falta de transporte público



Falta de infraestrutura



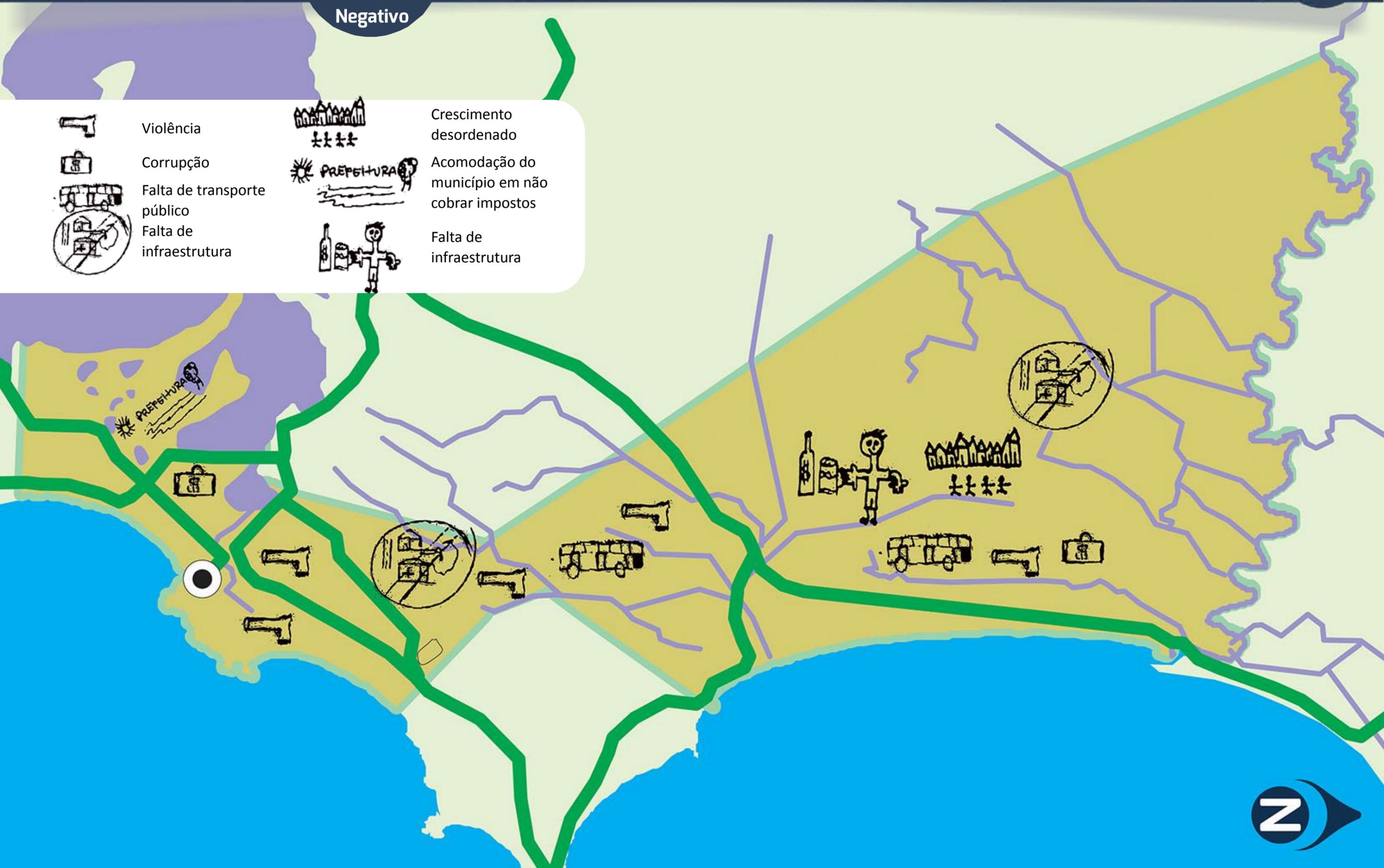
Crescimento desordenado



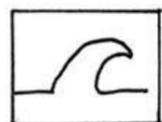
Acomodação do município em não cobrar impostos



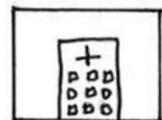
Falta de infraestrutura



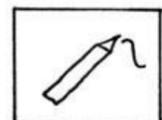
Positivo



- Turismo (shows e eventos durante o verão)
- Farol de São Thomé



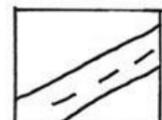
- Obras na área de saúde: Centro, Baixada (Tocos, Goytacazes), Guarus



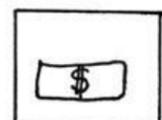
- Obras na área escolar na zona rural: Dores de Macabu, Quilombo de Lagoa Feia, Tocos



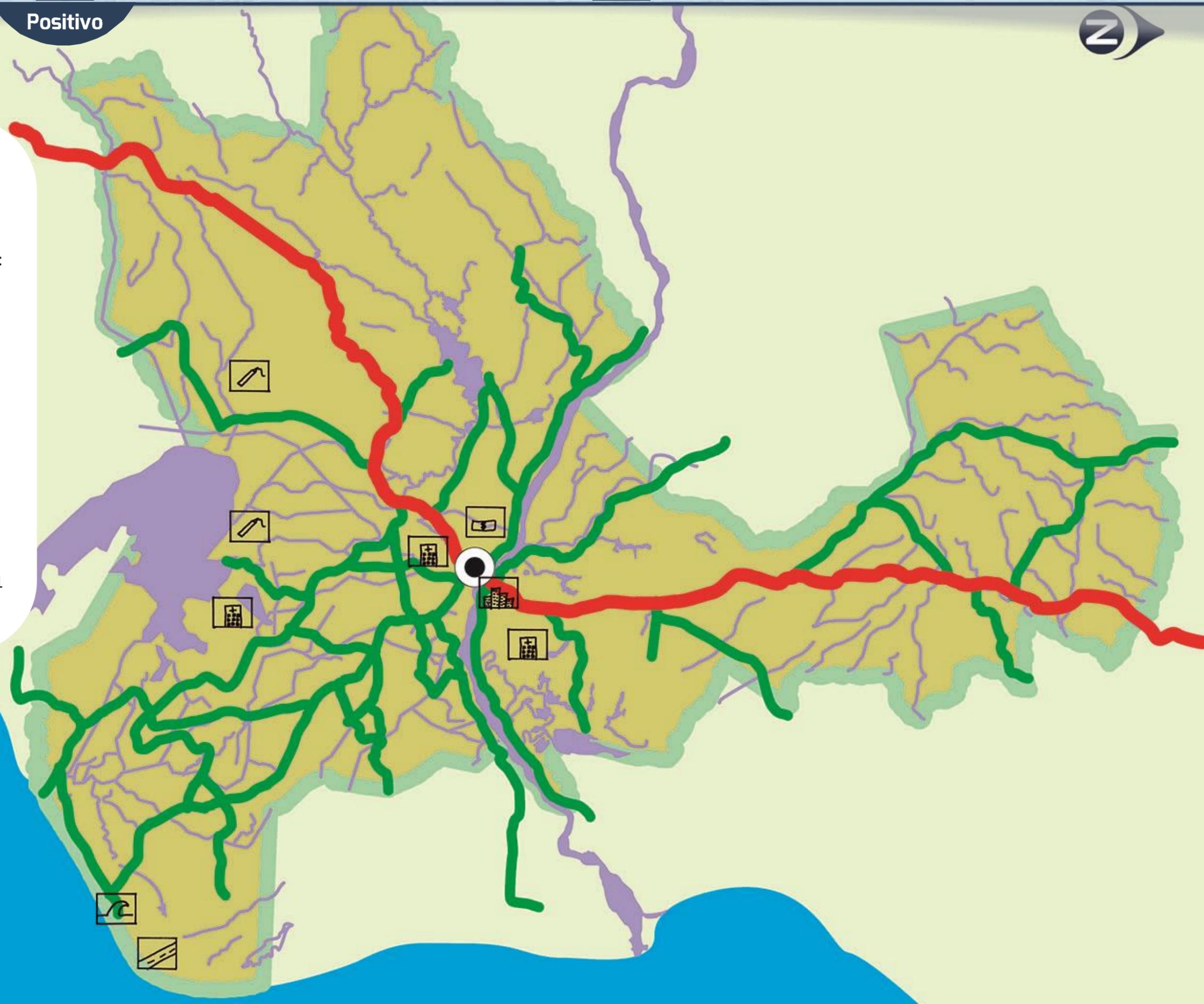
- Urbanização na área central



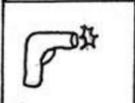
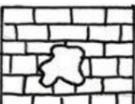
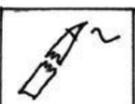
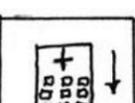
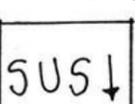
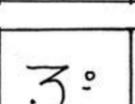
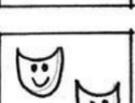
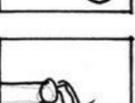
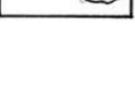
- Pavimentação de ruas: Farol de São Thomé

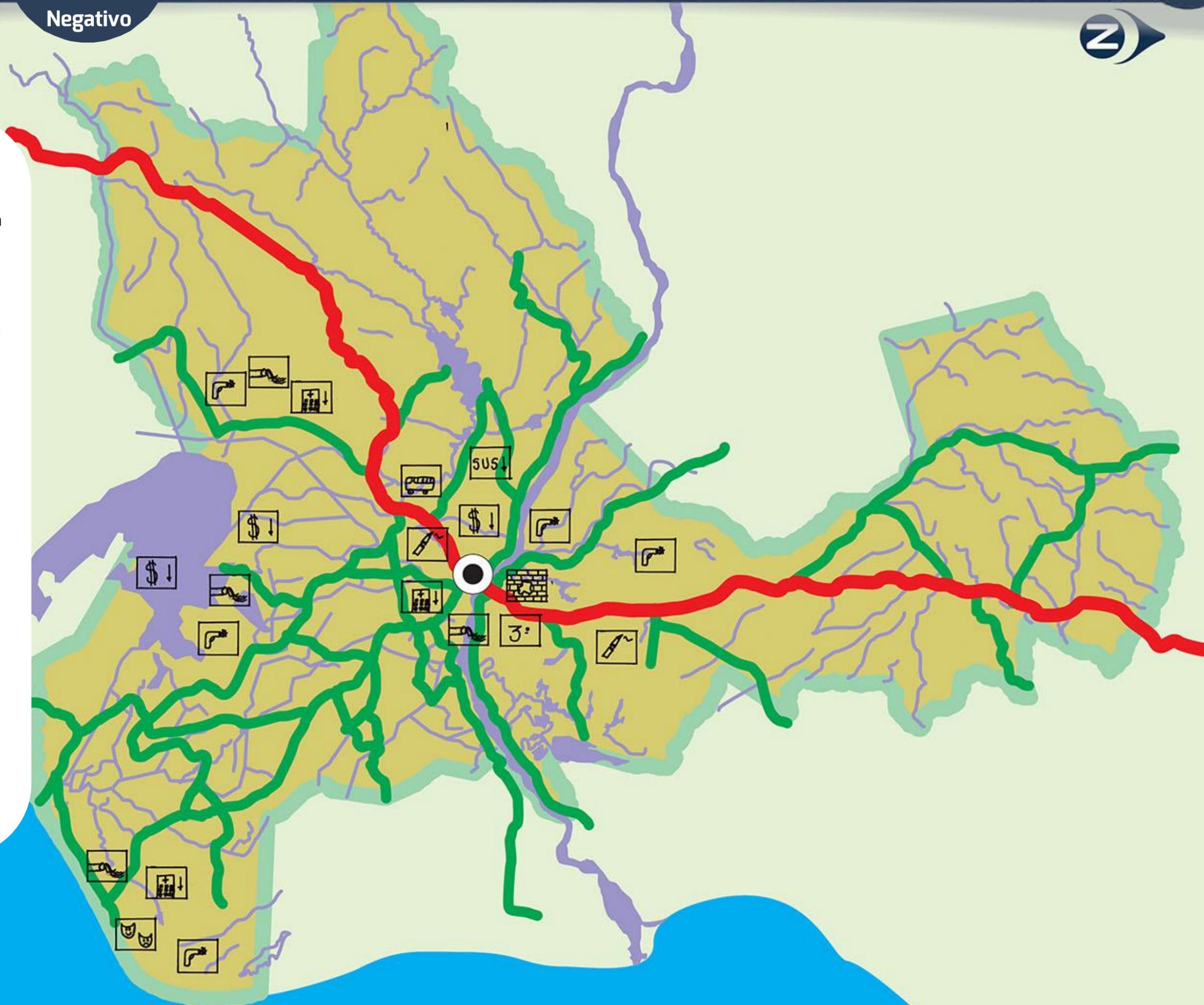


- Programas sociais municipais (passagem a 1 real e Cheque Cidadão)

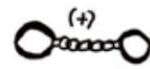
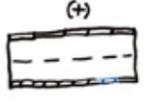


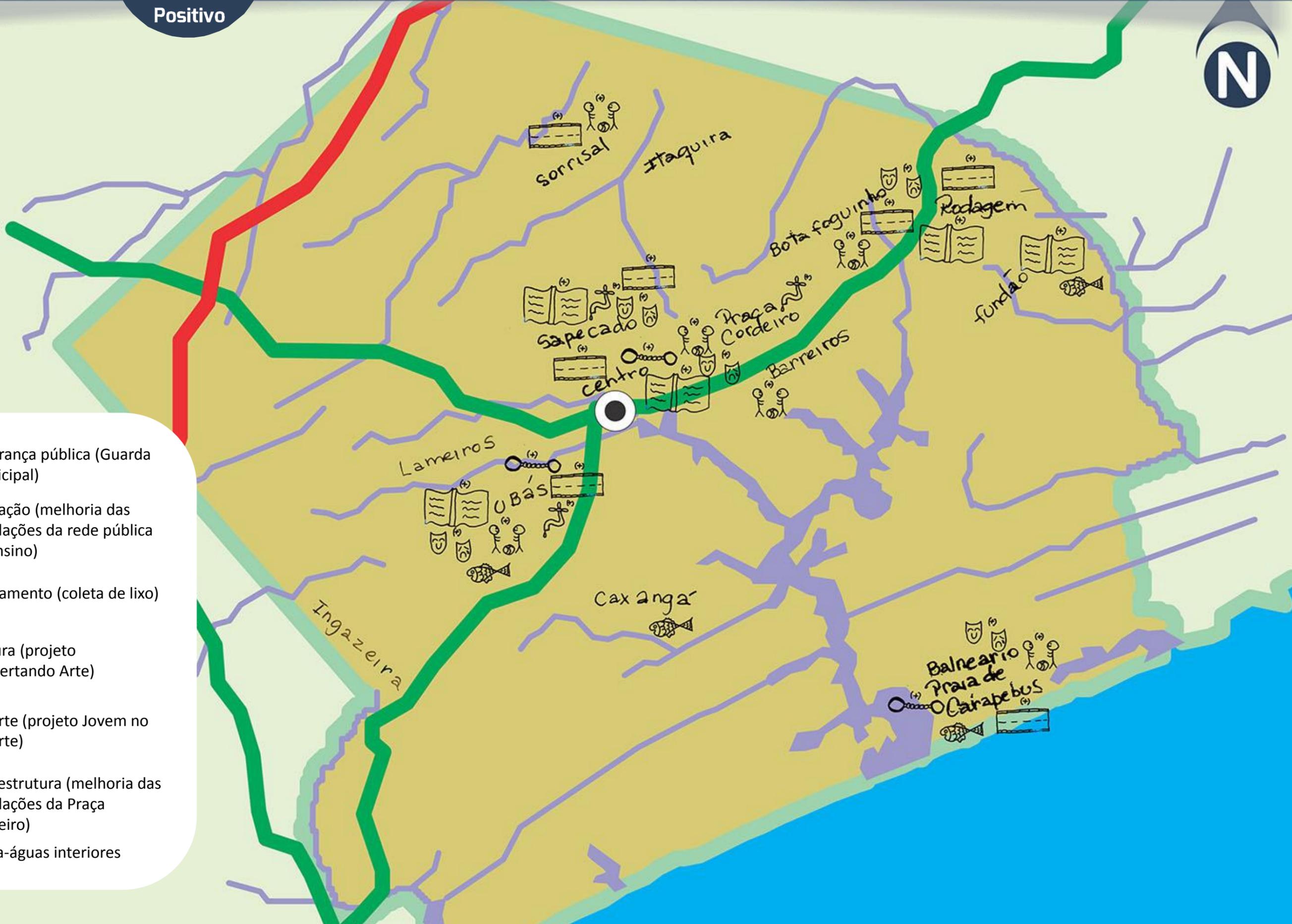
Negativo

-  Desemprego devido à queda dos royalties no município
-  Aumento da criminalidade por falta de investimento na segurança pública
-  Falta de infraestrutura devido ao crescimento populacional
-  Educação defasada por falta de investimento
-  Saúde precária por falta de investimento
-  Déficit no desenvolvimento do SUS
-  Terceirização de mão de obra (RPA)
-  Cultura precária
-  Falta de investimento no saneamento básico (Farol de São Thomé, Guarus, Tocos, Dores de Macabu e Quilombo de Lagoa Feia)
-  Transporte precário no município



Positivo

-  Segurança pública (Guarda Municipal)
-  Educação (melhoria das instalações da rede pública de ensino)
-  Saneamento (coleta de lixo)
-  Cultura (projeto Despertando Arte)
-  Esporte (projeto Jovem no Esporte)
-  Infraestrutura (melhoria das instalações da Praça Cordeiro)
-  Pesca-águas interiores



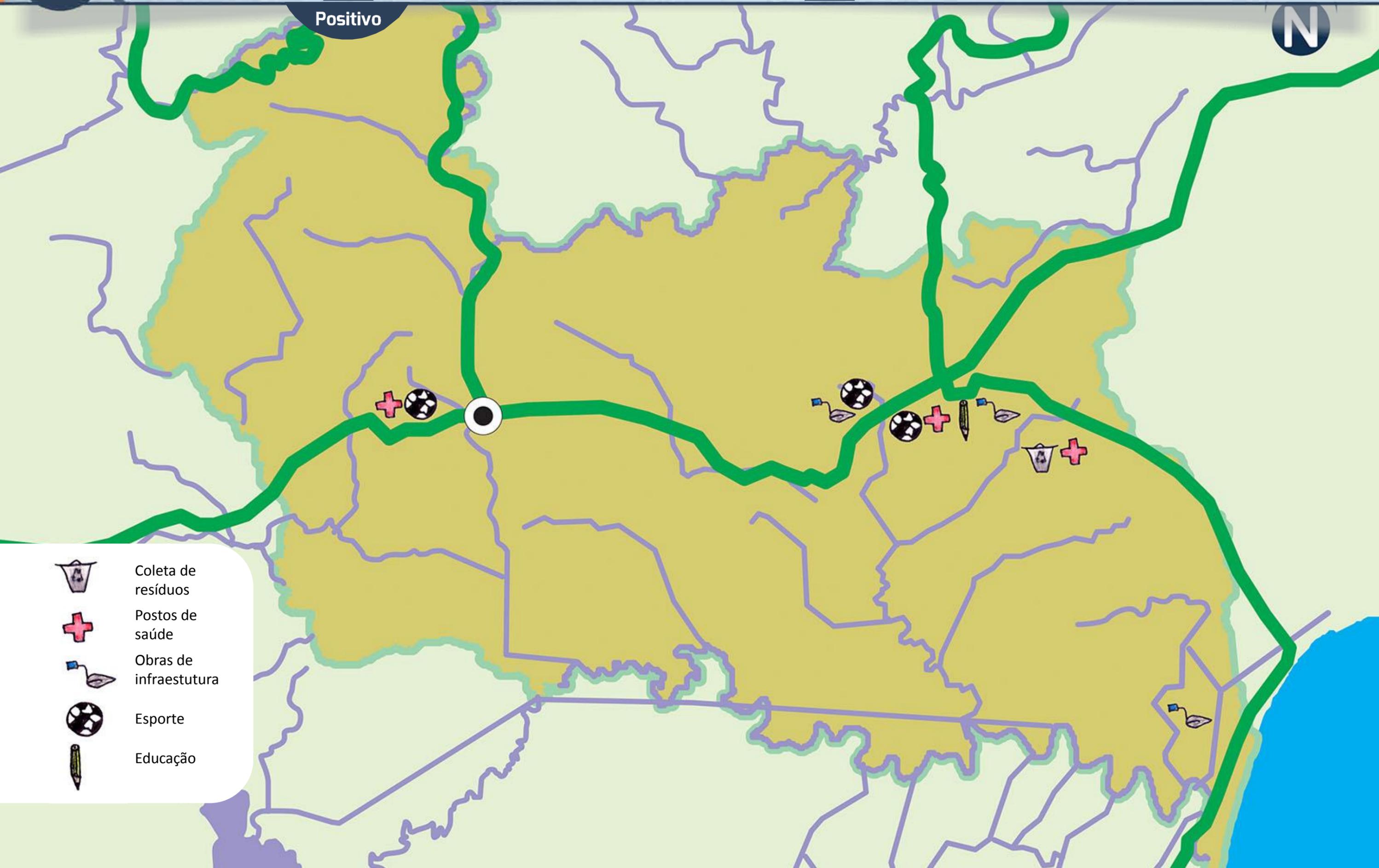
Negativo



- Segurança Pública (PM)
- Infraestrutura (calçamento)
- Saneamento
- Educação (falta de algumas instituições de nível técnico e superior)
- Esporte
- Saúde
- Iluminação
- Transporte urbano
- Meio ambiente
- Agricultura e pesca (sem apoio à agricultura e à pesca)
- Acessibilidade (infraestrutura)

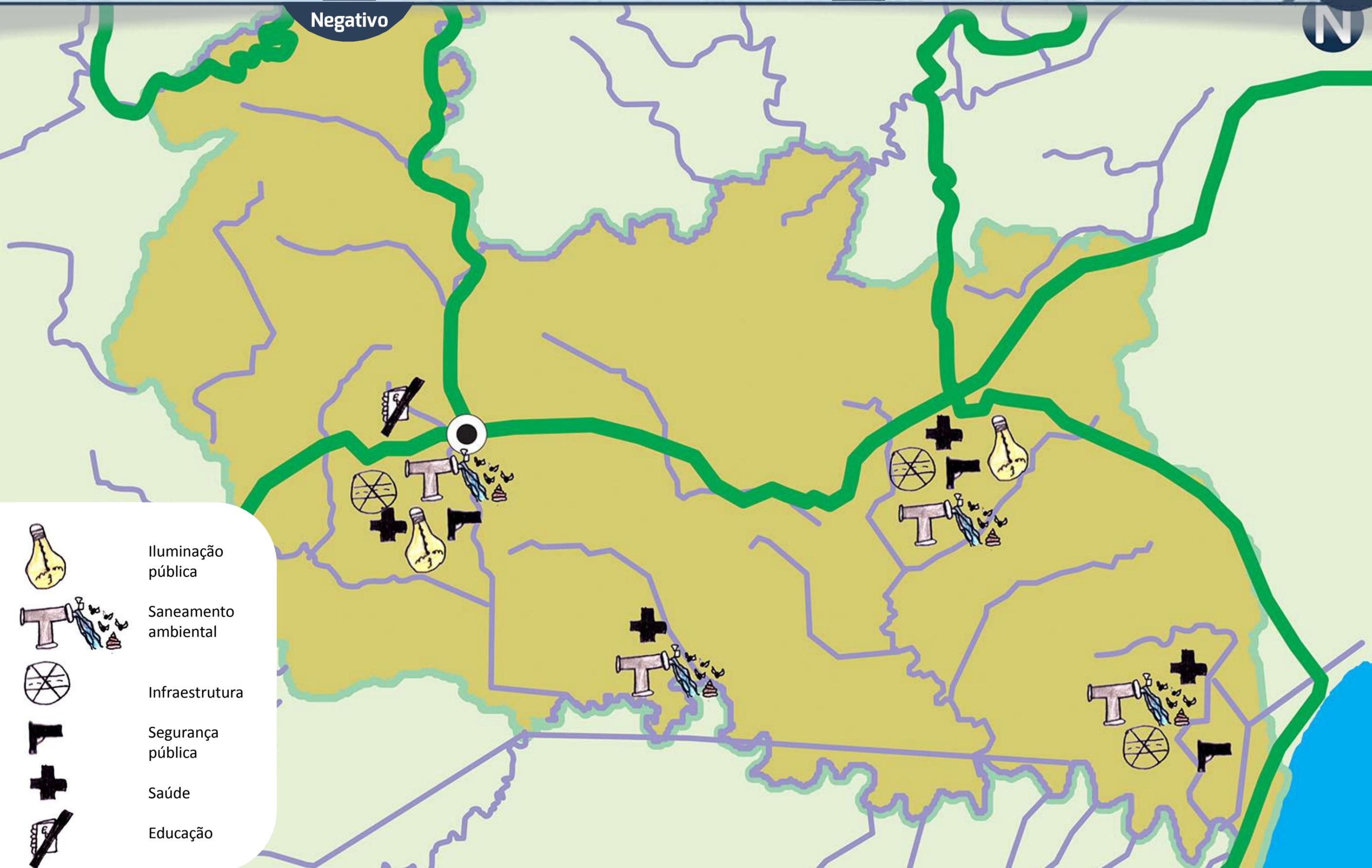


Positivo



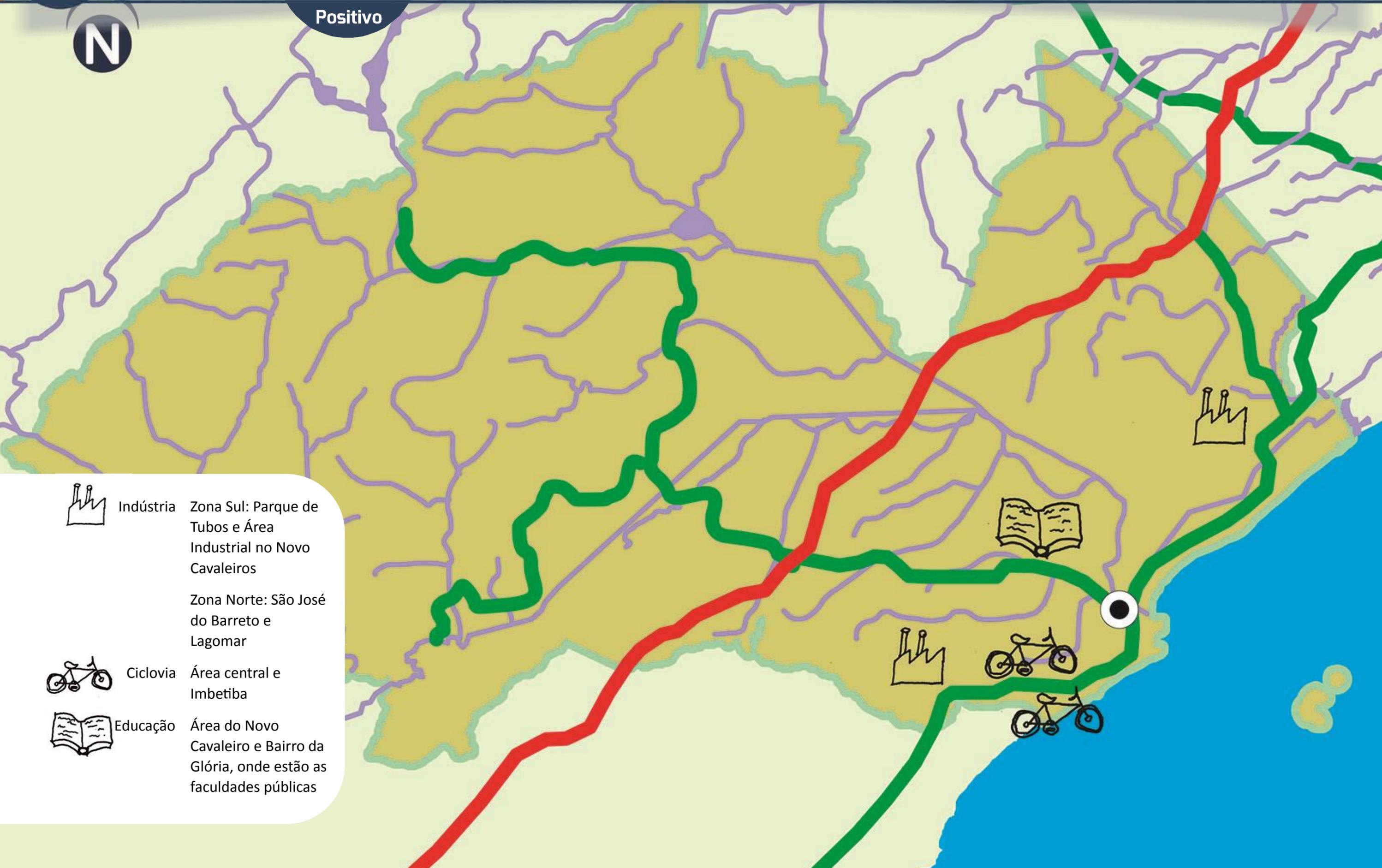
-  Coleta de resíduos
-  Postos de saúde
-  Obras de infraestrutura
-  Esporte
-  Educação

Negativo



-  Iluminação pública
-  Saneamento ambiental
-  Infraestrutura
-  Segurança pública
-  Saúde
-  Educação

Positivo



Indústria Zona Sul: Parque de Tubos e Área Industrial no Novo Cavaleiros

Zona Norte: São José do Barreto e Lagomar



Ciclovía Área central e Imbetiba



Educação Área do Novo Cavaleiro e Bairro da Glória, onde estão as faculdades públicas



Negativo



Falta de irrigação



Falta de saneamento



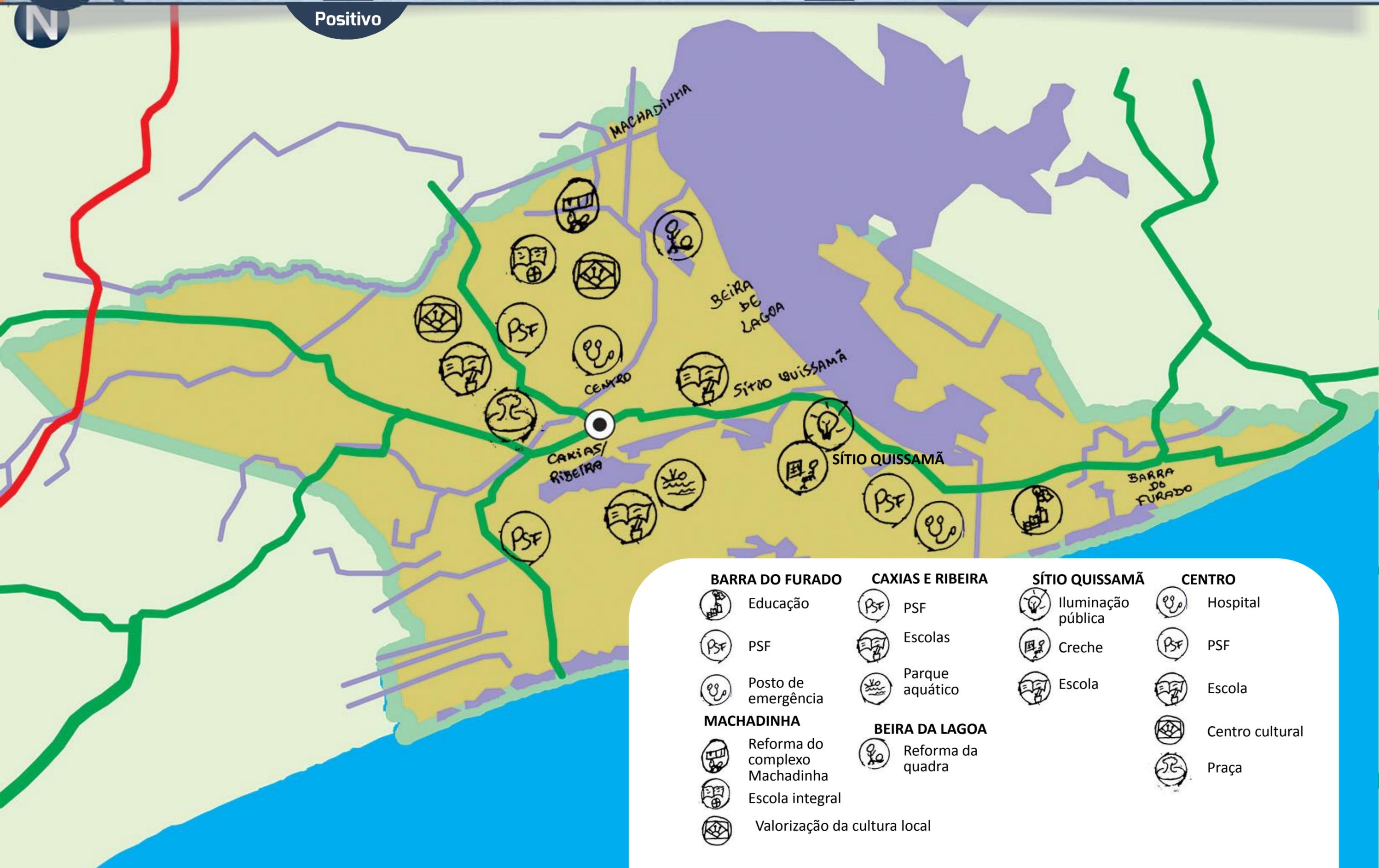
Falta de pavimentação



Falta de água

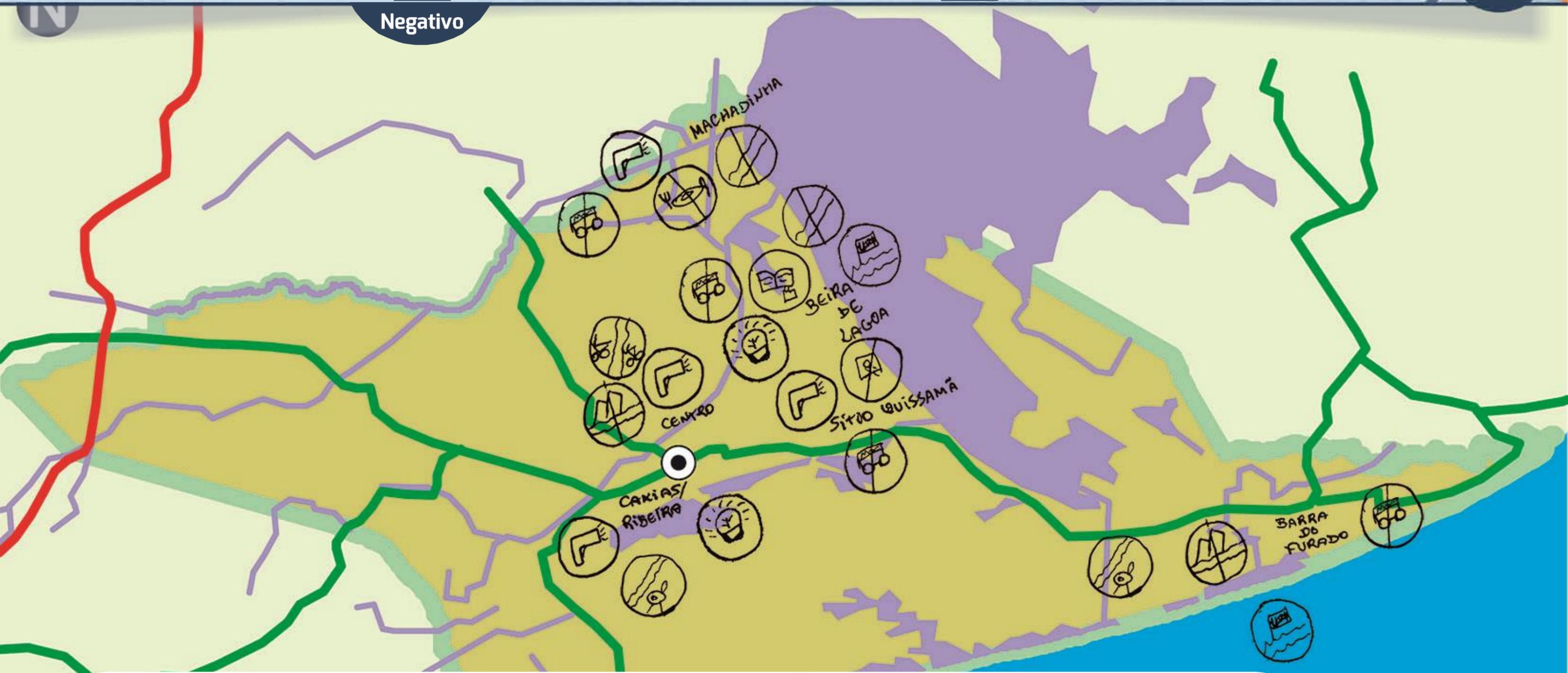


Positivo



<p>BARRA DO FURADO</p> <ul style="list-style-type: none"> Educação PSF Posto de emergência 	<p>CAXIAS E RIBEIRA</p> <ul style="list-style-type: none"> PSF Escolas Parque aquático 	<p>SÍTIO QUISSAMÃ</p> <ul style="list-style-type: none"> Iluminação pública Creche Escola 	<p>CENTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> Hospital PSF Escola Centro cultural Praça
<p>MACHADINHA</p> <ul style="list-style-type: none"> Reforma do complexo Machadinha Escola integral Valorização da cultura local 	<p>BEIRA DA LAGOA</p> <ul style="list-style-type: none"> Reforma da quadra 		

Negativo



BARRA DO FURADO

- Poluição da água
- Falta de urbanização
- Falta de transporte público
- Esgoto / saneamento
- Falta de informação sobre dutos

MACHADINHA

- Falta de pavimentação
- Desemprego
- Violência
- Transporte
- Falta de iluminação

CAXIAS E RIBEIRA

- Violência
- Esgoto / saneamento
- Falta de iluminação
- Falta de informação sobre dutos

BEIRA DA LAGOA

- Falta de iluminação
- Falta de transporte
- Falta de manutenção nas estradas
- Prejuízo à pesca
- Escola
- Poluição na lagoa
- Esgoto / saneamento
- Falta de informação sobre dutos

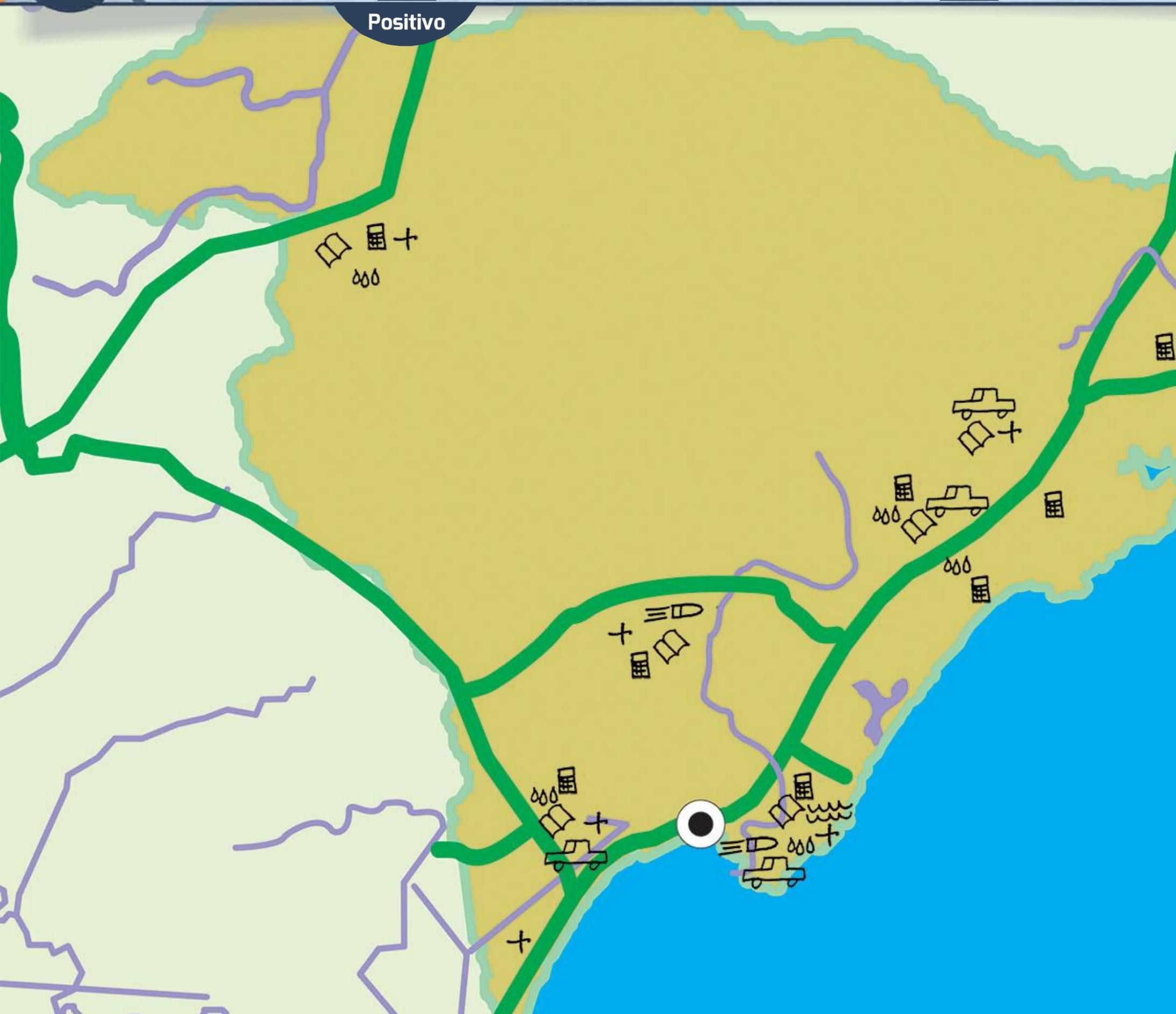
SÍTIO QUISSAMÃ

- Transporte
- Violência
- Lazer

CENTRO

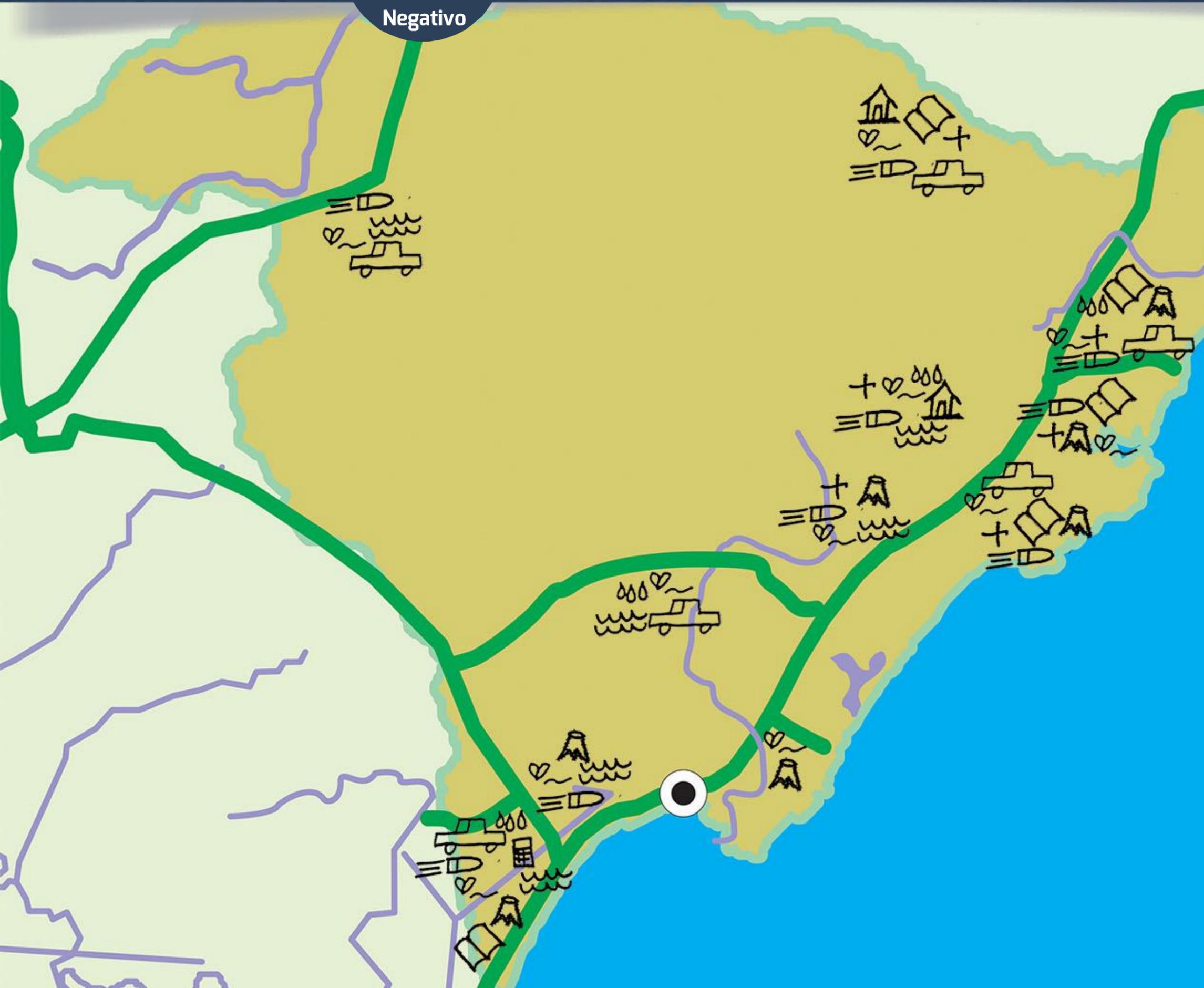
- Falta de acessibilidade
- Infraestrutura
- Esgoto / saneamento
- Violência
- MUTUM**
- Desemprego
- MATIAS**
- Falta de iluminação

Positivo

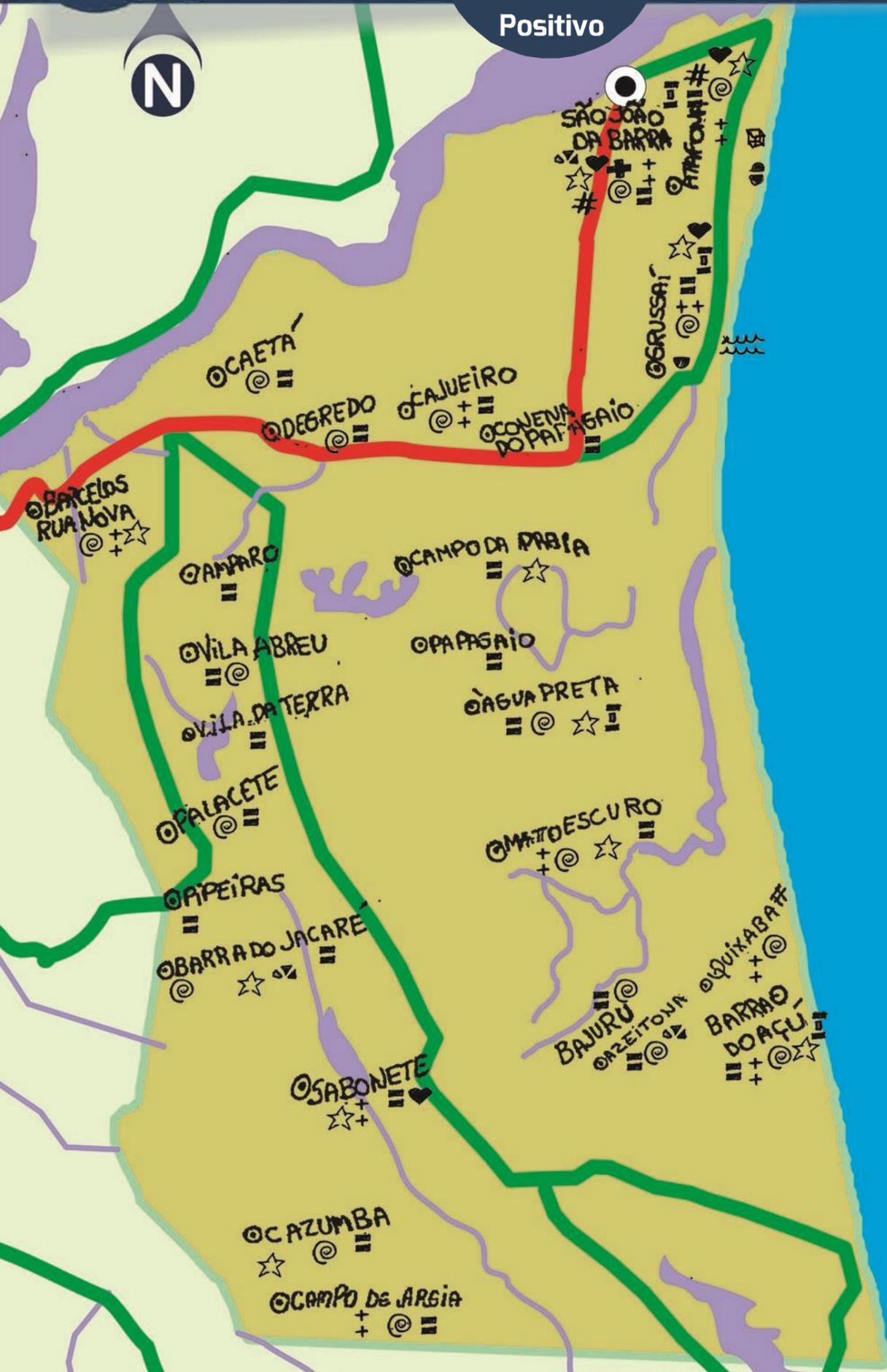


-  **Saneamento/lixo** Nova Cidade, Boca da Barra, Terra Firme, Village Rio das Ostras, Mar do Norte, Enseada das Gaivotas, Rocha Leão, Recanto
-  **Água** Boca da Barra, Terra Firme, Village Rio das Ostras, Rocha Leão, Recanto
-  **Drenagem** Boca da Barra
-  **Saúde** Nova Cidade, Boca da Barra, Residencial Praia Âncora, Rocha Leão, Jardim Campomar, Recanto
-  **Mobilidade** Boca da Barra, Village, Residencial Praia Âncora, Recanto
-  **Segurança** Nova Cidade, Boca da Barra
-  **Educação** Nova Cidade, Boca da Barra, Village Rio das Ostras, Residencial Praia Âncora, Rocha Leão, Recanto

Negativo

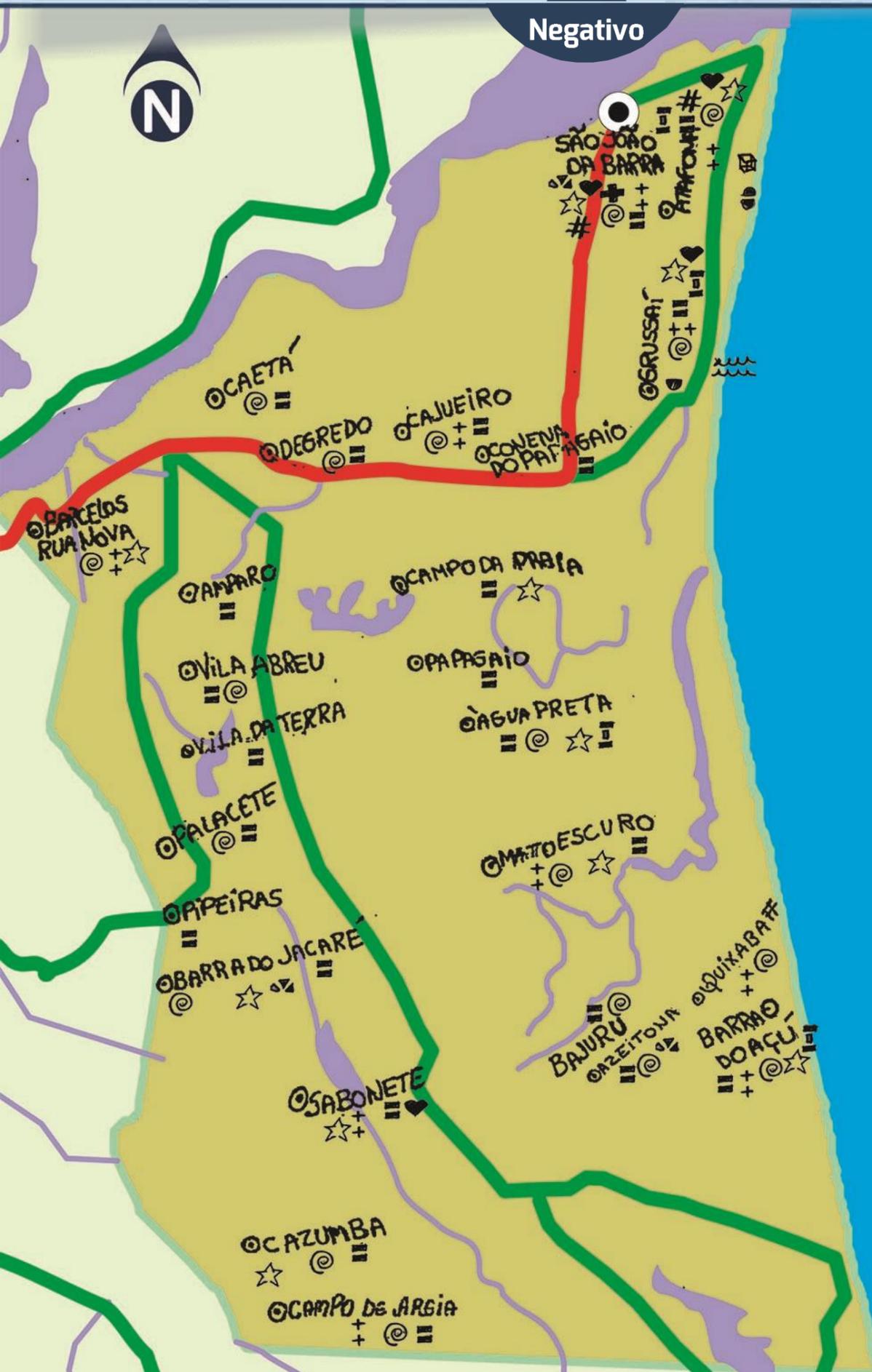


Saneamento / Lixo	
Jardim Campomar	
Água	
Residencial Praia Âncora, Nova Cidade, Jardim Campomar	
Drenagem	
Rocha Leão, Mar do Norte, Residencial Praia Âncora, Village Rio das Ostras, Nova Cidade, Recanto, Jardim Campomar	
Saúde	
Cantagalo, Mar do Norte, Enseada das Gaivotas, Terra Firme, Residencial Praia Âncora, Village Rio das Ostras	
Mobilidade	
Rocha Leão, Cantagalo, Mar do Norte, Terra Firme, Nova Cidade, Jardim Campomar	
Segurança	
Rocha Leão, Cantagalo, Mar do Norte, Enseada das Gaivotas, Terra Firme, Residencial Praia Âncora, Village Rio das Ostras, Recanto, Jardim Campomar	
Esgoto	
Rocha Leão, Cantagalo, Mar do Norte, Enseada das Gaivotas, Terra Firme, Residencial Praia Âncora, Village Rio das Ostras, Nova Cidade, Recanto, Jardim Campomar	
Degradação ambiental	
Mar do Norte, Enseada das Gaivotas, Terra Firme, Village Rio das Ostras, Recanto, Jardim Campomar	
Uso e ocupação do solo	
Cantagalo, Residencial Praia Âncora,	
Educação	
Cantagalo, Mar do Norte, Enseada das Gaivotas, Terra Firme, Jardim Campomar	

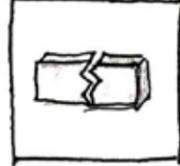
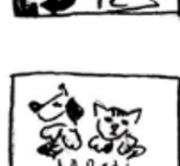


IMPACTOS POSITIVOS

	Cartão cidadão
	Hospital
	Polo Gastrômico
	Posto de Saúde
	Orla
	Escola
	Balneário
	Bolsa de Estudos
	Escola
	Ônibus Universitário
	Campos / Quadras
	Pavimentação
	Água Tratada
	Illuminação Pública
	Praça Pública



IMPACTOS NEGATIVOS

- ▲  MANUTENÇÃO DE OBRAS.
-  OBRAS INACABADAS.
-  FALTA DE INVESTIMENTO NA SEGURANÇA.
- ⊕  ILUMINAÇÃO PÚBLICA.
-  TRATAMENTO DE ESGOTO.
- *  FALTA DE INVESTIMENTO NO SANEAMENTO BÁSICO.
- ⊗  Abandono Animal Controle de Zoonoses (Saúde Pública)

Cartografia Social

Mapas para a Ação Municipal e Microrregional

A terceira atividade da Cartografia Social presente no Atlas se refere ao agendamento de prioridades a serem representadas para futuras ações do NVC (3ª fase do PEA-TP), tendo em vista o processo inerente às atividades anteriores de mapeamento e as necessidades municipais mais significativas percebidas, manifestadas e escolhidas pelos participantes. Com inspiração nos chamados “Mapas da Ação” da autora Ana Clara Torres Ribeiro, a construção cartográfica dos **mapas para a ação** avançou da concepção interna de cada NVC para uma dinâmica intergrupos no Encontro Regional à luz da integração estratégica para o enfrentamento de desafios microrregionais comuns por acordo coletivo mediado. Assim, temos no Atlas tanto os **Mapas para a Ação Municipal** quanto os **Mapas para Ação Microrregional**, os quais revelam perspectivas de abstração/generalização para confecção das Cartografias Sociais, de problematização das realidades e de motivação para a transformação.





Reunião Comunitária

- Reunião comunitária no campo de futebol de José Gonçalves para debater sobre o tema "Ocupação desordenada e desmatamento".
- Reunião comunitária no Inef (bairro da Rasa) para debater o tema sobre "Infraestrutura, esgotamento sanitário e mobilidade urbana".
- Reunião comunitária no campo de Vila Verde para debater sobre o tema "Ocupação desordenada e desmatamento".
- Reunião comunitária em Cem Braças para debater o tema sobre "Infraestrutura, esgotamento sanitário e mobilidade".
- Reunião comunitária em Tucuns/São José para debater sobre o tema "Ocupação desordenada e desmatamento".
- Reunião comunitária na Rasa para debater sobre o tema "Ocupação desordenada e desmatamento".



Ida aos órgãos públicos para pedir documentação referente aos temas prioritários para a ação social do NVC Búzios

Órgãos que serão visitados:
Secretaria de Meio Ambiente;
Ordem Pública;
Câmara de Vereadores;
Prefeitura;
Secretaria de Saúde.



Requerer a realização de duas audiências públicas para discutir os temas prioritários.

Onde solicitar a audiência pública:
Prefeitura;
Câmara de Vereadores;
Lugares de mobilização para a realização das audiências públicas:
Inef;
Praça do Centro.



Reuniões abertas para mobilização

Localidades:
Praça do Centro;
Associação Cem Braças;
Inef;
Campo José Gonçalves.





Impactos negativos dos royalties

Ação/Agenda

Ação local



Falta de infraestrutura

Solicitar reunião com o secretário de Obras e secretária de Educação, em conjunto, através de ofício

Secretaria de Educação, no Ciep Cecílio Barros Pessoa - Prainha



Falta de saneamento básico

Marcar visita Prolagos – esclarecimento das dúvidas sobre poluição de corpos hídricos importantes no município, como a laguna de Araruama

Sede Prolagos, em São Pedro D'Aldeia



Falta de investimentos na saúde pública

Marcar reunião com o secretário de Saúde: esclarecimento falta de manutenção de equipamentos e sobre a gestão de equipamentos médico-hospitalares

Secretaria de Saúde, Rua Washington Luís – Praia Grande

Rodoviária
Prefeitura
Hospital Geral





Impactos negativos dos royalties

Ação/agenda

Localidade onde ocorrerá



Falta de administração pública de qualidade

Estudar a LDO, LOA e PPA para verificar onde são gastos os recursos municipais. Articular com os outros Projetos de Educação Ambiental para estudar e acompanhar a administração pública. A proposta do NVC é que o próprio Núcleo estude a questão orçamentária municipal para entender como funciona e ao mesmo tempo se articule com os outros PEAs do município para aprofundar, trocar conhecimentos e articular ações de controle desses gastos, acompanhando durante o ano as votações dos projetos de leis referentes aos documentos PPA, LDO e LOA.

Sede do projeto Territórios do Petróleo (Av. Nilo Peçanha, 73 - loja 11 - Centro)



Falta de transporte público

Criar pesquisa e provar diante da empresa de ônibus municipal que a população/comunidade está sendo mal atendida. Os membros do NVC através de pesquisa estruturada propuseram realizar junto à população atendida pela empresa, provas de que os horários e a quantidade de coletivos nos horários de grande circulação da população não estão atendendo à demanda por transporte público. Os coletivos trafegam muito cheios deixando passageiros nos pontos e estes chegam atrasados ao local de trabalho. O mesmo ocorre em Tamoios, principalmente quanto aos horários. O intervalo é de uma hora ou mais entre os ônibus. A situação é grave pela manhã, na ida para o trabalho, e à tarde/noite, no retorno do trabalho.

Boca do Mato, Monte Alegre e Tamoios



Violência

Realizar vídeo/documentário com depoimentos de pessoas que perderam entes queridos de forma repentina para a violência urbana. Na localidade onde há o maior número de integrantes do NVC, constantemente ocorrem tiroteio e mortes por conta desses confrontos. Essa realidade impacta muito a vida de toda a localidade. Alguns integrantes possuem casos de perda dentro da família.

Monte Alegre



Parceria com instituições de integração social

- Fazer contato com a Superintendência de Igualdade Racial (Supir) e a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte (Smece), com o intuito de propor atividades esportivas, educativas e culturais para resgatar jovens de áreas marginalizadas.



Fiscalização

- Acompanhar os gastos previstos no orçamento público municipal e o que está sendo realizado, além de cobrar do Conselho Municipal de Educação o que não está sendo efetivado nas escolas e creches.



- Procurar o Conselho Municipal de Meio Ambiente e Saneamento (Comansa) e Águas do Paraíba / Grupo Águas do Brasil a fim de entender e cobrar o motivo da falta do saneamento básico para o impacto de "Falta de investimento no saneamento básico municipal".



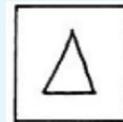
Levantamento de propostas

- Levar à Secretaria Municipal de Saúde pedidos de informação sobre saúde nos bairros, tais como ações de prevenção e vacinação em escolas.



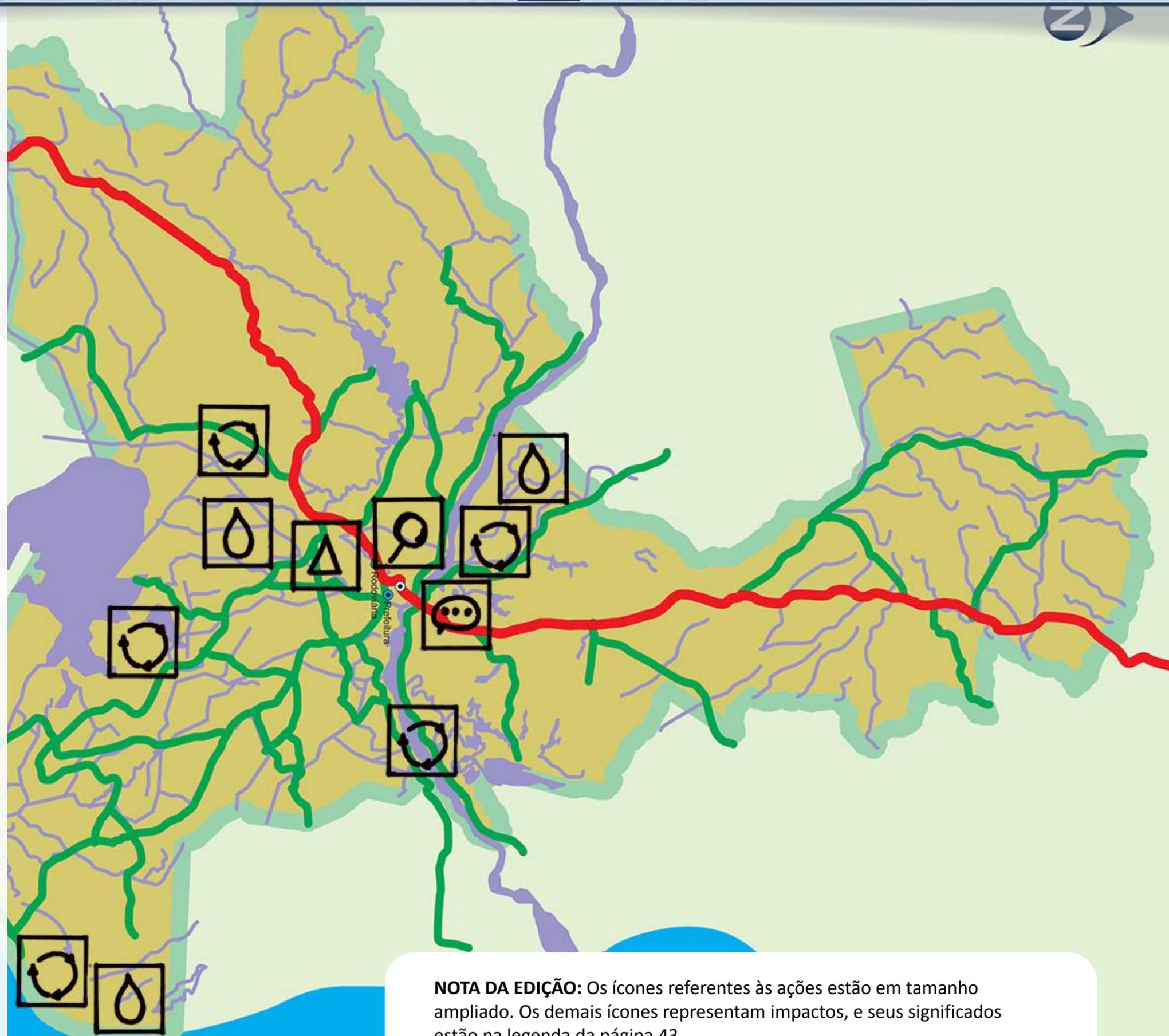
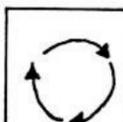
Vigília

- Cobrar da Secretaria Municipal de Infraestrutura e Mobilidade Urbana a execução efetiva e de qualidade do transporte público como previsto no novo sistema.

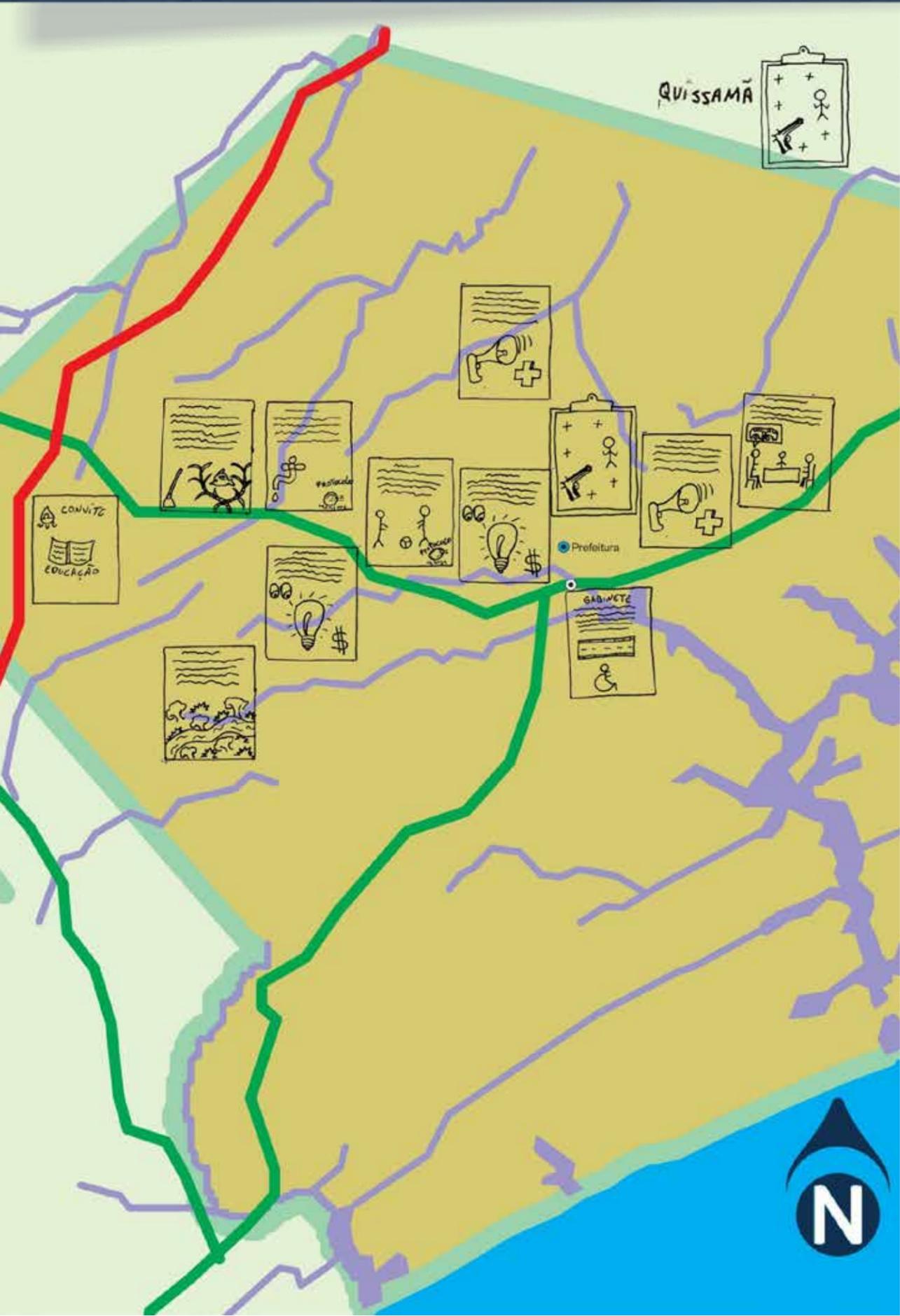


Reunião comunitária

- Levar informações sobre participação e organização social para propor às comunidades um caminho para a criação de uma cooperativa que consiga atender à população campista de modo que esta não dependa do recurso dos royalties.



NOTA DA EDIÇÃO: Os ícones referentes às ações estão em tamanho ampliado. Os demais ícones representam impactos, e seus significados estão na legenda da página 43.



PONTOS NEGATIVOS AÇÕES

Segurança pública



Elaborar uma pesquisa sobre o índice de criminalidade da cidade (principais ocorrências) com a Guarda Municipal de Carapebus, DPO e Polícia Civil de Quissamã. Após os resultados, elaborar um ofício solicitando uma delegacia para o município de Carapebus e o aumento no patrulhamento nas comunidades mais afetadas.

COMUNIDADES

Caxanga, Ubás, Praça Cordeiro, Sapecado

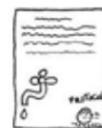
Infraestrutura/ acessibilidade



Elaborar um ofício para o gabinete da prefeita, solicitando o agendamento da retomada das discussões do Plano Diretor e de uma posterior audiência pública para a aprovação do referido plano (o Plano Diretor possui metas obrigatórias relativas à infraestrutura).

Atinge o município como um todo (centro e todos os bairros).

Saneamento



Protocolar solicitação de informação à Secretaria de Meio Ambiente sobre as ações prometidas em relação ao saneamento básico. Observar os prazos da resposta: caso não aconteça, partir para o Legislativo e, posteriormente, para o Ministério Público, caso não seja respondido a contento.

Atinge o município como um todo.

Educação



Elaborar e protocolar convite à Secretaria de Educação para ir ao NVC de Carapebus responder algumas questões acerca do processo educacional do município.

Toda a rede de educação municipal de Carapebus

Esporte



Solicitar, através de ofício, entrevista com o secretário de Esportes para buscar esclarecimentos sobre as atividades esportivas propostas para cada bairro (salto a distância, futebol de areia, entre outras). Além disso, identificar no mapa onde há quadra de esporte. No lugar em que não existir, solicitar e indicar no mapa.

Atinge o município como um todo.

PONTOS NEGATIVOS AÇÕES

Saúde



Buscar explicação da Secretaria de Saúde, do Conselho Municipal de Saúde e da Câmara Municipal sobre a falta de remédios na farmacinha; a falta de humanização do atendimento médico; a falta de profissionais de saúde no atendimento médico local; o levantamento de todos os exames oferecidos dentro do município. Por que não ocorrem?

COMUNIDADES

Atinge o município como um todo.

Iluminação



Monitorar as recentes ações acordadas entre a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) e a Prefeitura para a melhoria de fornecimento de energia no município. Pedir à Secretaria de Obras da prefeitura informações sobre a cobrança da taxa de iluminação pública em bairros que não possuem o serviço.

Estrada da Praia (sem iluminação pública) e todo o município sobre as quedas repentinas de energia.

Agricultura e pesca



Solicitar reunião com o Secretário de Agricultura para esclarecimentos sobre incentivo, custeio, mecanização, escoamento de produção e projetos tanto dos agricultores familiares quanto dos pescadores.

Fundão, Rodagem, Barreiro, Caxanga, Praia de Carapebus, Itaquirá, Assentamento João Batista Soares.

Transporte urbano



Solicitar reunião com a Secretaria de Transporte para sanar dúvidas sobre a criação de linha circular que possa atender as comunidades mais impactadas com a falta de transporte público.

Rodagem, Fundão, Itaquirá, Botafoguinho, Praia de Carapebus, Sonrisal.

Meio ambiente



Solicitar fiscalização ambiental, limpeza dos córregos e canais.

Atinge o município como um todo.

AÇÃO SOCIAL

TEMAS

LOCALIDADE

REUNIÃO COMUNITÁRIA



Saúde / saneamento ambiental

Rio Dourado

Bairro Industrial

Educação

Barra de São João

Palmital

Boa Esperança

IDA ÀS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS
(o objetivo é requerer documentações pertinentes e a realização de audiências públicas que abordem os temas prioritários)

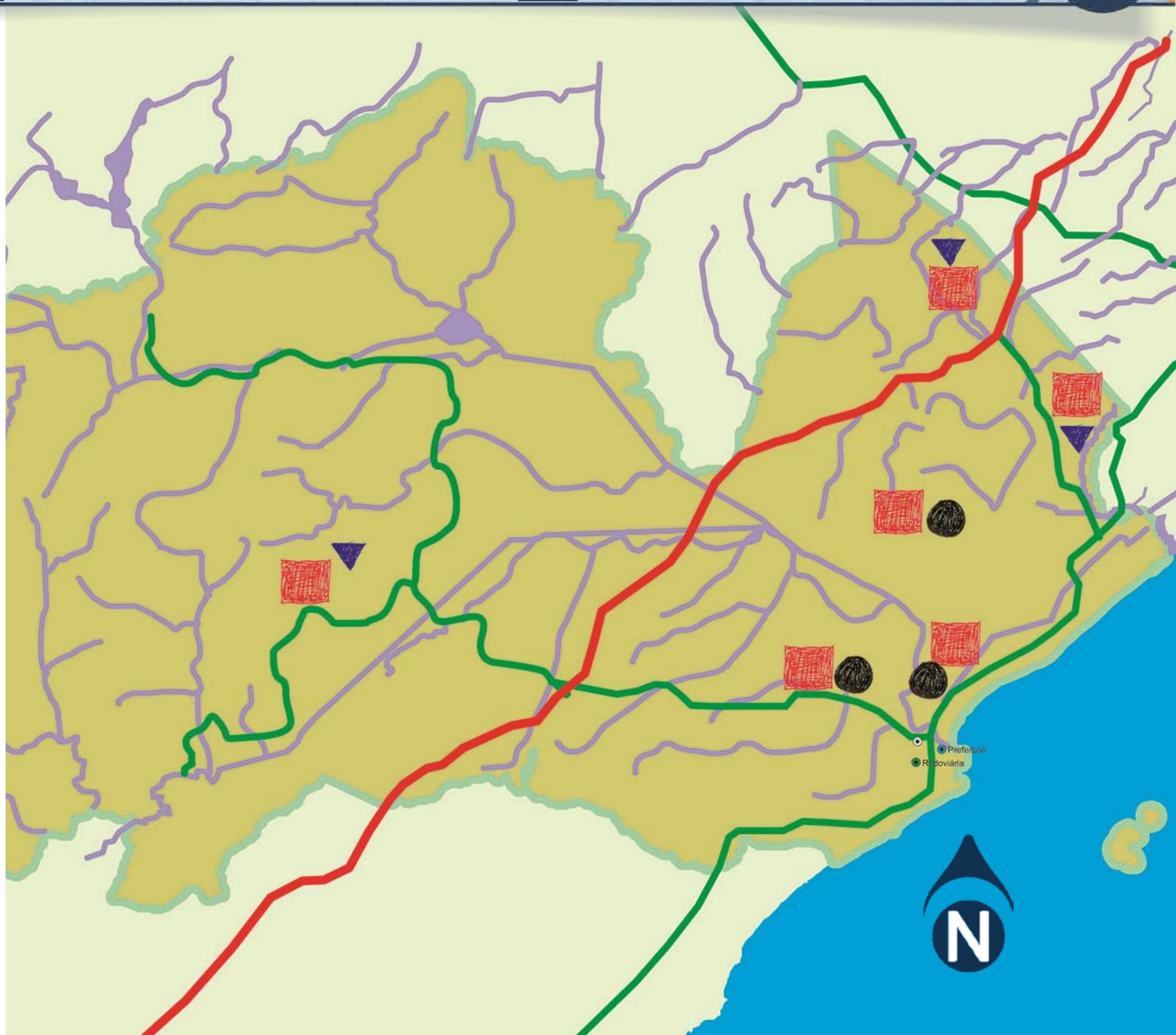
Saúde / saneamento ambiental

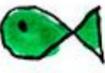
Centro

Educação



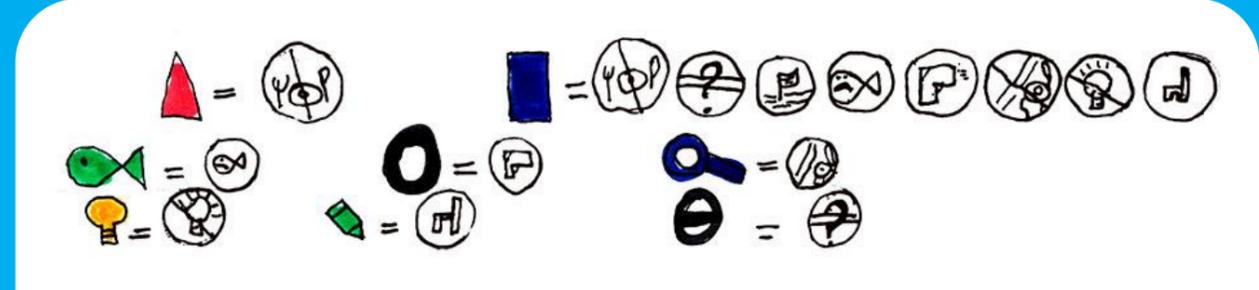
Impacto	Ação
Falta de irrigação	Fazer reuniões comunitárias informativas sobre a legislação dos royalties que posicionem a irrigação como investimento prioritário. Os espaços prioritários são assentamentos e área rural do município.
Falta de saneamento Falta de pavimentação Falta de água	Fazer reuniões comunitárias informativas sobre a legislação dos royalties que posicionem o saneamento como investimento prioritário. Os grupos prioritários são as lideranças comunitárias dos bairros/localidades: Nova Esperança, Brasília, Matinha, Rio Novo e Nova Brasília, Malvinas, Ilha Leocádia, Águas Maravilhosas, Piracema e Virgem Santa.
Falta de irrigação Falta de saneamento Falta de pavimentação Falta de água	Fazer atividades lúdicas reflexivas (como teatro) com as comunidades para que o cidadão comum possa entender os impactos da cadeia do petróleo. Os grupos prioritários são comunitários dos bairros/localidades: Nova Esperança, Brasília, Matinha, Rio Novo, Piracema, Nova Brasília, Malvinas, Ilha Leocádia, Águas Maravilhosas, Piracema e Virgem Santa.



AÇÃO SOCIAL	ÓRGÃO / PARCERIA	COMUNIDADE(S)
 Levantamento de potenciais guias turísticos das comunidades quilombolas visando capacitá-los	Prefeitura Municipal de Quissamã	Machadinha e Mutum
 Criar parceria para dialogar sobre a falta de informação sobre os dutos nas escolas via palestras e/ou teatro; "corpo a corpo" para divulgar as informações	Transpetro	Barra do Furado, Caxias e Beira da Lagoa
 Solicitar explicações sobre a poluição da água e soluções aos órgãos competentes via protocolo de ofício	Prefeitura Municipal de Quissamã	Caxias, Ribeira, Barra do Furado e Beira da Lagoa
 Solicitar maior fiscalização para minimizar os danos cada vez mais acentuados à pesca	IBAMA	Barra do Furado e Beira da Lagoa
 Promover fórum de segurança pública	Escolas e espaços públicos	Caxias, Ribeira, Sítio Quissamã e Centro
 Verificação da LOA e cobrança de ações na área do saneamento ao Legislativo e Executivo municipal	Prefeitura Municipal de Quissamã e Câmara Municipal	Barra do Furado, Caxias, Ribeira, Beira da Lagoa e Centro
 Campanha de conscientização de preservação da iluminação pública	Enel	Beira da Lagoa, Caxias, Ribeira, Matias e Machado
 Solicitação de execução do plano de mobilidade da pessoa com deficiência	Prefeitura Municipal de Quissamã / Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência	Centro



A elaboração dos símbolos para as ações sociais sinalizadas neste mapa tem como referência os símbolos criados para o mapa de impactos negativos (pág. 32). A legenda abaixo identifica quantos e quais impactos negativos geraram uma ação social.



Impacto

Ação

Local

Saneamento



Apresentar as demandas ao Conselho Municipal de Planejamento e Orçamento Participativo, vinculado à Secretaria de Gestão Pública, incluindo políticas de saúde e educação.

Prefeitura Municipal de Rio das Ostras- Loteamento do Albacora, 75 – Atlântica Rio das Ostras.

Segurança



Comparecer ao Conselho Municipal de Segurança Comunitária, participar das reuniões e apresentar as demandas da população.

Batalhão da 3ª CIA do 32 BPM Polícia Militar – Avenida Bandeirantes, s/n – Bosque da Areia.

Mobilidade



Criar grupo de trabalho para apresentar projetos de mobilidade à Secretaria de Transporte, incluindo propostas de melhorias para a supervisão do serviço de transporte coletivo.

Secretaria de Transporte e Mobilidade Urbana- SECTRAN – Rua Jorge Ulrick, 251 –Costazul

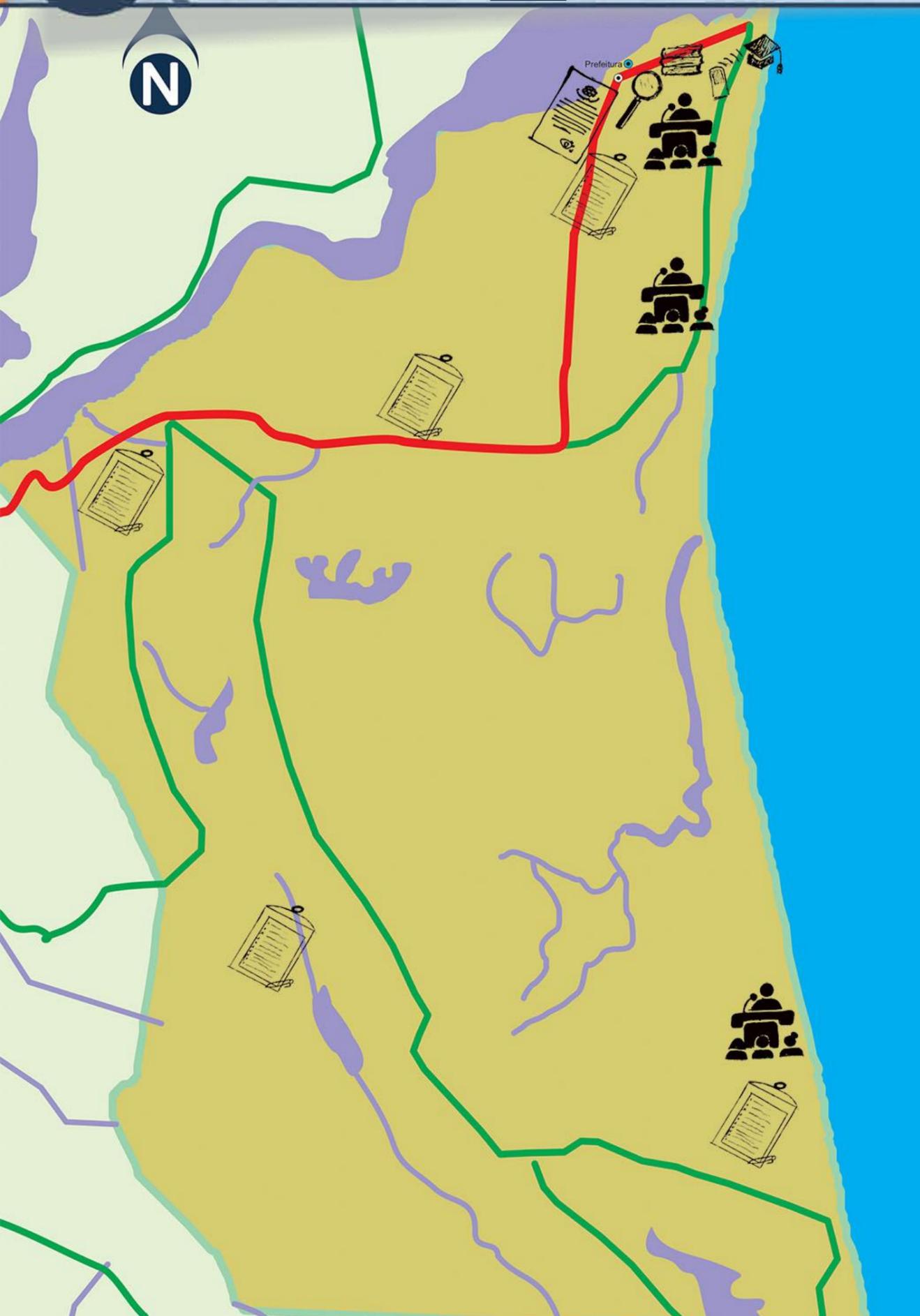
Ocupação do solo



Apresentar demandas junto com a Secretaria de Meio Ambiente cobrando ações de melhorias ao Conselho de Meio Ambiente.

Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SEMAP – Rua Petrópolis, s/n – Jardim Marileia.





AUDIÊNCIA PÚBLICA

Solicitar audiência pública nas localidades sobre saneamento básico, segurança pública, iluminação pública, controle de zoonoses e obras inacabadas.



OFÍCIO

Levar ofícios sobre os temas acima listados às secretarias de Saúde, Meio Ambiente, Segurança, Ordem Pública, Obras e Serviços para solicitar as audiências públicas, informações e dados sobre os referidos temas.



ABAIXO-ASSINADO

Recolher assinaturas nos bairros em que há representantes do NVC em São João da Barra para solicitar audiência pública sobre os temas acima elencados.



Acompanhar as discussões nos Conselhos Municipais de Meio Ambiente, Segurança e Saúde. Especialmente o de meio ambiente para participar da construção do Plano Municipal de Saneamento Básico.



CONTATOS COM UNIVERSIDADES

Contactar a unidade do Instituto Federal Fluminense (IFF) em São João da Barra, como também a de Campos dos Goytacazes, para buscar pesquisas já realizadas no município sobre saneamento básico, zoonoses, segurança e infraestrutura. Esses dados servirão para embasar as demandas e preparar a participação em audiência pública. Caso não haja dados disponíveis, dar sugestões de estudo para estudantes que estão terminando a graduação.



ESTUDO

Montar grupos de estudo sobre a legislação e sobre as pesquisas já feitas a respeito dos temas acima selecionados.

A elaboração dos símbolos para as ações sociais sinalizadas neste mapa tem como referência os símbolos criados para o mapa de impactos negativos (pág. 56).

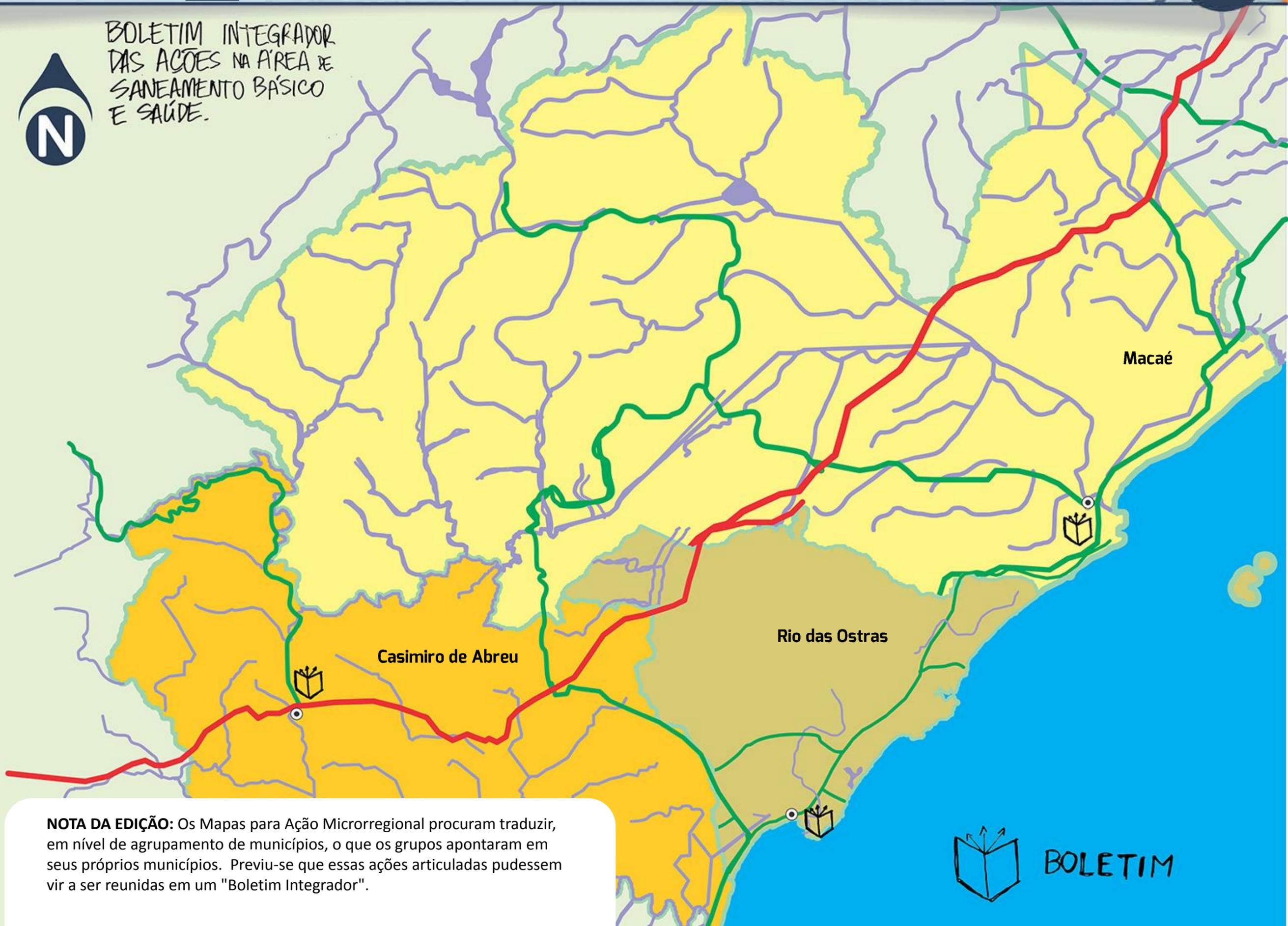
IMPACTOS NEGATIVOS

- ▲ MANUTENÇÃO DE OBRAS.
- OBRAS INACABADAS.
- FALTA DE INVESTIMENTO NA SEGURANÇA.
- ILUMINAÇÃO PÚBLICA.
- TRATAMENTO DE ESCOTOS.
- * FALTA DE INVESTIMENTO NO SANEAMENTO BÁSICO.
- Abandono Animal Controle de zoonoses (Saúde Pública)

Casimiro de Abreu, Rio das Ostras e Macaé



BOLETIM INTEGRADOR
DAS AÇÕES NA ÁREA DE
SANEAMENTO BÁSICO
E SAÚDE.

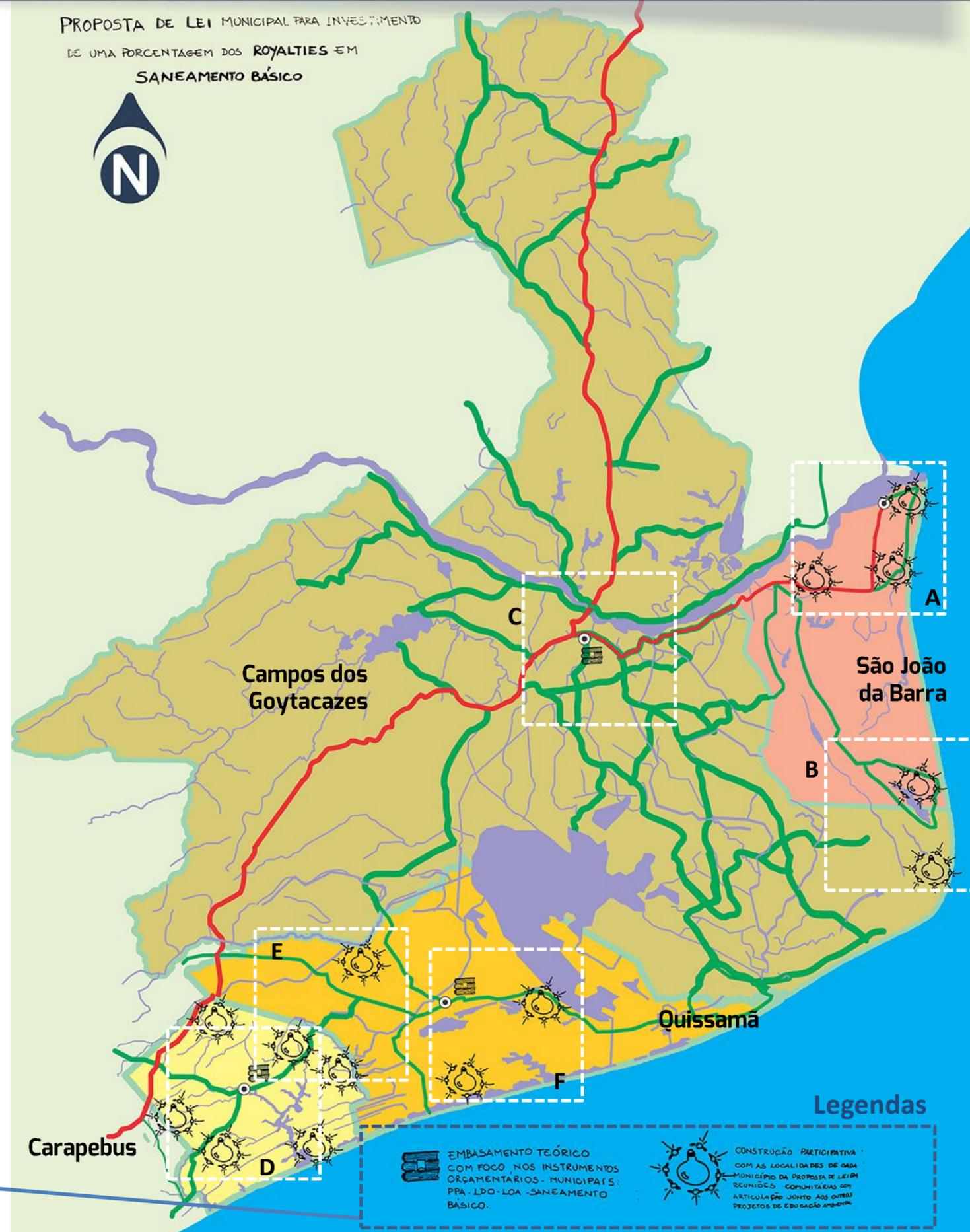
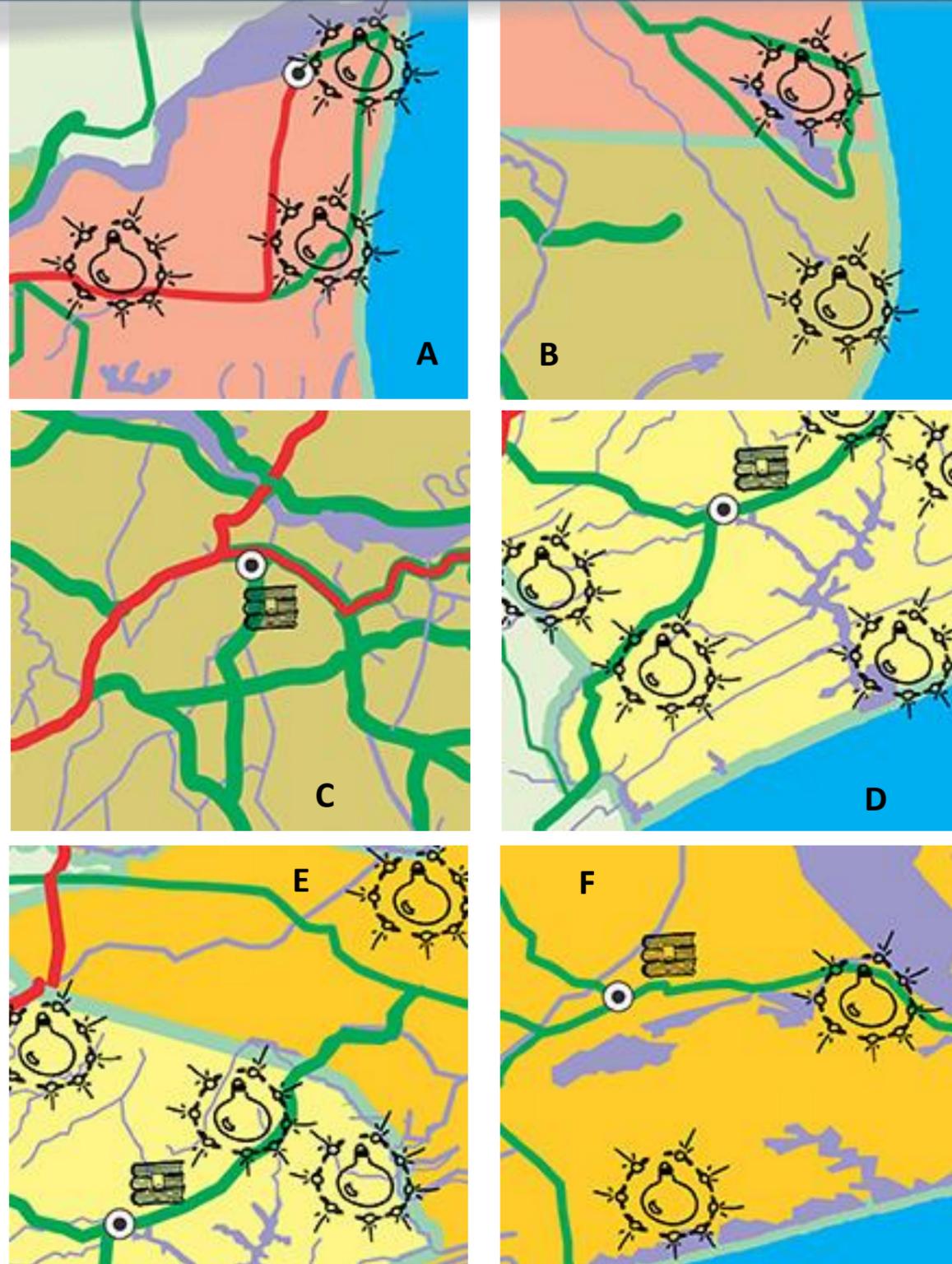


NOTA DA EDIÇÃO: Os Mapas para Ação Microrregional procuram traduzir, em nível de agrupamento de municípios, o que os grupos apontaram em seus próprios municípios. Previu-se que essas ações articuladas pudessem vir a ser reunidas em um "Boletim Integrador".



BOLETIM

Carapebus, Quissamã, Campos dos Goytacazes e São João da Barra



Legendas



CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA COM AS LOCALIDADES DE CADA MUNICÍPIO DA PROPOSTA DE LEI EM REUNIÕES COMUNITÁRIAS COM ARTICULAÇÃO JUNTO AOS OUTROS PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

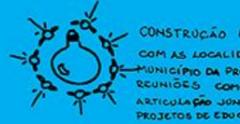


EMBASAMENTO TEÓRICO COM FOCO NOS INSTRUMENTOS ORÇAMENTÁRIOS - MUNICIPAIS: PPA - LDO - LOA - SANEAMENTO BÁSICO.

Legendas

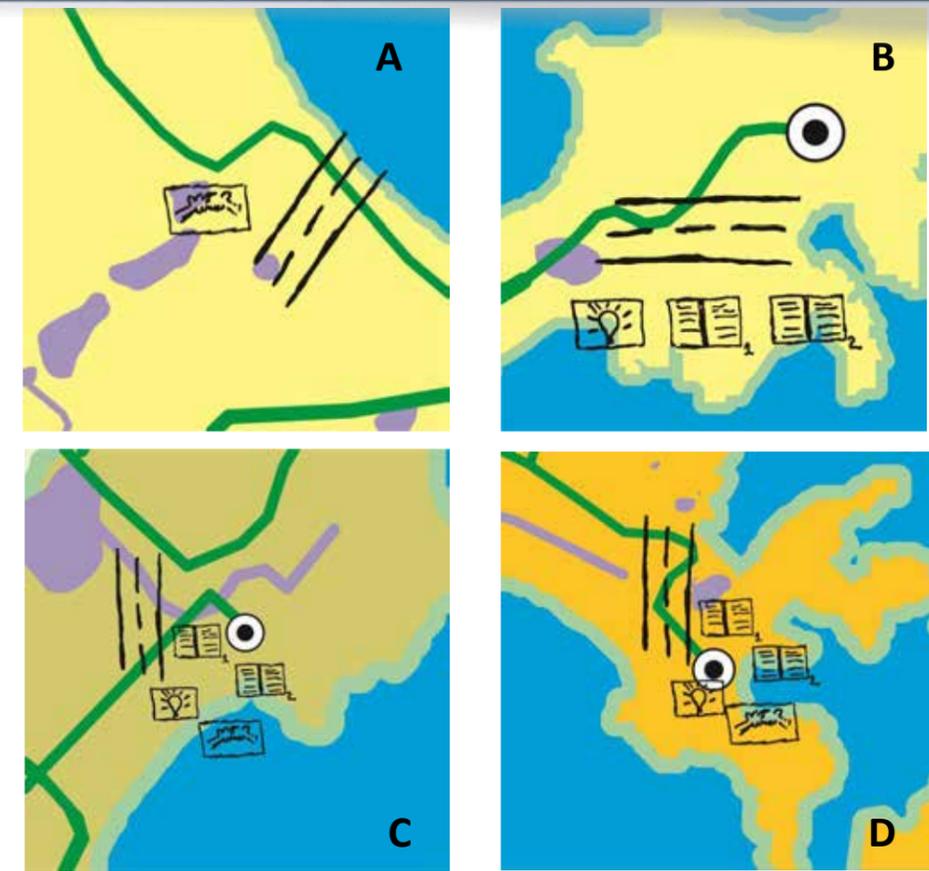
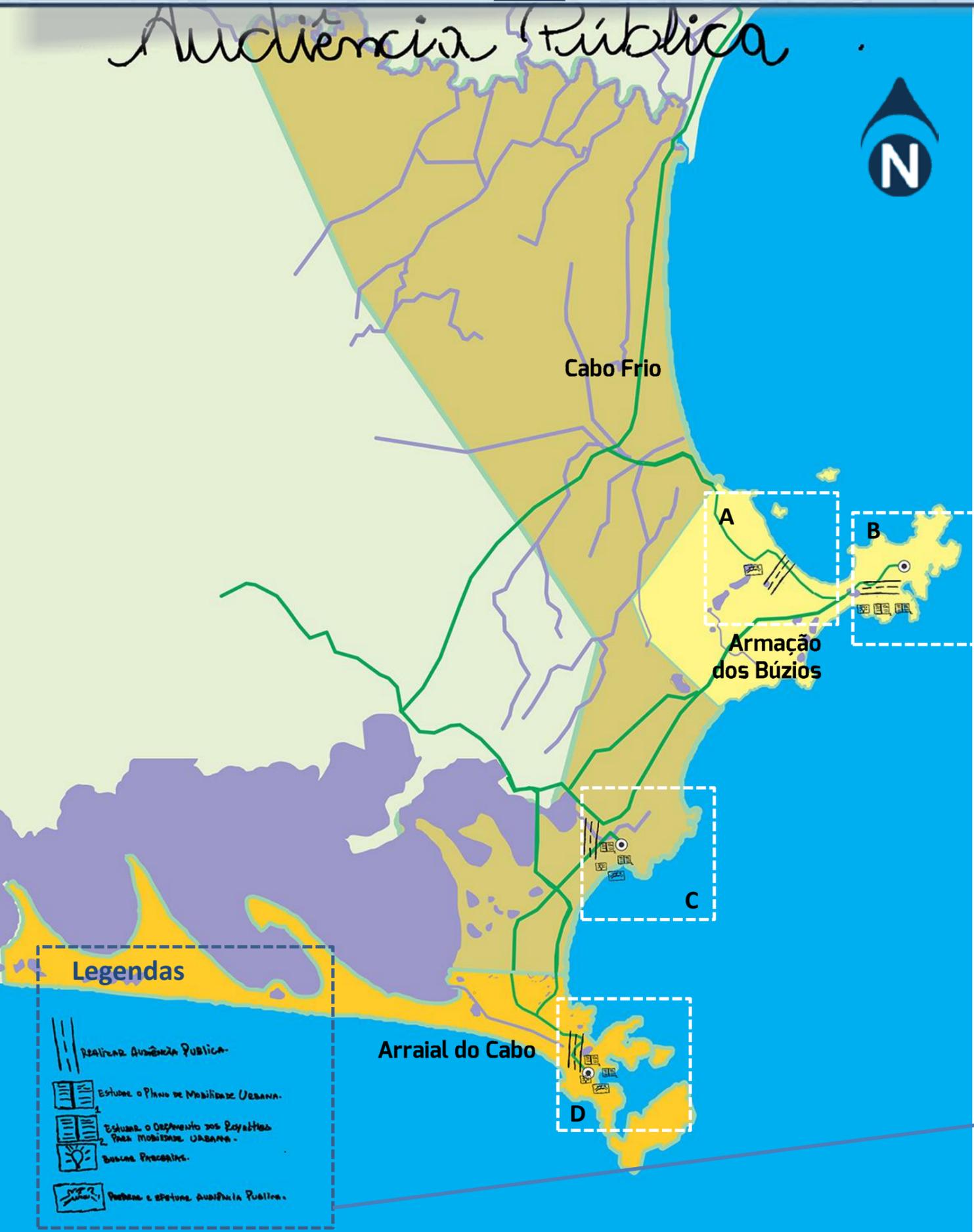


EMBASAMENTO TEÓRICO COM FOCO NOS INSTRUMENTOS ORÇAMENTÁRIOS - MUNICIPAIS: PPA - LDO - LOA - SANEAMENTO BÁSICO.



CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA COM AS LOCALIDADES DE CADA MUNICÍPIO DA PROPOSTA DE LEI EM REUNIÕES COMUNITÁRIAS COM ARTICULAÇÃO JUNTO AOS OUTROS PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Audiência Pública



Legendas

- REALIZAR AUDIÊNCIA PÚBLICA.
- ESTUDAR O PLANO DE MOBILIDADE URBANA.
- ESTUDAR O ORÇAMENTO DOS ROYALTIES PARA MOBILIDADE URBANA.
- BUSCAR ALTERNATIVAS.
- PROMOVER E EFETUAR AUDIÊNCIA PÚBLICA.

A proposta do Inventário Participativo teve por objetivo ampliar o repertório de bens culturais passíveis de serem identificados e reconhecidos pelos grupos com os quais trabalhamos - Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs). O patrimônio cultural é uma construção social. Uma vez identificados e reconhecidos, os bens culturais podem ser ativados, ou seja, pode-se atuar sobre eles de alguma maneira. A ativação patrimonial coloca o bem no centro das reflexões, revelando-o, fazendo-o visível aos interessados, difundindo-o, colocando-o à disposição de todos.

O patrimônio cultural evidencia o que está próximo e o que é precioso para um grupo social. É tudo aquilo que procuramos preservar num mundo frágil. É o que ocorre quando procuramos fazer com que lugares, celebrações, saberes, expressões e bens materiais tenham maior permanência no tempo e no espaço, constituindo-se em herança para as gerações futuras. O sentimento de proximidade ou de empatia, com relação aos bens culturais, se relaciona com a experiência e a memória vivida pelo grupo que define o que é e o que não é patrimônio cultural.

Acreditamos que o inventário participativo pode favorecer a ativação patrimonial, com um viés mais próximo à comunidade e, desse modo, ser portador de carga sentimental, permitindo o aprofundamento da relação tempo-espaço a partir da vivência e da memória compartilhada. Tendo ocorrido a ativação patrimonial — uma vez que a comunidade veja esse patrimônio como seu —, tanto o patrimônio cultural quanto o natural podem engendrar um ambiente fértil para maior participação social e para o desenvolvimento local. Ao assumirmos que o patrimônio cultural e natural herdado é um capital importante e deve ser administrado por seus herdeiros (a comunidade), podemos considerar que o patrimônio é a base de toda proposta de desenvolvimento. Daí a importância dos processos que envolvem o inventário participativo.

O inventário participativo produzido no âmbito do PEA Territórios do Petróleo se fez presente nos dez municípios em que atua o projeto. Cada um dos NVCs pôde decidir sobre o bem patrimonial (cultural e/ou natural) sobre o qual desejava se debruçar para estudar, conhecer e descrever, ou seja, inventariar. Os Núcleos estiveram sempre conscientes de que um inventário jamais será conclusivo ou exaustivo, pois é algo em permanente processo de construção, sujeito ao momento em que é realizado. Buscamos coletivamente desconstruir a ideia de que os bens patrimoniais são elementos que precisam ser avaliados por uma instituição ou uma autoridade;

procuramos levá-los a perceber que é algo que está vivo e pertence a todos (nós), que é parte de nós e está no nosso entorno.

Após decidirem sobre os bens patrimoniais que iriam inventariar, os participantes dos NVCs saíram a campo para buscar informações e identificar personagens que poderiam elucidar aspectos importantes sobre o bem escolhido. Pesquisaram em livros, jornais e na internet (Wikipédia, blogs, páginas das prefeituras e outros meios). Pesquisaram, nas mídias e junto a pessoas da comunidade, fotografias antigas e outras fontes, que enriqueceriam o inventário. Buscaram, coletivamente e de muitas formas, o maior número de informações sobre o objeto inventariado. Durante o processo, todo o protagonismo da pesquisa foi estimulado e garantido aos NVCs.

Ao pesquisarem sobre biomas, lugares, saberes, formas de expressão e celebrações, os grupos foram estabelecendo vínculos entre as pessoas e os lugares, descobrindo e conhecendo melhor a sua localidade e seu município, construindo relações de afeto com o lugar. Essas relações são mais amplas, envolvendo o processo de pesquisa (inventariação) e a descoberta conjunta desses valores culturais, bem como a identificação dos riscos aos bens inventariados e o esforço de pensar proposições possíveis para que o bem estudado não desapareça. O inventário favoreceu que os membros dos NVCs pudessem avaliar, por si mesmos, o estado atual dos bens culturais e naturais (ao menos daqueles selecionados para a pesquisa), desenvolvendo propostas e recomendações para seu cuidado e fortalecendo o direito de decidir sobre o que é ou não importante para o grupo.

Como já dissemos, o inventário é um processo de constante construção, que pode ser ativado sempre que os comunitários requisitem o instrumento. O que ora apresentamos são apenas as fichas de trabalho, desenvolvidas pelos Sujeitos da Ação Educativa, que dão conta da realização da pesquisa, mas que nos revelam como os grupos se apropriam de suas vivências no tempo e no espaço e como as compartilham.

Na tabela abaixo, indicamos os bens inventariados por cada Núcleo, sua natureza e categoria.

NVC	BEM INVENTARIADO	NATUREZA	CATEGORIA
Arraial do Cabo	Bioma da Restinga de Massambaba	Natural	Território Lugares Saberes
Armação dos Búzios	Construção naval artesanal na praia Rasa	Imaterial	Saberes
Cabo Frio	Fazenda Campos Novos Lendas: lobisomem e Batatoa ou Boitatá	Material Imaterial	Lugares Formas de expressão
Campos dos Goytacazes	Prática da puxada em Farol de São Thomé	Imaterial	Saberes
Carapebus	Usina de Carapebus S.A.	Material Imaterial	Lugares
Casimiro de Abreu	Rua Beira-Rio em Barra de São João	Material Imaterial	Lugares
Macaé	Lyra Conspiradores	Imaterial Material	Lugares Formas de expressão
Quissamã	Fazenda Machadinha	Imaterial	Lugares
Rio das Ostras	Festa de São Pedro Festa do Feijão	Imaterial Imaterial	Celebração Celebração
São João da Barra - Atafona	Construção naval artesanal	Imaterial	Saberes

GLOSSÁRIO:

Ativação patrimonial

Por ativação patrimonial, entende-se a ação de selecionar um recurso cultural ou natural e transformá-lo por meio do estabelecimento de serviços, mediação, difusão dos valores e informações, tornando o bem um produto patrimonial.

Inventário

Por inventário, compreende-se o arrolamento dos bens (móveis, imóveis, imateriais, naturais etc.) acompanhado de uma descrição minuciosa. A palavra inventário remete à descrição pormenorizada do patrimônio de um indivíduo, uma empresa ou uma coletividade. A palavra tem origem no termo latino *inventarium* e tem seu uso mais frequente no âmbito jurídico.

O uso do termo relacionado ao patrimônio cultural no Brasil remonta ao Decreto-Lei 25/1937, que criou a Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/SPHAN. Mas é com a Constituição de 1988 que o termo adquire um sentido mais

amplo, abarcando, para além dos bens materiais, o patrimônio imaterial. A partir de então, e principalmente com a Lei 3.555/2000, o termo inventário aderiu-se completamente ao patrimônio imaterial. Em 2016, o IPHAN — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — publica o manual de aplicação intitulado “Educação Patrimonial: Inventários Participativos”, elaborado por Sônia Regina Rampim Florêncio e outros autores. O manual define o processo de inventariar como “um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor. Nesta atividade, é necessário um olhar voltado aos espaços da vida, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio do local”.

Patrimônio cultural

O artigo 216 da Constituição de 1988 define patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.



Construção naval artesanal na praia Rasa

O que é

É a arte de construção de barcos, de modo artesanal, realizada na garagem dos barqueiros ou em docas.

Onde está

Localiza-se nas praias Rasa e da Gorda em Armação dos Búzios – RJ.

Períodos importantes

A construção naval identificada pelo Núcleo de Vigília Cidadã foi desenvolvida pelo mestre barqueiro Andreilino. Como ele informou, o primeiro barco foi feito na década de 1950. A embarcação é popularmente conhecida como “folhinha”. Isso se deve ao seu formato, que lembra o de uma folha. Seu design é específico para as características da região da praia Rasa. Segundo seu Andreilino, a região sofre com mudanças bruscas de vento, e, por isso, o barco precisa ser “afiado na proa” para conseguir retornar do mar. Além disso, disse que os barcos precisam ser de madeira: barcos de fibra são muito leves e não serviriam para a pesca na região.

Significados

A arte de seu Andreilino é característica da região e vem sendo passada de geração em geração aos pescadores e barqueiros da Rasa. A importância desse saber se confunde com a identidade do povo buziano, que vive da pesca artesanal e de sua sabedoria popular.

Modo de fazer

Seu Andreilino é autodidata. Quando perguntado como ele desenvolveu o design das embarcações que produz, ele nos respondeu: “vem de Deus”.

Produtos e principais características

Os barcos “folhinha” são feitos com o tronco da madeira inteira. O tronco é escavado com ferramentas, e o acabamento, feito com “traços” de madeira restantes.

Estrutura e recursos necessários

O material mais importante na construção das embarcações é a própria matéria-prima, ou seja, a madeira de lei. O trabalho de seu Andreilino e o seu saber encontram-se ameaçados pelas dificuldades em se obter a madeira necessária ao seu fabrico. Destaca-se a proibição de extração de madeira, que depende da autorização dos órgãos ambientais.

Transmissão do saber

A forma de transmissão do saber é a oral. Seu Andreilino ensinou três gerações. Alguns ainda fazem o barco “folhinha”, mas, por falta de matéria-prima, sua construção se encontra ameaçada.



Barco Folhinha



Mestre Andreilino





Senhor Edgar Costa da Rosa, participante do NVC, no reconhecimento de espécie da restinga de Massambaba.



Dona Cleusa dos Remédios Rocha, participante do NVC, no reconhecimento de umas das espécies que compõem a flora da restinga de Massambaba.



Bioma da Restinga de Massambaba

O que é

O termo Restinga é utilizado para definir diferentes formações vegetais que se estabelecem sobre solos arenosos na região costeira. Abrigam ecossistema específico e, por esse motivo, são consideradas Áreas de Proteção Permanente (APP) pela legislação brasileira.

A Restinga de Massambaba é uma das mais relevantes em relação à riqueza e diversidade de espécies no litoral fluminense. É também uma das mais extensas do Rio de Janeiro, com 76,3 km² de área total e 48 km de extensão. A restinga protege as praias e as dunas. Trata-se de um ecossistema costeiro que faz parte do Bioma da Mata Atlântica e abriga até mesmo espécies da fauna e da flora da restinga brasileira que estão em extinção. Contém várias plantas que são utilizadas na alimentação, na medicina e na ornamentação. A importância do ecossistema restinga envolve aspectos ornamentais e paisagísticos, medicinais, industriais, alimentícios, arqueológicos, ecológicos e de contenção de dunas.

Importância

A região tem potencial turístico por abranger grande extensão de vegetação litorânea e por ser banhada pela praia de Massambaba e pela lagoa de Araruama. Tem papel importante na proteção da linha da costa e é ideal para a prática de esportes náuticos. Possui belas praias e propicia passeios turísticos, como caminhadas pelas trilhas, que permitem conhecer as diversas espécies da flora e da fauna que fazem parte desse bioma.

História

No momento da chegada dos portugueses, no início do século XVI, a região encontrava-se povoada por duas tribos indígenas que viviam em contendias: a Tamoio, ocupante das áreas de lagunas e enseadas, e a Goitacá, habitante das planícies de restingas.

Estudos geológicos mostram que a restinga formou-se há cerca de 8 mil anos. Os sambaquis encontrados comprovam que a região tem sido habitada há vários milênios. Muitas espécies de plantas têm sido usadas para diversos fins desde tempos pré-históricos. Alguns animais são exclusivos dessa região, como o pássaro formigueiro-do-litoral e o lagartinho-branco-da-praia, que atualmente se encontram em perigo de extinção. Por se localizar ao longo da costa, muito desse rico e exclusivo ambiente tem sido destruído para a construção de casas.

O fenômeno da ressurgência (subida de uma corrente de água fria rica em nutrientes) influencia a região, propiciando condições ideais para o crescimento e a migração de inúmeras espécies da flora e da fauna.

As restingas começaram a se formar há milhares de anos pelo recuo do nível do mar, direcionando grande quantidade de areia em direção à praia e formando as planícies arenosas.

A instalação da Companhia Nacional de Álcalis (CNA), na restinga de Massambaba, principal local para pescaria de arrasto, foi um marco para Arraial do Cabo. A partir da memória social dos pescadores, foi registrado que a CNA desencadeou um intenso processo de transformação que se refletiu de modo especial nas relações de produção pré-existentes e no ordenamento do uso do espaço.

Significados

A restinga de Massambaba possui grande relevância para a comunidade de pescadores artesanais de Arraial do Cabo. É nela que o pescador e sua família têm à sua disposição recursos importantes para o trabalho, para a alimentação, para o tratamento de saúde e para sua fruição. Os pescadores detêm os conhecimentos sobre esses recursos naturais, especialmente sobre o potencial medicinal e alimentar. Reconhecem a vegetação de restinga como rica fonte de saborosos frutos (cambuí, pitanga, pitangubaia, arazá) e de espécies medicinais (aroeira, bajiru, japecanga). É também a restinga que fornece material para preparação dos artefatos de pesca.

Esse conjunto representa não apenas o patrimônio natural, mas também o patrimônio cultural, de caráter imaterial, que se refere ao conhecimento sobre as plantas, suas propriedades e usos.

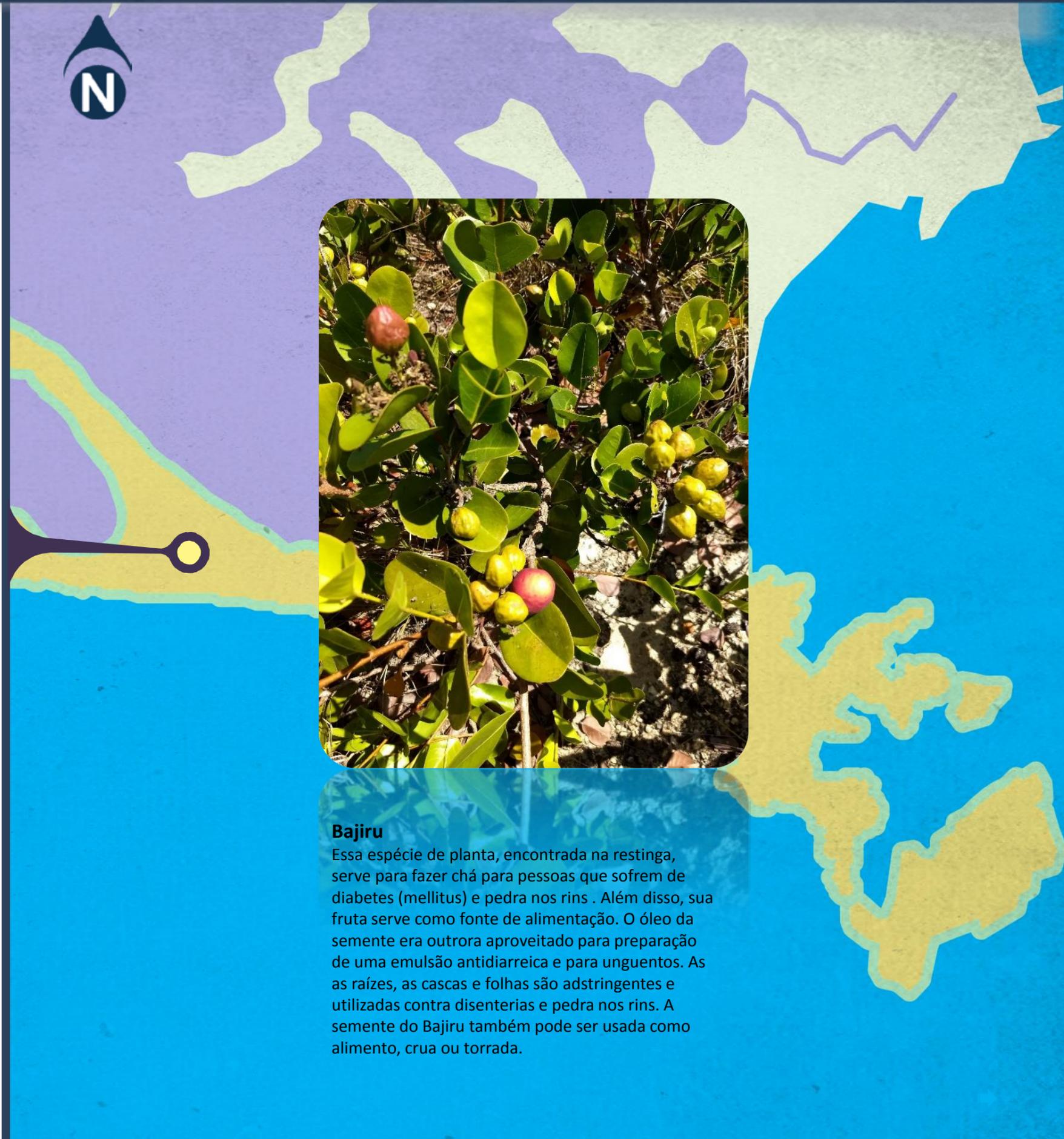
Os pescadores artesanais e seus familiares cabistas detêm um acúmulo de informações relacionadas à restinga passadas de geração a geração envolvendo o ambiente, o regime dos ventos, as marés e a vegetação. Conhecem os frutos comestíveis e as épocas de frutificação, as plantas medicinais e os remédios para as doenças pulmonares, problemas digestivos, tosse, diabetes, anemia, assim como anti-inflamatórios e preparados para banho contra “mau-olhado”, “descarrego” e para espantar “maus espíritos”. Da restinga também retiram madeiras utilizadas na construção, consertos de canoas, confecções de artesanatos e utensílios. Fazem, ainda, uso da vegetação da restinga para a preparação de artefatos — por exemplo, agulhas de madeira para costurar redes de pesca e linhas para pesca confeccionadas a partir da fibra da folha — e para fins ornamentais (planta utilizada ao redor de casa e jardins). A restinga está inserida no cotidiano da comunidade, que a conhece bem.

Pessoas envolvidas

Pescadores artesanais e benzedeiros; moradores de Arraial do Cabo; guias turísticos e turistas.

Descrição dos elementos naturais

A grande diversidade geomorfológica da região de Massambaba propicia o desenvolvimento de várias comunidades vegetais, cada uma adaptada às variações das condições ambientais. Trata-se de uma vegetação mista composta por árvores, arbustos, epífitas, trepadeiras, muitas bromélias de chão, cactos e samambaias. É também uma área rica para ocorrência de bromélias e orquídeas. As lagunas e brejos são refúgios de alimentação, reprodução ou descanso para as aves migratórias, popularmente chamadas maçaricos, batuíras, peu-peus e gordinhos, além de trinta-réis, mergulhões e picaparras.

**Bajiru**

Essa espécie de planta, encontrada na restinga, serve para fazer chá para pessoas que sofrem de diabetes (mellitus) e pedra nos rins. Além disso, sua fruta serve como fonte de alimentação. O óleo da semente era outrora aproveitado para preparação de uma emulsão antidiarreica e para unguentos. As raízes, as cascas e folhas são adstringentes e utilizadas contra disenterias e pedra nos rins. A semente do Bajiru também pode ser usada como alimento, crua ou torrada.



Fruta aberta-boca, da Restinga de Massambaba
É uma espécie de fruto encontrado na restinga conhecido por ter um leite que, se a pessoa não tirar rapidamente da boca, provoca uma sensação de que a boca está se fechando. Mas não faz mal e é muito saboroso.

Vestígios de ocupações anteriores

Presença de numerosos sambaquis. Relatos históricos indicam a presença de índios das etnias Tamoio e Goitacá no ano de 1503, quando da chegada dos primeiros conquistadores europeus.

Atividades que acontecem no lugar

Pela comunidade local: coleta de plantas e raízes para preparação de chás, medicina fitoterápicas e preparados para afastar mau-olhado. Extração de materiais para artefatos de pesca.

Associadas ao turismo: passeios para conhecer a Restinga de Massambaba.

Quem mantém o lugar

INEA-Instituto Estadual do Ambiente e a Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Fiscalização contínua.

A equipe de pesquisa percebeu que o local tem recebido poucos cuidados. A fiscalização não é efetiva, já que existem várias construções irregulares, de pequeno porte até grandes empreendimentos.

Avaliação da equipe de pesquisa NVC Arraial do Cabo

Os pesquisadores avaliaram que a restinga de Massambaba possui grande valor científico e histórico e que representa um importante patrimônio natural, arqueológico, ambiental, cultural e paisagístico. Além disso, apresenta grande diversidade geomorfológica, que propicia o desenvolvimento de várias espécies vegetais. A fauna e a flora da região possuem riqueza inestimável, com plantas endêmicas e raras. Durante a pesquisa, foram encontrados orquidários naturais, bromélias e cactos. Vale ressaltar, dentre a vasta fauna existente, a presença de lagartinho-branco-da-praia, espécie ameaçada de extinção.

Com a falta de políticas habitacionais consistentes e de investimentos em infraestrutura, percebe-se o aumento do número de ocupações irregulares nas áreas protegidas pela legislação ambiental. Essas ocupações colocam em risco o patrimônio ambiental e cultural.

Recomendações da equipe de pesquisa NVC Arraial do Cabo

Como recomendação, sugerimos motivar jovens a se interessar pelos fazeres e saberes da comunidade, envolvendo escolas, alunos e professores. As fichas de entrevistas desse Inventário Participativo registraram histórias de vida que podem ser uma referência da riqueza que deve ser aproveitada da restinga em Arraial do Cabo.

A preservação da restinga de Massambaba não se justifica apenas pela sua beleza natural: trata-se também das memórias dessas experiências humanas, passadas de geração a geração, expressas nas vivências pessoais dos saberes e fazeres, com suas lendas, histórias e poesias.

Fazenda Campos Novos

O que é

Fazenda colonial rural construída pela Companhia de Jesus, no ano de 1690, para servir como curral para o gado. O complexo era composto por uma casa-grande, igreja católica e cemitério. Com a expulsão dos jesuítas, passou para a Coroa Portuguesa.

Onde está

Situada em Tamoios, 2º distrito de Cabo Frio (RJ), no bairro Campos Novos.

Períodos importantes

1690 - Construção da sede, do cemitério e da Capela de Santo Inácio;
1759 - Expulsão dos jesuítas. Foi incorporada aos bens da Coroa Portuguesa;
1822/1823 - Colocada para reforma agrária;
1993 - Desapropriada pelo município;
2003 - Tombada provisoriamente pelo Inepac (Instituto Estadual do Patrimônio Cultural);
2015 - Tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional);
2017 - Registrada nos livros Arqueológicos, Etnográfico e Paisagístico. Atualmente, está sendo utilizada pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do município.

História

A Fazenda Campos Novos funcionava, no século XVII, como uma imensa propriedade pecuarista, voltada apenas para a criação de gado. No século XVIII, com a expulsão dos religiosos do Brasil, a fazenda foi incorporada à Coroa Portuguesa e, posteriormente, foi arrematada pelo fazendeiro Manoel Pereira Gonçalves. A fazenda passou por vários donos até ser comprada pela Prefeitura de Cabo Frio na década de 1990.

No entorno da fazenda e nos municípios vizinhos encontramos sete comunidades remanescentes quilombolas: Preto Forro, Maria Romana, Fazendinha, Botafogo, Rasa e Maria Joaquina (Cabo Frio); Caveira (São Pedro da Aldeia); Baía Formosa (Armação dos Búzios). A grande maioria desses grupos surgiu de pessoas que chegaram ao Brasil na condição de escravos para trabalharem na fazenda Campos Novos.

Significados

A maioria dos moradores das localidades próximas é de descendentes dos trabalhadores da fazenda. Todos têm o sentimento de estarem perdendo algo muito significativo para a história desse povo, pois relatam que Cabo Frio começou naquele lugar. No entanto, essa parte da história não é lembrada no aniversário da cidade, assim como é negligenciada a luta dos remanescentes quilombolas, principalmente a memória afetiva com a fazenda Campos Novos. A propriedade era referência do lugar para todas as atividades do dia a dia da população do entorno. Era onde acontecia, para a maioria, o trabalho na lavoura, as festas religiosas, os bailes, o comércio e outras atividades sociais.



Sede da Fazenda
Campos Novos e
da Igreja Santo
Inácio. 25/01/19



Vista da frente da sede da
fazenda Campos Novos.
25/01/19



Igreja de Santo Inácio



Também os mortos da redondeza eram enterrados no cemitério da fazenda. Contudo, atualmente as pessoas não podem ir prestar homenagem aos seus entes queridos, pelo estado de abandono em que se encontra o complexo, constituído por sede, igreja e cemitério. Isso é motivo de tristeza, particularmente para os mais idosos, que têm muitos de seus parentes sepultados ali.

Outro ponto de insatisfação é o descaso com a história do povo negro. Segundo alguns relatos, a história deles não é valorizada nem lembrada nas comemorações da cidade.

Descrição

A Fazenda Campos Novos encontra-se desativada, apenas com uso parcial, com a instalação da Secretaria Municipal de Agricultura.

A Secretaria Municipal de Cultura faz a gestão do espaço e disponibiliza uma funcionária para atendimento ao público quando necessário.

Elementos naturais

Várias espécies de árvores (frutíferas ou não, nativas ou exóticas), plantas medicinais e hortaliças são encontradas na propriedade.

Elementos construídos

A casa-grande, a Igreja de Santo Inácio, as casas que serviam de moradias para pessoas que residiam no entorno da sede da fazenda, o cemitério, a sede da Secretaria de Agricultura, um canil do município, galpões para exposição agropecuária.

Vestígios

Vestígios de casas onde moravam colonos e agricultores rurais.

Materiais

Madeira, pedras, ferro nos encanamentos, imagens de santos esculpidas em madeira maciça, telhas de barro, sino de bronze.

Manutenção

Prefeitura Municipal de Cabo Frio.

Conservação

Não existe nenhum tipo de conservação no local, que está literalmente "caindo aos pedaços". Não há qualquer tipo de restauração ou limpeza do local.

Avaliação

A história da Fazenda Campos Novos é muito rica, mas, com a falta de manutenção, logo ela poderá ser literalmente "tombada", pois se encontra em estado deplorável, com risco de toda a sua história não existir mais visualmente. Segundo os moradores, não há qualquer tipo de valorização do passado da Fazenda no município, que não é lembrada no próprio aniversário da cidade.



Recomendações

Os responsáveis pela manutenção do local devem expressar maior sensibilidade por sua valorização, considerando que a Fazenda faz parte da história da cidade e possui importância principalmente para os remanescentes da ocupação original.

Durante reunião do NVC, os participantes sugeriram como estratégias a realização de um mutirão de limpeza e o desenvolvimento de ações de sensibilização da comunidade, para promover maior valorização do local. Além disso, sugeriram que o cemitério fosse novamente aberto e recebesse manutenção, para visita dos moradores que têm entes queridos enterrados no local.

Formas de expressão

Lenda da Batatoa (Boitatá)

Durante a realização do Inventário, foram entrevistados alguns moradores do local. O Sr. Antônio se revelou um grande contador de histórias sobre os personagens fantásticos avistados com frequência em sua infância. Segundo seu relato, a Batatoa é uma mulher que se transforma em um ser que jorra fogo pelos orifícios do corpo. Ele disse que uma vez presenciou essa transformação, quando tinha por volta de oito anos de idade. Numa noite de luar, sua tia falou que a vizinha era uma Batatoa. Ele e as demais crianças ficaram naquela noite espiando pela janela e viram quando a vizinha saiu de casa, tirou toda a roupa e se transformou num ser que andava em quatro pés e jorrava fogo pelos “peitos”. Logo, eles viram como ela foi para um descampado mais distante e lá se encontrou com outras batatoas, dando início a uma batalha de fogo. Sr. Antônio disse, ainda, que escondeu as roupas da mulher numa moita e que, perto do amanhecer, ela voltou para casa despida e com o pé quebrado.

Ainda segundo a lenda do local, a condição para que uma mulher se transformasse numa Batatoa era que ela se casasse com um compadre (um batizava o filho do outro na igreja). Então, a partir do casamento, em determinadas noites ela se transformava nesse ser.

Onde está

Na cidade de Cabo Frio, no bairro de Campos Novos, região rural do município.

Períodos importantes

Essa manifestação, frequente na infância dos mais idosos da localidade de Campos Novos, não ocorre nos dias de hoje. As crianças de agora nunca puderam presenciar esses fenômenos, assim como desconhecem as muitas lendas existentes no imaginário popular. O fato é justificado por antigamente não haver luz elétrica: sendo as noites muito escuras, tudo se transformava em algo assustador. A religião também desmistificou as lendas, o folclore e outras histórias que os adultos contavam às crianças.

Significados

Essas lendas representam para os mais idosos uma época de fantasias, brincadeiras, saudosismo. Ligação de afetividade e aventuras com o local onde foram criados.

Pessoas envolvidas

Mulheres da comunidade que se casavam com seus compadres (que batizavam um o filho do outro na igreja); a comunidade de moradores da Fazenda de Campos Novos.



Entrevista com comunitários residentes nos arredores da Fazenda Campos Novos

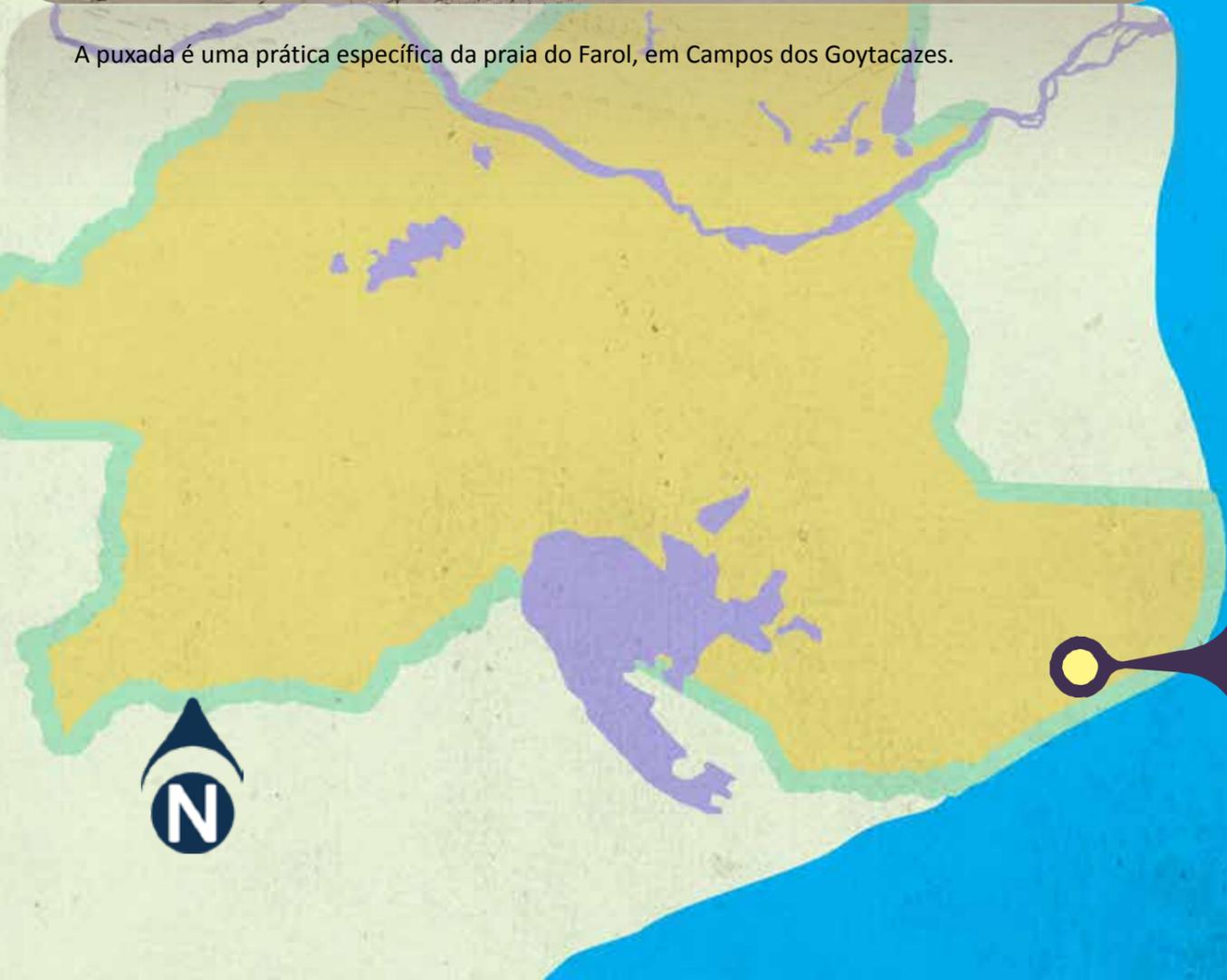


Sr. Antônio contando suas histórias de vida





A puxada é uma prática específica da praia do Farol, em Campos dos Goytacazes.



Prática da puxada em Farol de São Thomé

O que é

É uma atividade exclusiva da praia do Farol de São Thomé. Nela, são utilizados tratores para puxar do mar e empurrar para o mar os barcos de pesca de camarão. A praia campista não possui condições propícias para a instalação de um porto para essas embarcações, forçando os pescadores a atracar seus barcos na praia, deixando-os “estacionados” na areia.

Onde está

Somente na praia de Farol de São Thomé. Segundo informações levantadas durante a pesquisa e as entrevistas, a prática é exclusiva da praia campista.

Períodos importantes

A puxada surgiu mais ou menos na década de 1970 e, segundo um pescador antigo, essa prática apareceu devido à necessidade de ter um barco de porte maior para acompanhar o “pesqueiro” que se afastou da costa. Antes disso se utilizava canoa para pescar camarão, e não seria possível puxar o barco para a areia devido ao peso equivalente ao seu tamanho e também devido à quantidade de pescado. O mar da praia de Farol de São Thomé é muito agitado, um dos fatores pelos quais não possui um porto para facilitar esse trabalho. Segundo relatos, um dos pioneiros dessa prática comprou o primeiro barco de médio porte com motor e desenvolveu um suporte de ferro — que recebeu o nome de “biqueira” — cuja função era dar resistência para, com o auxílio de tratores, puxar o barco e retirá-lo. Apesar dessa inovação, os barcos ainda deviam ser empurrados à mão pelos pescadores. Outro pescador desenvolveu uma estrutura de ferro semelhante à biqueira, o pau de popa, que servia para o trator empurrar os barcos para o mar. A princípio, o barco era empurrado somente até perto da água, e os pescadores ainda deviam empurrar para colocá-lo dentro do mar (comunicação oral feita pelos pescadores Salvador José Manhães, Jorge Balabá e Edivaldo, do Farol de São Thomé).

História

Antigamente, a pesca na praia de São Thomé era realizada somente com rede, chamada de “arrastão”: em que um pescador entrava no mar segurando a rede, que tinha duas cordas, e a soltava até certo ponto. Em seguida, outros pescadores que estavam na areia puxavam essas duas cordas presas à rede e assim traziam os peixes para a beira do mar. As mudanças ocorridas na linha litorânea produziram a necessidade de adentrar um pouco mais o mar, e, para auxiliar, foram introduzidas as canoas, que eram empurradas à mão pelos pescadores. Essa prática durou muitos anos. Os pescadores empurravam a canoa, com a rede dentro, e iam remando e soltando uma das pontas da corda, fazendo um cerco com a rede, e depois saíam, puxando a outra ponta da corda para a beira. Como havia quantidade maior de peixes, havia a necessidade de mais pessoas para puxar a rede para a areia. Não havia uma quantidade certa, mas podiam participar cerca de dez a vinte pessoas em cada lado da corda. Eram pescadores, puxadores (pessoas que recebiam especificamente para puxar a rede) e turistas que ajudavam em troca de peixes que sobravam, já que os pescadores priorizavam o camarão.

A introdução de barco a motor alterou essa prática mais artesanal de pesca, levando à introdução do trator.

A introdução de barcos a motor de porte médio trouxe a necessidade de ter mais pescadores no barco, pois a pesca ainda era feita “no braço”, com o arraste da rede. Atualmente, os barcos possuem um motor próprio que joga e puxa a rede com o pescado para dentro dele. No princípio, as embarcações também eram empurradas pelos pescadores. Mas, aos poucos, ganharam maiores dimensões e exigiram mais e mais das pessoas envolvidas nos trabalhos de colocá-las no mar e retirá-las para a areia. Muitas delas apresentaram sérios problemas de coluna e outros relacionados a essa atividade. Segundo as narrativas, cerca de quatro anos depois, um pescador sugeriu introduzir a “biqueira” para encaixar na frente do barco para que, com o auxílio de um cabo de aço, o trator pudesse puxá-lo para a areia (Comunicação oral feita por Salvador José Manhães).

Significados

A prática da puxada, embora tenha pouco mais de 40 anos, pode ser considerada um modo de fazer originado da pesca artesanal, como solução às dificuldades ambientais apresentadas pelo mar aberto e pelas fortes ondas e à maior demanda por peixe e camarão. Constitui hoje um saber específico criado e transmitido por pescadores locais. A sobrevivência da atividade pesqueira na praia do Farol de São Tomé depende da expertise dos que manejam essa prática.

DESCRIÇÃO [etapas]

Fabricação do barco

Os barcos utilizados possuem uma estrutura mais alargada, necessária para manter o equilíbrio e não tombar durante a puxada. Em geral, são produzidos em estaleiros artesanais na região. Posteriormente, aos barcos são anexadas estruturas de ferro, como a biqueira, para que ele possa ser puxado pelos tratores, e o pau de popa, para que possa ser encaixada a peça que empurra o barco.

Preparação para sair para a pesca

Os barcos, ainda na areia, são preparados com materiais necessários à pesca, provisões e combustível para entrar no mar. Em seguida, são puxados por trator até a beira do mar, e outro trator os empurra, com uma base de ferro, até a água.

Pesca

Os pescadores podem levar de dois a três dias no mar aberto, caso levem gelo. Quando “não vão para gelar”, levam 12 horas, que é o espectro de variante da maré.

Retirada do barco

Após a pesca, o barco fica navegando perto da costa, como forma de sinalizar que precisa ser puxado. O trator vai para perto da beira-mar, e os engatadores se preparam para encaixar o cabo de aço na biqueira no momento certo para que a embarcação não vire com o balanço das ondas.

Atracagem do barco

Depois de ser retirado da água por um trator, um segundo trator se encaixa no primeiro e os dois puxam o barco até o “porto”, onde os barcos ficam atracados na areia.

Farol de São Thomé – Campos dos Goytacazes.
Pescador Edvaldo sendo entrevistado pelo NVC.
Fotógrafo: Jéssika Rodrigues de Paula. Data: 26/02/2019.





Estrutura do barco específico para a pesca em construção. Foto tirada no estaleiro dos irmãos Angélica Balabá e Jorge Balabá, situado na Rua Atum, Vila do Sol, Farol de São Thomé. Fotografia: Jéssika Rodrigues de Paula. Data: 21/03/2019.

Segundo as entrevistas realizadas, são empurrados de 30 a 100 barcos diariamente. Em média, 150 barcos estacionam na praia do Farol de São Thomé. No geral, os barcos começam a ser colocados no mar por volta das 4h30 da manhã. Cada “puxada” dura entre uma e duas horas e custa em média R\$ 50,00, preço que corresponde em média ao do quilo do camarão (comunicação oral de pessoas envolvidas com a prática da puxada).

Pessoas envolvidas

Carpinteiros, donos dos portos, tratoristas, pescadores e engatadores.

Materiais

Araldite, pó de serra e areia; cabo de aço; biqueira; trator; gancho de ferro.

Modo de fazer

Primeiramente, há que se colocar o barco na água. Este é puxado até a beira do mar e logo empurrado, com o auxílio de tratores. É importante que os engatadores tenham atenção ao momento de encaixar e retirar o gancho do barco, por conta da batida das ondas. Também os tratoristas precisam ter atenção ao momento certo de empurrar, para não ir contra a onda.

Depois de pouco mais de uma hora de navegação, a cerca de 40 quilômetros da costa, já não se consegue mais avistar terra. Os pescadores então começam a preparar as redes de malha bem fina para o arrasto e começam a operação. Fazer esse arremesso exige uma técnica específica. A “bulina”, espécie de asa do barco, dá maior estabilidade à embarcação na água; quanto mais larga, maior a estabilidade. Os “tangones” mantêm as redes afastadas do barco.

Com o retorno do barco, o próximo passo é a retirada do barco, que requer ainda mais cuidado, já que seu peso é muito maior após a captura do camarão. A embarcação é posicionada o mais próximo possível da costa para esperar o trator se aproximar da beira-mar. Em seguida, o barco avança e, junto ao balanço das ondas, vai em direção à areia, momento em que os engatadores rapidamente colocam o gancho no barco, e o trator, de forma rápida, o puxa para fora da água. Outro trator é rapidamente conectado ao primeiro, e esses puxam juntos o barco para atracar no porto. Após atracado, por estar cheio, o barco corre o risco de virar. Então, com o auxílio de pás, os engatadores puxam areia para baixo do barco, em suas laterais, enquanto o trator auxilia, segurando-o.



Ferramentas

Cabo de aço para conectar o barco ao trator; gancho de ferro para engatar na biqueira.

Estrutura e recursos necessários

Além do feitiço do barco e da presença da biqueira e do pau de popa, o material mais importante para a puxada é o próprio saber sobre essa técnica.

Transmissão do saber

Aprender a puxada não é algo feito em escolas ou cursos; é um saber que se aprende com a família e com os amigos, pela observação do processo da retirada dos barcos da água. As tarefas contam muitas vezes com a ajuda de filhos, netos e amigos, o que permite a transmissão desse saber, ao longo das gerações.

Avaliação

A tradição da puxada, além de ser desconhecida pela maior parte dos campistas, também não é percebida como um valor cultural, até mesmo pelos próprios pescadores. Também é uma atividade econômica importante, já que grande parte dos envolvidos só tem esse ofício, sendo a sua única forma de renda. Trata-se de um trabalho árduo, desgastante e perigoso; uma atividade cheia de riscos, desde o engate do barco até a saída da embarcação. Durante a realização do Inventário, diversos acidentes com os pescadores nos foram relatados. Também foi mencionado que nada tem sido feito por parte da colônia de pescadores junto ao poder público para dar melhores condições de trabalho.

Recomendações

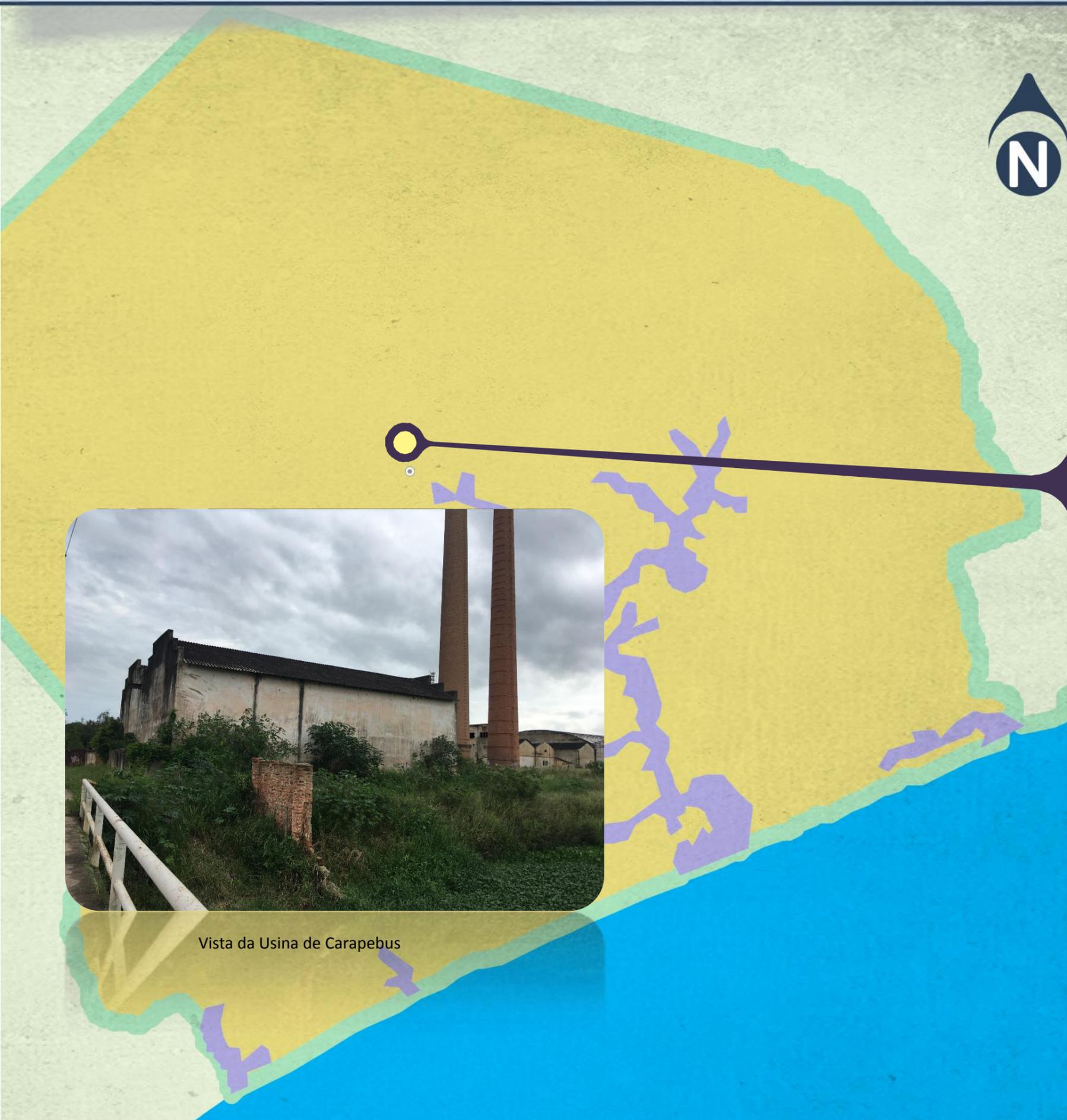
Para que a tradição do saber da puxada seja mantida e valorizada, citaremos algumas possíveis questões:

- Reconhecimento do valor cultural desse saber, com divulgação dentro do município de Campos dos Goytacazes, para que os envolvidos com a prática da puxada se sintam motivados e valorizados, já que é um saber desenvolvido pelos pescadores campistas como estratégia à ausência de um cais;
- Melhoria das condições de trabalho com o apoio dos órgãos públicos, tanto no que se refere à melhoria na estrutura e manutenção dos equipamentos utilizados, quanto à saúde desses trabalhadores e das trabalhadoras envolvidas na pesca artesanal no município de Campos dos Goytacazes;
- Oficinas e eventos organizados pela Secretaria de Agricultura e Pesca junto à colônia de pesca, para enfatizar a valorização do trabalho pesqueiro, bem como desse saber, que tem favorecido a pesca artesanal no município.



Estrutura da biqueira, peça pela qual o barco é puxado. Foto tirada no estaleiro dos irmãos Angélica Balabá e Jorge Balabá, situado na Rua Atum, Vila do Sol, Farol de São Thomé. Fotógrafa: Jéssika Rodrigues de Paula. Data: 21/03/2019..





Vista da Usina de Carapebus

Usina de Carapebus S/A

O que é

Usina de produção de açúcar e melado, que foi considerada a primeira empresa de Carapebus. Para alguns moradores, a emancipação do município se deve a sua existência.

Onde está

Está localizada na área urbana do município de Carapebus. Encontra-se situada na parte central da cidade, próxima à igreja matriz e à praça principal, com facilidade de acesso.

Períodos importantes

No ano de 1846, inicia-se o cultivo de cana-de-açúcar em Macaé, município do qual Carapebus se emancipou em 1995. A usina de Carapebus foi fundada em 1927 e funcionou até 1999 (www.carapebus.rj.gov.br).

História:

A usina de Carapebus originou-se do pequeno Engenho do Limão, em Campos dos Goytacazes. O coronel Francisco Ribeiro Vasconcelos foi seu primeiro proprietário. No século XIX, a principal mão de obra era a dos escravos, que podiam ser comprados em Porto Velho. Ainda hoje, podemos ver os vestígios destes quatro portos: Boa Sorte, Pedra Branca, Fundão e Barreiros.

Durante muitos anos, o transporte da cana era realizado em carro de boi, em pranchas de remos de mão (e posteriormente a vapor) e também em tratores e caminhões. As pranchas eram utilizadas aonde os carros de boi não podiam chegar.

Conforme o livro "Carapebus nas páginas do passado", de Anna Maria Vasconcellos Almeida, publicado em 2013 pela editora Muiraquitã, na década de 1930, Antônio Augusto da Paz remodelou a usina, implementando a produção de açúcar cristal e a destilaria. Nos anos 1940 e 1950, a usina gerou mais de 300 mil sacos de açúcar, conforme a autora. Pouco depois dos anos 1950, foi construída a segunda torre.

Em 1972, o Grupo Othon comprou a propriedade, assumindo sua diretoria e promovendo uma importante mudança: o negócio deixou de ser familiar para adotar um modelo empresarial (depoimento de Sr. Alencar). O grupo Othon cortou os armazéns, e os funcionários começam a receber seus salários mensalmente ou de 15 em 15 dias (diminuindo o assistencialismo).

Durante muito tempo, a cana foi subsidiada pelo governo federal, o que perdurou até o governo Collor, quando foi extinto o subsídio. Com o subsídio do álcool, a usina se tornou principalmente destilaria desse produto, mas continuou com sua produção de açúcar cristal, como conta Anna Maria Vasconcellos Almeida. Por meio de verba vinda do Instituto da Indústria e Alcool (IAA), foram iniciadas as obras do primeiro hospital de Carapebus, mais tarde concluídas pela prefeitura.

Significados

A usina pode ser considerada a primeira empresa do município, constituindo um importante gerador de empregos e formando verdadeiros artífices da área da hidráulica e da marcenaria.

Além de sua importância econômica, a usina mantinha uma função assistencialista: fornecia escola para os filhos dos trabalhadores (ginásio); distribuía cestas de Natal ao final do ano; contribuiu com a construção do hospital; construiu o centro odontológico; e doou a área do campo de futebol.

O fator econômico e social era bastante forte, pois a usina supria o papel do poder público, praticamente inexistente naquela época. Como geradora de emprego, seus funcionários – em sua maioria – eram analfabetos, sem recursos e dependiam da usina para sua sobrevivência e de suas famílias. Já a economia das fazendas era aquecida com a plantação e o fornecimento de cana para a produção de açúcar, melão e posteriormente álcool. Além disso, havia sistema de caderneta para os seus funcionários. Por ele, o que era consumido devia ser comprado nos armazéns das fazendas ou em pequenas vendas.

A usina rendeu muito dinheiro para os cofres públicos de Macaé e do Estado.

Suas atividades causavam diversos transtornos ao município, como a fuligem e o vinhoto, produzidos respectivamente pela queima e pela moagem da cana. A fuligem causava problemas de saúde, e o vinhoto era jogado nos córregos, trazendo mortandade de peixes e danos à população.

Pessoas envolvidas

As pessoas envolvidas com a usina eram os funcionários (com suas famílias), a administração, a gerência e sua subdivisão, além de fazendeiros e cortadores de cana-de-açúcar.

Elementos naturais

Árvores, vegetação, córrego da Maricota.

Elementos construídos

Ginásio escolar, setor administrativo, torres da usina, fachada do cineteatro, galpões das máquinas, muro ao redor da usina.

Vestígios

A usina inteira possui vestígios de suas atividades, inclusive os locais em que a cana era pesada e os pátios.

Materiais

Tijolo, madeira, ferro.

Técnicas ou modos de fazer

Construção de alvenaria.

Atividades que acontecem no lugar

Acontecia produção de açúcar, aquecendo a economia local e geração de trabalho. O local hoje em dia está abandonado.

Fachada do cineteatro de Carapebus. A parte interna não existe mais.



Esse espaço, segundo relato de um ex-trabalhador da usina, abrigava a parte administrativa, onde os funcionários recebiam seus salários.





O grupo do NVC de Carapebus se reuniu na sede do projeto para realização de uma entrevista com Anna Maria, escritora local, que lançou um livro sobre a história de Carapebus e da Usina. Na entrevista, falou sobre história local, identidade, cultura e importância da preservação da história e do tombamento da usina.



Os participantes do NVC visitam o senhor Alencar Lírio da Fonseca, que trabalhou como subgerente da Usina. Ele forneceu informações para a elaboração do livro de Anna Maria. Falou sobre a história do município, sua emancipação e o surgimento da usina. Além de abordar fatos históricos, falou da importância social, econômica e cultural da usina na região.

Manutenção

Não existe manutenção no local, que se encontra completamente abandonado; muitas peças da usina já foram vendidas ou saqueadas. O lugar, inclusive, foi usado para ocultação de caminhão roubado, o que, em virtude de ordem judicial, atualmente dificulta o acesso à área. Há também risco de desabamento. Para o grupo do Núcleo de Vigília Cidadã e dos entrevistados, a melhor saída seria o seu reconhecimento como um bem cultural, com o tombamento, pelos órgãos competentes.

Conservação

Não há conservação do local. Está abandonado, e o que resta está a caminho de se perder em ruínas.

Avaliação

Diante de conversas com o grupo, reflexões e entrevistas, além de informações levantadas informalmente, reconhece-se a usina como detentora de um importante valor cultural e histórico para o município. Há muitos que ainda acreditam em sua viabilidade econômica, como geradora de emprego e renda. Mas o que se destaca é o forte contexto ligado à fundação do município e à cultura de seu povo.

Apesar de, numa perspectiva crítica, reconhecermos que, no período de atividade da usina, a baixa escolaridade e o assistencialismo afastavam as pessoas do conhecimento de seus direitos — fator que perdura até hoje —, há a parte sentimental e nostálgica daquela época, demonstrada por saudade e vontade de retorno.

O apito que marcava o horário e a rotina das pessoas, o jogar conversa fora entre os funcionários na hora dos intervalos, a solidariedade e a irmandade construídas entre eles, as tristezas divididas quando um amigo morria em condições extremas de falta de segurança no trabalho, as brigas, os casamentos, a história local, o teatro, o cinema e o primeiro filme exibido: tudo isso faz parte de uma memória rica e que não pode nem deve ser esquecida.

Muitos gostariam que essa área fosse transformada em espaço cultural (do qual a cidade é carente), além do que já foi mencionado com relação a um possível retorno da usina como geradora de renda e emprego. A memória, a história e a cultura de uma cidade construída em seu redor: esse é o legado que fica e que hoje poucos jovens conhecem.

Recomendação

Para a historiadora local entrevistada pelos membros do NVC, deve haver o tombamento total da usina (a casinha, as torres, o cinema). Essa seria uma forma de as futuras gerações terem legado histórico e a lembrança de que a usina foi o primeiro empreendimento grande a efetivamente gerar emprego. Entende-se que é importante registrar esse resgate histórico e mostrar que os antepassados viveram todos em prol da usina.

Rua Beira-Rio no distrito de Barra de São João

Memórias de Barra de São João

Barra de São João, distrito de Casimiro de Abreu, é uma vila do início do século XVII. Em 1617, os jesuítas fundaram a aldeia de São Pedro, e mais tarde, a sesmaria de Campos Novos. Em 1619, uma missão partiu de Cabo Frio e atravessou os rios São João e Macaé, em direção ao Norte.

A seguir, alguns colonos da sesmaria de Campos Novos se fixaram na margem esquerda do rio São João e ali exigiram uma capela, a que deram o nome de São João Batista.

O porto do rio São João chegou a ter 40 navios. Conhecido na época como Trapiche, o porto estava localizado atrás da casa da família de Casimiro de Abreu. Ali eram embarcados e desembarcados escravos e mercadorias para serem comercializados na Beira-Rio, conhecida rua de comércio da região.

O pai do poeta Casimiro de Abreu foi morar no vale do São João e adquiriu, dentre outros imóveis, um trapiche em Barra de São João, localizado na antiga Praça da Alegria, depois chamada de "Mal. Deodoro" e, atualmente, "As Primaveraes". O imóvel abrigava, em sua parte central, um armazém — onde se estocavam mercadorias vindas do Rio de Janeiro e de Cabo Frio para os comerciantes locais, assim como as mercadorias que eram exportadas para o Rio de Janeiro — e, nas laterais, as áreas de moradia. A ala direita, sem alcovas (quartos) e com áreas de quintal limitada por muros, servia à família de Casimiro; a ala esquerda, com alcovas, tinha instalações para os escravos e também uma loja comercial. Com o falecimento do poeta, em 1860, o imóvel passou a pertencer ao comendador José Alves Pereira, que o vendeu a Antônio Peixoto, em 1924. Nesse período, o trapiche já estava ocupado por outras famílias. Os herdeiros de Antônio Peixoto venderam o imóvel a Cyro Meireles, e, no espólio deste, em 1937, o bem foi arrematado por Bernardo José Gomes, comerciante e industrial — por meio de escritura pública registrada no cartório Franklin Santos —, que o reformou. Bernardo José Gomes descendia de tradicional família de Barra de São João. Seu avô foi proprietário de uma das maiores fazendas do município. Alguns anos depois, o imóvel foi doado ao Estado, para acolher o Museu Casimiro de Abreu. Bernardo Gomes também mandou erigir, na praça Matriz de Barra de São João, o busto do poeta. A Beira-Rio recebeu o nome de Rua Bernardo Gomes, em homenagem ao grande bem-feitor de Barra de São João.

Durante os trabalhos do Inventário, o grupo ouviu que, quando da reforma da casa do Poeta, as telhas centenárias originais foram retiradas e levadas para outro lugar, o que resultou na descaracterização do patrimônio público cultural Barrense.

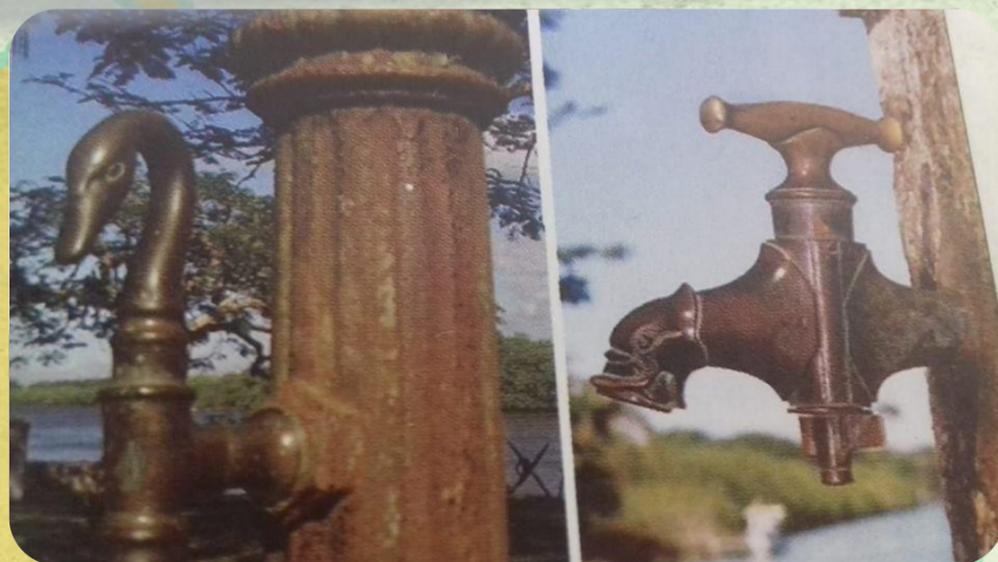
Barra de São João apresentava agrados da paisagem com sua grande artéria comercial: o rio São João, cuja navegação de cabotagem atingia o porto de Três Morros, favorecendo a expansão da agricultura constituída pelo café, pelos cereais, aguardente, madeiras extraídas das ricas matas e das margens do rio para a fabricação de móveis, barcos e para a construção civil. Por esses motivos, Barra de São João recebeu visitantes ilustres, como o príncipe regente Dom Pedro II e também o artista plástico José Pancetti, cujas pinturas foram identificadas em pesquisa realizada pelo grupo na biblioteca municipal.

Casa de
Casimiro de
Abreu.
1834



Barra de São
João é uma
vila do início
do século XVII





A instalação de torneiras com colunas de granitos em pontos da antiga rua do Comércio (Beira-Rio).



Os valores resultantes da cobrança pelos serviços de águas instalados a partir do Morro São João foram cedidos à igreja. Já na década de 1940, naquela rua, também foram instaladas mais torneiras de ferro fundido, doadas por Bernardo Gomes, onde a população buscava água em barris envolvidos em pneus e puxados por arames com tração animal ou pela própria pessoa. Toda vida social de Barra de São João se passava na Beira-Rio. Começava na casa de Paulo Pardal, que fica em frente à Praça do Canhão, passava pela Praça As Primaveras, antiga Praça Marechal Deodoro, e ia até a Capela do padroeiro São João Batista.

Lembranças de Barra

Em 1899, a casa onde hoje funciona a Biblioteca Pública Carlos Drummond de Andrade serviu de escola estadual primária. Em 1952, foi adquirida por Lucíola Lygia Pinto de Carvalho e, em 1976, por Paulo José Pardal, que também foi diretor da Casa de Casimiro de Abreu. Nesse imóvel funcionou, ainda, o Centro Educacional Manuela Machado e, a partir de 2000, a Biblioteca. Hoje a casa está fechada e abandonada.

Em abril de 1842, D. Pedro II, ao voltar de uma viagem a Campos dos Goytacazes, hospedou-se na residência pertencente ao abastado negociante Antônio Leopoldino Ribeiro. Em outra viagem ao povoado, o Imperador passeou pela Beira-Rio, entre vivas e foguetes em sua homenagem. Boa impressão causou o local ao Imperador, comprovada pela sua inclusão no roteiro de viagem sugerido pelo monarca ao Conde d'Eu e à Princesa Isabel, em 1868, citando o Rio de São João como uma "povoação muito alegre", com uma posição pitoresca da Matriz. Barra teve várias denominações: Vila de São João, Arraial de Barra de São João, Barra do Rio de São João, Rio de São João e outros, até chegar ao topônimo atual de Barra de São João.

Antiga pensão Maria

A casa que hospedou Dom Pedro II e Princesa Isabel na época do Império recebeu outros hóspedes ilustres, como o naturalista britânico Charles Darwin e o também naturalista Barão de Capanema.



Antiga Câmara Municipal

Em 1843, foi aprovada a demarcação dos limites do Arraial de Barra de São João, e, em 19 de maio de 1846, foi criada a vila, tendo, na ocasião, cerca de 4 mil habitantes. O local era amplamente favorecido por um intenso movimento de navios no porto de águas calmas na foz do rio. A primeira Câmara foi instalada numa casa cedida gratuitamente por Antônio Joaquim Flores. Naquele início de vida política do Município de Barra de São João, algumas pessoas de patentes assumiam os cargos mais importantes, favorecidas pelo coronelismo. Estes detinham o poder sobre a população, que nada podia fazer. Os vereadores eram escolhidos de acordo com os padrões da época, baseados na condição econômica.

Dentre esses primeiros, estava Francisco de Sá Pinto Magalhães, conhecido como Chico Boticário – avô paterno de quem viria a ser o último presidente da República Velha do Brasil, Washington Luiz, nascido em Barra de São João, em 1869. Conta a história que ele negou o seu lugar de nascimento, pois foi chamado de "o paulista de Macaé". É importante registrar que, embora seu nome conste na história como nascido em Macaé, na verdade, já fazia dez anos que Barra havia se desmembrado desse local. Para a memória, foi privilegiado o município mais antigo, mas os habitantes preferem lembrar que seu nascimento se deu em Barra de São João.

Ferrovias

Em Barra de São João, ainda existe uma antiga estação ferroviária e os vestígios de uma antiga ponte sobre o rio. Apesar da infraestrutura ferroviária, esta jamais funcionou. Por ali passavam apenas os autos de linhas e os trolés. A importância comercial marcada pelo trânsito dos barcos e um importante entreposto comercial já não tinha expressão nos tempos das estradas de ferro. (http://www.estacoesferroviarias.com.br/efl_r_amaais_3/barradosaojoao.htm).



Antiga Beira-Rio



Balsa sobre o Rio São João (1933)

Balsa – 1933

Eis a descrição da balsa sobre o Rio São João, que integra o relatório do Secretário de Estado de Agricultura, Viação e Obras Públicas, Cap. Pelio Ramalho:

"O rio São João tem uma largura de cerca de 200 metros na cidade de Barra de São João.

Não existindo ponte alguma aí, a passagem do município de Cabo Frio para o de Barra está hoje assegurado por uma balsa composta de dois canos e um estrado, que se move presa a uma sólida corrente ancorada nas duas margens, com passagem de um carro por vez .





Placa alusiva à inauguração do prédio da Lyra dos Conspiradores.



Entrada da Lyra dos Conspiradores.



Lyra dos Conspiradores

O que é

A Sociedade Musical Beneficente da Lyra dos Conspiradores é uma associação musical macaense que mantém uma escola de música.

Onde está

A Lyra está localizada na Rua do Sacramento, ao lado da antiga sede do Jornal O Debate, perto da Praça do Veríssimo de Mello, a Praça do Hospital.

Períodos importantes

Criação/fundação: 1882.

Primeiro ensaio da banda: 19/02/1883.

Instalação no prédio: 1887.

Serviu de local de ensino nos seguintes anos:

Foi local da Escola São José: 1953–1961.

Foi local do Instituto Nossa Senhora da Glória: 1962–1963.

Ganhou o Campeonato de Banda: 1977.

Centenário da Banda: 1982.

História

A Sociedade Musical Lyra dos Conspiradores foi fundada por abolicionistas que lutavam contra a escravidão em Macaé. Sua história expressa as nuances da história do Brasil da época. Na década de 1870, já havia a banda “Aurora da Liberdade”, que, embora não tivesse sede, era uma banda potente, que aceitava negros alforriados no seu quadro. A Maçonaria julgava uma afronta uma banda aceitar negros e ir contra a ordem escravocrata da época e, então, formou a banda “Nova Aurora”, sufocando a Banda Aurora da Liberdade. Durante aproximadamente nove anos, a Nova Aurora reuniu todos os músicos de Macaé – incluindo parte dos músicos que eram da Aurora da Liberdade. No entanto, os abolicionistas queriam mudanças e se mobilizaram para isso.

Primeiro, houve a construção da Capela Nossa Senhora da Penha, que tinha um sótão onde escravos fugidos eram escondidos, além de um túnel que tinha ligação com o porto (onde hoje é o Mercado de Peixes). À noite, os escravos que estavam escondidos na capela passavam pelo túnel, iam até o porto e embarcavam clandestinamente para Campos dos Goytacazes, mais precisamente para o Quilombo de Dores de Macabu.

As ações em favor dos negros começaram a ficar conhecidas, e os abolicionistas eram reconhecidos na cidade como os conspiradores. Para evitar problemas com a Coroa Portuguesa, o grupo fundou a Sociedade Musical Beneficente da Lyra dos Conspiradores, em 1882. Curiosamente, a Coroa soube e mandou investigar o porquê de conspiradores no nome. Os abolicionistas disseram que não eram contra a Coroa, e sim contra os músicos que não queriam que a música fosse propagada para toda a região. Dom Pedro I, amante de música, mandou então dinheiro para a Sociedade, que construiu o prédio anexo à capela.



A Lyra foi a primeira associação que permitia que seus membros não fossem diferenciados por raça ou cor. Na sede da Associação, eram realizadas reuniões do movimento abolicionista. A Associação também comprava escravos e dava a liberdade a essas pessoas, além de ensinar o ofício musical. Após a abolição da escravatura, a Lyra se tornou referência no ensino de música na região. Durante muito tempo, houve um quadro social de membros que pagavam mensalidades e mantinham a Lyra. De meados do século XX até mais ou menos a década de 1980, a formação da banda estava composta principalmente por ferroviários e era uma paixão passada entre gerações.

Significados

É o local onde muitos músicos aprenderam o ofício no passado, sendo uma das principais referências musicais ainda hoje no município. É reconhecida por formar uma das bandas musicais de mais renome e prestígio da cidade e na região, tocando nos principais eventos e festividades todos os anos. Também é reconhecida por sua luta abolicionista e suas ações beneficentes.

Descrição e pessoas envolvidas

A banda ainda existe, porém com um número reduzido de músicos — cerca de 15. Na sede da Lyra, podemos encontrar o atual presidente da Associação, Leandro Marcio de Andrade Costa, que é também o mestre da banda; o vice-presidente atual Rafael Almeida, que é professor de canto, piano, violão e flauta doce; além de professores de música associados, alunos de música e um zelador (dados de 2018). Destacamos, ainda, alguns nomes importantes para a Lyra: Júlio Cupertino, Júlio Maximiliano Olivier, Jorge Casimiro, Henrique Lorena, Ancelmo Castro e engenheiro Tabagib.

Elementos naturais e construídos

O espaço é constituído de um pátio na frente e uma casa nos fundos. Há uma árvore na entrada, e o pátio abriga um estacionamento. A frente da casa é constituída por uma escadaria frontal, adornada com duas estátuas. No interior da casa, há diversos cômodos/salas (onde acontecem as aulas de música), além de uma pequena capela central.

Vestígios

A casa foi construída com o intuito de abrigar a Lyra, e não teve outros donos ou habitantes até o momento.

Atividades que acontecem no lugar

Hoje o prédio funciona como escola de música, com aulas particulares de instrumentos de cordas, sopro e teclas. Mas, como o espaço não consegue se manter somente com as doações e/ou o dinheiro arrecadado com as aulas, a Associação aluga o espaço do pátio para algumas pessoas estacionarem seus carros no local. Na Capela Nossa Senhora da Penha, acontecem as atividades das zeladoras, alguns velórios, missas e a ladainhas para a santa no dia 31 de outubro.



Estátua da entrada



Capela Nossa Senhora da Penha





Manutenção

Segundo os responsáveis, a Lyra se mantém principalmente com ajuda/doação dos antigos frequentadores e alunos e com o valor arrecadado com o aluguel do pátio para estacionamento rotativo. Durante muitos anos, a Lyra foi mantida com um subsídio municipal, porém ele foi retirado há mais de 15 anos. Desde então, a Sociedade Musical tem enfrentado dificuldades em manter o local, em preservar seu acervo documental e os instrumentos. Há documentos históricos, como cartas de alforria, partituras antigas feitas à mão, instrumentos e uniformes, que estão guardados e precisam de manutenção adequada. Hoje a Sociedade se mantém com cerca de R\$ 700 mensais, o que nem de longe é o adequado e desejável para o seu funcionamento pleno.

Conservação

A casa está em mau estado de conservação, tendo algumas janelas quebradas, instalações e fiações à mostra, tábuas de madeira fora do lugar e alguns cômodos vazios por não terem estrutura para que sejam utilizados. Também há o problema da falta de manutenção dos documentos, que acabam sendo destruídos por cupins ou ficam sujeitos aos efeitos dos vazamentos do telhado.

Materiais

A banda tem instrumentos próprios, mas que estão inutilizados por falta de manutenção. Os músicos usam seus próprios instrumentos e são responsáveis pela sua conservação.

Roupas e acessórios

Existem uniformes e adereços históricos da banda que hoje não são usados, pois não estão em bom estado. Eles estão guardados numa sala da Lyra, e a banda se apresenta com roupa formal, calça social preta e blusa preta.

Expressões corporais

A banda Lyra dos Conspiradores é uma banda de música civil, com um comportamento militar. Embora não chegue a bater continência, ela está sempre perfilada.

Objetos importantes

A banda Lyra dos Conspiradores possui diversos documentos históricos acomodados precariamente numa sala. Possui ainda instrumentos e uniformes centenários.

Estrutura e recursos necessários

A entidade precisa fundamentalmente de estrutura financeira para que continue existindo. É necessário que os instrumentos e os documentos históricos tenham manutenção para salvaguardar esse importante patrimônio. Sem recursos, isso não ocorrerá.

Avaliação

Sua atuação histórica de luta abolicionista é um marco não só para a cidade de Macaé, mas também para a história do Brasil. O espaço contém vestígios da história brasileira, da época da escravidão e do processo de extinção dessa prática. É um símbolo de resistência, que muitas pessoas não conhecem. A não conservação das suas instalações, dos repertórios e da história dos músicos pode significar o esquecimento de parte da história e da cultura de Macaé.

Recomendações

É essencial que o patrimônio cultural Lyra dos Conspiradores seja reconhecido, restaurado e mantido como referência importante por sua relevância histórica e cultural no município de Macaé. Já que o acesso à cultura é um direito dado pela Constituição Federal e que o Estado deve promover e proteger o patrimônio cultural, a recomendação é que uma porcentagem dos recursos dos royalties seja destinada para a preservação do acervo e para a manutenção da banda, para que o patrimônio material e imaterial não se perca.



Fazenda Machadina (conhecida como Machadina)

O que é

É uma comunidade quilombola.

Onde está

Está localizada no município Quissamã, na área rural, vizinha aos bairros de Santa Catarina, Santa Luzia e Bacurau, com dificuldade de acesso devido à falta de transporte.

Períodos importantes

Feijoada da Liberdade, no mês de maio; Festa de Santo Antônio, no mês de junho; e Festa da Nossa Senhora do Patrocínio, em novembro.

História

Essa comunidade quilombola teve o reconhecimento por meio de tombamento pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural/Inepac em 1979. Hoje em dia, é habitada pela oitava geração de descendentes dos escravos que pertenciam ao Visconde de Araruama. Machadina surgiu no período áureo da cana-de-açúcar na região. Ainda guarda, entre suas tradições imateriais, o jongo e o fado.

Significados

Machadina foi buscar em Angola suas semelhanças e seus vínculos. Tem como função principal ser moradia e lugar de vivência dos descendentes de escravos.

Descrição

É formada por senzalas, cavalaria, a Capela de Nossa Senhora do Patrocínio e a antiga casa-grande (que está em ruínas). Há presença da comunidade e de visitantes.

Elementos naturais

Árvores frutíferas, roça, baobá, canal Campos—Macaé.

Elementos construídos

Escolas, restaurante Casa de Artes Machadina (com atração turística), senzala, casa-grande em ruínas arcada por senzalas, estábulos, igreja, campo de futebol, casa de passagem para abrigar os moradores das senzalas (quando estas foram reformadas), Memorial Histórico de Machadina (antes era um salão de festas).

Vestígios

Casa-grande e senzalas.



Igreja da Nossa Senhora do Patrocínio, datada de 1833. É perceptível a boa estrutura, apesar de frágil

Senzalas da Fazenda Machadina, Quissamã, RJ.



A Fazenda Machadinha, com seu conjunto arquitetônico, é reconhecida pelo NVC como um patrimônio importante.



Materiais

- Restaurante Casa de Artes Machadinha: madeira rústica, principalmente.
- Casa-grande em ruínas arcada por senzalas: tijolos maciços e madeira.
- Escola Felizarda Maria da Conceição de Azevedo: concreto, cadeiras, refeitório, entre outros.
- Casa de Passagem: concreto, telha, entre outros.
- Senzalas: tijolos deitados.

Técnicas ou modo de fazer

Material: construções de alvenaria, taipa e madeira.
 Imaterial: o modo de fazer feijoada, que é preparada de forma coletiva pelos moradores da tradicional comunidade.

Medidas

- Restaurante Casa de Artes Machadinha: 75 passos de comprimento por 28 de largura.
- Casa-grande em ruínas arcada por senzalas: 58 passos de comprimento por 30 de largura.
- Igreja Nossa Senhora do Patrocínio: sete passos de largura por 16 de comprimento.
- Senzalas: da sala até o quarto de trás são 35 passos; todos os quartos têm a mesma medida de seis passos cada um.

Atividades que acontecem no lugar

Artesanato de boneca *abayomi*, fado mirim, jongo mirim, missa, produção agrícola (bananas, milho, aipim, coco, pimenta), atividades escolares, futebol, culinária tradicional (feijoada, principalmente).

Manutenção

A Associação quilombola encaminha um pedido oficial à prefeitura solicitando a limpeza das áreas da comunidade, e esta executa. Como se trata de uma área turística, a prefeitura procura atender sempre aos pedidos.

Conservação

Falta de reforma, como pinturas e melhorias nas senzalas, na igreja e no memorial.

Avaliação

O memorial e a comunidade precisam conservar as suas origens. Um dos pontos que podem interferir é a falta de interesse em conservar esse patrimônio histórico e cultural e o resgate do passado.

Recomendação

A escola pode incentivar a comunidade sobre a melhor maneira de preservar. É preciso estimular o interesse do Poder Público para incentivar o turismo, formando guias e incentivando a atividade.

Festa do Feijão

O que é

É um evento que celebra a colheita do feijão produzido em Cantagalo, distrito de Rio das Ostras. É compartilhada pelo município, que comemora os resultados do plantio e da produção.

Onde é

Geralmente ocorre em espaço aberto, no centro de Cantagalo, em local cedido pela prefeitura. O evento dá visibilidade aos produtores rurais locais.

Períodos importantes

A colheita ocorre geralmente no mês de agosto. No entanto, a Festa do Feijão acontece nos meses de outubro ou novembro. Tem duração de um fim de semana prolongado, de quinta a domingo, com atrações durante o dia até à noite, exceto no último dia, com encerramento à tarde.

História

Parte das abordagens do NVC junto à população ocorreu de maneira informal e não sob a modalidade de entrevista. Inicialmente, foi uma opção da equipe para deixar as pessoas mais descontraídas. Mas também foram feitas entrevistas. Observou-se que a festa, por falta de memória escrita, está sujeita a inúmeras controvérsias sobre sua origem e celebração. A festa teve início no ano de 2005, a partir da legalização de terras ocupadas por posseiros mediante a reforma agrária ocorrida no local. Foram distribuídos equipamentos para uso da terra, tais como maquinarias e sementes de feijão. Segundo depoimentos de antigos moradores, no município de Rio das Ostras, tradicionalmente se cultivava o milho e o feijão nos quintais das casas.

Houve um munícipe que disse, em depoimento, que a festa seria um engodo, porque Cantagalo, no seu fazer agrícola, não tem história de feijão. Entretanto, o representante do Departamento de Agricultura de Rio das Ostras (Deagro) falou aos membros do Núcleo de Vigília Cidadã do município que a colheita deve ser celebrada pelos resultados alcançados, pois a cada ano aumenta a produção.

Há também uma vertente saudosista, que não aceita que sejam introduzidas na festa outras produções agrícolas, como legumes, derivados de leite, produtos suínos, doces caseiros, artesanato local, assim como a ocorrência de leilões e concursos. Alegam que pode ser esse um dos motivos de os produtores se afastarem da festa, o que favorece a descontinuidade da celebração, somado à falta de estímulo dos gestores municipais.



A Festa do Feijão é um dos patrimônios imateriais destacados em Rio das Ostras.

Outro aspecto observado pela equipe do inventário foi a ausência de crianças e jovens nos festejos, o que adverte sobre os processos de renovação da celebração. Soubemos que no passado havia participação de crianças e adolescentes, como resultado da parceria com a Secretaria de Educação. Na programação de 2018, as escolas locais apresentaram números de entretenimento relacionados à festa com o tema “João e o pé de feijão”.

Segundo reportagem do jornal local, a conquista de safras recordes foi favorecida pelo Programa de Apoio às Comunidades Rurais.

Em 2005, uma atuação conjunta entre a Secretaria do Meio Ambiente, a Secretaria de Agricultura e Pesca e a Secretaria da Indústria e Comércio promoveu a celebração com o apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-RJ).

Em 2009, a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (Pesagro) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) permitiram, por meio de estudos, a introdução de novas espécies de feijão (Diário Oficial de Rio das Ostras – ano IX, 442, 2009). Foi também criado, à época, um banco de sementes com a efetiva participação de produtores locais.

O programa de incentivo ao plantio do feijão fez surgir o que foi denominado feijão maravilha.

Nesse mesmo ano de 2009, foi criado um Grupo Gestor de Produtores com parcerias institucionais. Os resultados positivos da ação do grupo permitiram a sua continuidade até 2010. Desse trabalho surgiu a introdução do feijão grafite, um sistema especial de irrigação, e a criação do banco de sementes, com a expectativa de não mais adquirir sementes fora do município.

A participação da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), por meio de projetos no município, deu visibilidade à produção no estado.

Foi então estabelecido que a celebração seria um momento de premiação para os produtores que batiam recordes de produção e para o melhor prato da festa (eleito pelos frequentadores).

Uma reportagem do jornal local registrou que todo o investimento feito pela prefeitura em sementes, certificados, máquinas, implementos agrícolas, fertilizantes e corretivo de solo como o calcário, além de assistência técnica, exigia como contrapartida cerca de 50% do valor do lucro obtido. Um antigo produtor disse que esse percentual girava em torno de 30%, e não 50% como mencionado no jornal.

Esse retorno era feito em forma de sacas do produto e deveria ser utilizado nas instituições do município (escolas, asilos etc.).

Significados

- Para a prefeitura

A Festa do Feijão faz parte do calendário turístico do município, com farta divulgação. Representa um acréscimo considerável na receita municipal. Permite a visibilidade estadual/federal com a realização de parcerias que agregam valor ao produto feijão.

Por outro lado, o poder público vem terceirizando serviços considerados fundamentais para a celebração, o que a descaracteriza a cada ano. Os produtores pouco decidem sobre a festa.

- Para os frequentadores

Além dos produtos alimentícios fornecidos a baixo custo e sem agrotóxicos, os shows que ocorrem à noite aumentam a frequência, juntamente com os leilões, concursos e bingos, entre outras atrações.

- Para os produtores

Maior visibilidade para seus produtos, apesar de as políticas agrícolas em vigor trazerem pouco estímulo para os produtores.

Descrição

Em 2018, essa coleta de informações realizou-se em três etapas:

Uma, antes da celebração, com uma visita ao local e conversas informais com comerciantes, moradores e funcionários do município — os produtores não participaram dessa conversa.

Outra, durante o segundo dia de celebração (sábado), também com conversas informais junto aos organizadores, os responsáveis pela segurança e alguns expositores. Durante o dia houve pouca participação de público.

No domingo, um temporal precedido de forte ventania causou estragos e interrompeu o evento. Quatro meses depois, foram feitas entrevistas que sustentam parte do Inventário.

Programação

A cada ano a programação sofre alterações por conta dos recursos comunitários e pela diminuição das verbas institucionais.

Pessoas e instituições envolvidas

Produtores rurais.

Instituição: Associação de Artesãos.

Prefeitura Municipal de Rio das Ostras: Secretaria de Turismo, Secretaria do Meio Ambiente e Guarda Municipal.

Comidas e bebidas

O feijão, sob a forma de feijoada, é o prato principal da festa. Inicialmente, os próprios produtores faziam ou vendiam em barracas a feijoada e outros pratos à base de feijão, como tutu à mineira, feijão tropeiro, caldos e saladas, principalmente. Atualmente, são contratados estabelecimentos, como restaurantes ou bares estabelecidos na cidade ou em cidades vizinhas, que utilizam os espaços com infraestrutura própria.

Esses contratados comercializam outros tipos de alimentos prontos, além do feijão, como churrasco, caldos, comidas típicas de outros lugares do país.

Na edição de 2018, havia um quiosque sobre rodas vendendo bebidas variadas.

Já os produtores locais vendem alimentos crus, como vários tipos de feijão, legumes, mel, queijos, colorau, bolos e geleias artesanais.

Roupas e acessórios

No início, havia o uso de camisetas personalizadas. Em 2018, não foi observada nenhuma vestimenta característica entre os expositores e os demais colaboradores.

Expressões corporais

Havia um espaço sob barracas de lona para recreadores para crianças. À noite, durante os shows, de repertório variado, havia espaços próprios para danças populares.

Expressões orais

Nessa festa de 2018, durante o dia houve um animador convidando os presentes a participar das músicas tocadas em caixa de som. À noite, houve show ao vivo com a presença de vários artistas.



Estrutura e recursos

Além das dez barracas dos produtores, a festa utiliza equipamentos para shows, como caixas de som, microfones e um palco. Há mesas e cadeiras na área coberta dos expositores contratados e banheiros químicos; barracas de artesanato; cabines para a segurança; e cabines para atendimento médico.

A decoração não é específica para a celebração, com exceção do *banner*, em um poste do terreno, anunciando as festas. Observa-se um cuidado no embelezamento dos arredores para a realização do evento, como, por exemplo, a manutenção dos jardins da praça próxima, a pintura dos brinquedos, do coreto e do Galo, símbolo da cidade.

A cobrança para a utilização dos espaços varia de acordo com os usuários. Participam: empresas e produtores.

Avaliação

Como pontos positivos, ressalta-se a preservação da memória da zona rural de Rio das Ostras, pois não há informações de outro evento no distrito de Cantagalo.

É importante que o cidadão riostrense da área mais urbanizada tenha um olhar diferenciado, que valorize a cultura rural e que se aproxime daqueles que produzem a sua alimentação. As escolas poderiam contribuir. Essas ações trariam mais prestígio para o evento.

Nas declarações de moradores e autoridades, foram listados alguns motivos para o declínio da celebração e riscos da sua extinção. São eles:

- O desinteresse dos produtores, em virtude da falta de estímulo da gestão municipal e do preço do aluguel das barracas;
- A diversificação, pelas empresas convidadas, da oferta de alimentos, não priorizando o feijão, a estrela da festa;
- A coincidência do período da festa com as chuvas, causando alagamento do local e desconforto a todos;
- A introdução de serviços como o artesanato, independentemente da referência da festa, descaracterizando a festividade;
- A escassez de transporte, dificultando o acesso.

Recomendações

A festa deveria ser celebrada em outros meses, porque os meses de outubro ou novembro correspondem ao período de chuvas intensas.

A sugestão do grupo/equipe responsável pelo trabalho é que se faça um estudo interdisciplinar sobre as condições atuais da festa, tendo em vista a opinião dos produtores em relação a seu significado e a sua importância para todos, sua duração, o período de realização, entre outros aspectos.

Sugere-se, ainda, definir quais secretarias se beneficiariam com o evento e de que forma seriam feitas as parcerias.

Referências

Na falta de memórias documentais, inclusive na Biblioteca Popular de Rio das Ostras, foram considerados textos de reportagens e algumas leituras esparsas. Sem publicações jornalísticas nos últimos dez anos, não há informações atualizadas.



Os produtores rurais Waldir Many Leonel e Valmir Farias.



Festa de São Pedro: tradição que remonta ao século XIX.

Festa de São Pedro

O que é

Celebração do padroeiro dos pescadores, na qual são realizadas ladainhas, missas solenes, queima de fogos, festejos e a tradicional procissão marítima, com barcos enfeitados e a condução da imagem de São Pedro.

Onde é

Boca da Barra, Rio das Ostras-RJ.

A celebração é uma homenagem ao padroeiro dos pescadores, e sua localização se deve à iniciativa da colônia de pescadores local. A procissão tem seu percurso terrestre saindo da Capela Nossa Senhora de Lourdes até o píer da Boca da Barra, para início do percurso marítimo, que passa pelas praias da Boca da Barra em direção à orla do Centro e o retorna à capela.

O Rio das Ostras nasce na Serra do Pote (Nova Cidade), com o nome de Jundiá. Possui uma extensão de 15 km, tendo como afluentes os rios Iriri e Maurício, conhecido também como Rio Velho, que deságua na Boca da Barra. O trajeto original foi desviado a partir da ponte do Marileia (atual ponte da Rodovia Amaral Peixoto). Essa ponte, originariamente de madeira, tinha extensão de 16 metros. O leito original do Rio das Ostras margeava a atual Rua Teresópolis. Parte desse rio transformou-se no berçário da Boca da Barra, fonte de reprodução de peixes, crustáceos e ostras, possuindo um frondoso manguezal, e é uma Área de Preservação Ambiental Permanente. Foi a partir dessa parte do rio que os barcos, em procissão marítima, transportaram a cruz que foi fixada, em 23 de junho de 1979, para fundar a Capela de São Pedro e São Paulo, que abriga a imagem de São Pedro. Trata-se da atual Capela de Nossa Senhora de Lourdes, situada à Rua Teresópolis, na Boca da Barra. Nesse local, foi fundada a Escola Estadual Nossa Senhora de Lourdes, em 25 de março de 1971.

Próximo à foz do Rio das Ostras, existem as ilhas das Pombas e Trinta Réis, pontos de referência para quem se aproxima da Boca da Barra. A Ilha das Pombas era utilizada por pescadores para agricultura e criação de cabritos, que eram abundantes na região.

Períodos importantes

O evento, com duração de três dias, celebra e reverencia o dia 29 de junho, Dia de São Pedro, quando acontece a procissão marítima, ponto alto da comemoração.

História

Consta que, no século XIX, em data anterior a 1896, já eram realizadas essas celebrações, e existia no local a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, onde, em frente a ela existia uma grande imagem de São Pedro. A igreja foi construída com mão de obra escrava, sob a administração dos jesuítas e, para a obra, era utilizada a água que jorrava de um poço, atual Poço da Praça. A igreja era muito bonita, ornamentada e folheada a ouro. As principais celebrações eram realizadas em 08 de dezembro, Dia de Nossa Senhora da Conceição, e 29 de junho, Dia de São Pedro, por padres vindos do Rio de Janeiro. Entre as celebrações citadas, era realizada a procissão marítima, uma tradição dos pescadores, com suas canoas de um pau só, pesadas e resistentes. Um dos construtores de canoas da época era o mestre João Machado, cuja arte aprendeu de seu pai. Por ocasião das procissões, as canoas eram todas adornadas.

Para a realização da Festa de São Pedro, os pescadores faziam um oratório em homenagem ao orago, onde depositavam dinheiro durante todo o ano, até o dia da realização da festa do padroeiro. Nunca se soube de que alguém tivesse tirado dali um tostão. Segundo o depoimento de Heraldo, filho de pescador e organizador da festa, a igreja antiga ainda estava boa quando o Manoel Pereira da Silva (Caburé) chegou ao local, em 1918, mas as paredes foram caindo, os santos foram retirados, até que o Caburé construiu a igreja nova, a mando de Rego Barros, um benfeitor da época.

Consta, conforme publicação no jornal O Lynce, de Macaé, datada de 06 de outubro de 1896, que se tratava de “uma Festa gloriosa de São Pedro, no pitoresco e aprazível Rio das Ostras”, em que o membro da comissão, Antônio David Pereira, pedia aos pescadores prendas para os leilões e anjinhos para a procissão, “certo de que São Pedro os recompensará”.

O jornal A Razão, de Macaé, de 23 de junho de 1979, informou: “Procissão marítima saindo da Matriz, indo de Boca da Barra, onde se fixará a cruz no terreno da futura Capela de São Pedro e São Paulo (atual Capela de Nossa Senhora de Lourdes, onde abriga a imagem de São Pedro, situada à Rua Teresópolis, 87, Boca da Barra), daí a procissão se dirigirá à boca do rio para tomar os barcos e retornar à Matriz”. A parte da liturgia religiosa era coordenada pela Capela Nossa Senhora de Lourdes, fundada por iniciativa da professora Altair de Azevedo, doadora do terreno em que a cruz foi fixada e grande incentivadora da celebração da Festa dos Pescadores. Essas celebrações se iniciaram no dia 29 de junho de 1983, com procissão terrestre e marítima, desfile pela orla das praias do Centro e da Boca da Barra e com a queima de fogos e festejos.

Aquela primeira festa foi organizada pelos pescadores Sales, Charely, Jamil, Celino e outros, que participavam junto aos demais moradores na montagem de barracas, feitas de bambu ou palmeira. Na festa, vendiam peixes e comidas típicas, promoviam quadrilhas e brincadeiras para as crianças, tendo como culminância a procissão marítima, havendo, ainda, por parte do poder público, a promoção de atrações musicais e queima de fogos.

Significados

De valor sentimental e cultural, é fator relevante para preservação da memória e das raízes da comunidade local. Mantém viva a tradição dos primeiros pescadores que, vindos de outras regiões em busca de nova área de pesca, deram origem à atual colônia e ao bairro Boca da Barra. A tradição da Festa de São Pedro mantém viva a religiosidade que a inspirou.

Descrição

Procissão marítima e procissão terrestre, eventos musicais, brincadeiras, queima de fogos, e travessia de natação.

Pessoas envolvidas

A Associação de Moradores é a promotora da festividade. A colônia de pescadores contribui com a participação dos barcos no cortejo marítimo. A segurança é atribuição da Guarda Municipal e da Polícia Militar (na parte terrestre) e da Marinha do Brasil (na parte marítima). Cabe aos grupos religiosos da Capela de Nossa Senhora de Lourdes a condução dos rituais religiosos, tais como condução do andor, missa etc. O projeto Natação no Mar promove uma travessia de natação alusiva ao Dia de São Pedro, dando destaque aos pescadores e seus descendentes.

Comidas e bebidas

Pratos com peixes da época.

Objetos importantes

Imagem de São Pedro conduzida sobre o andor durante a procissão terrestre e marítima. Barcos dos pescadores.

Estrutura e recursos necessários

Toda a estrutura e os recursos necessários são de origem do poder público – palco, sonorização, queima de fogos etc. A festa só é possível de ser realizada com o aporte financeiro e logístico do poder público.

Avaliação

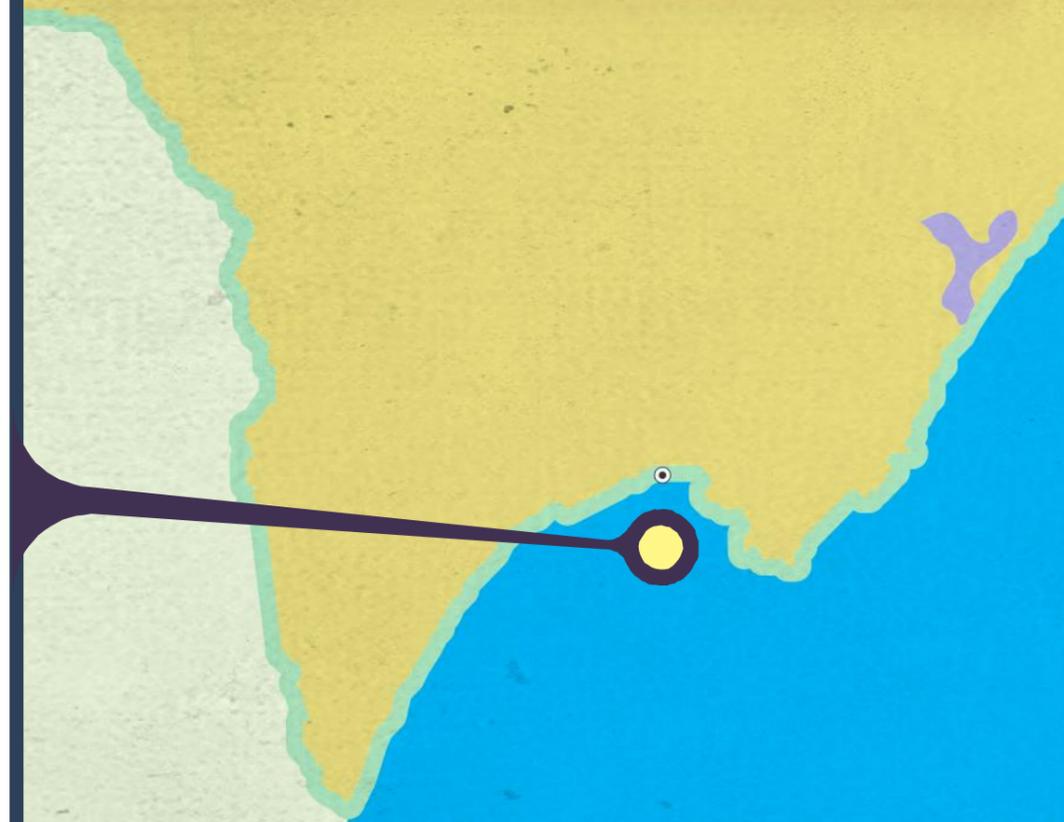
É necessário mover ações para que a memória do povo não se extinga, pois seus descendentes têm orgulho de ser *Leripe* (como são chamados os filhos de pescadores): brava gente que enfrentou muitas dificuldades e adversidades e construiu nossa querida Terra dos Peixes, agora digna cidade de Rio das Ostras.

Recomendações

É necessário que o poder público promova e apoie a celebração da Festa de São Pedro, o padroeiro dos pescadores, transformando-a em patrimônio imaterial do município de Rio das Ostras.



A procissão de São Pedro acontece no mar e em terra.





A construção artesanal de embarcações é uma riqueza de Atafona, em São João da Barra.

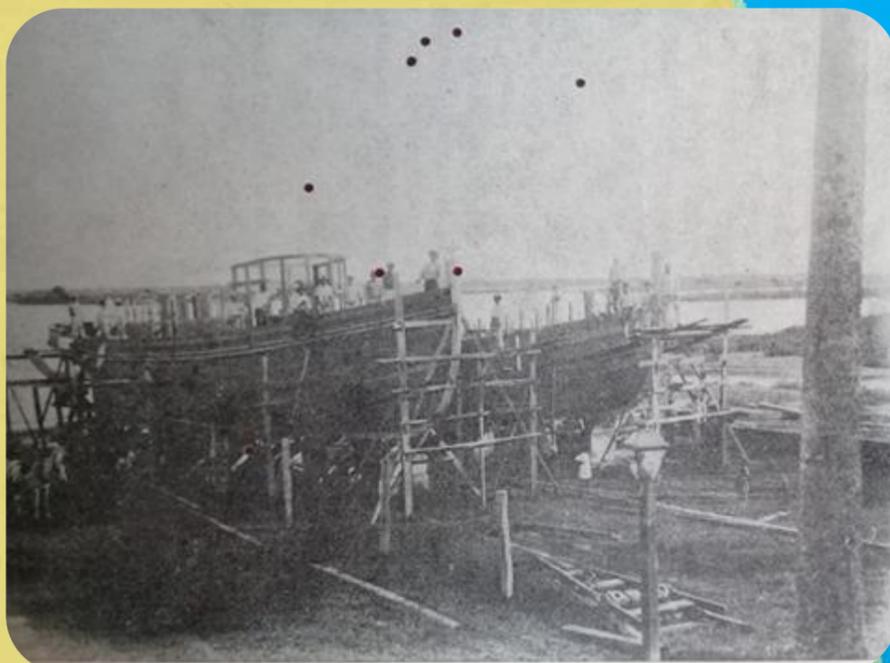


Foto disponível em:

http://www.folha1.com.br/_conteudo/2017/11/na_foz/1226631-estaleiros-artesanais-sobrevivem-em-sao-joao-da-barra.html. Acesso em: 26 abr. 2019..

Construção naval artesanal em Atafona

O que é

É a fabricação de embarcações e veículos de transporte aquático. Normalmente, é realizada em estaleiros de doca seca, ou seja, em recinto cavado à beira de um curso de água. Segundo o trabalho acadêmico “Proposta de uma linha de montagem de barcos de lazer de médio porte — uma aplicação dos conceitos de manufatura enxuta”, de João Carlos E. Ferreira e Claudio Fahl Perdomo, apresentado durante o 6º Congresso Brasileiro de engenharia de fabricação, o processo de construção artesanal de embarcações em madeira constitui-se “em uma arte milenar, passada e acumulada oralmente e sem registros, de ‘pai para filho’, até os mestres da carpintaria de nossos dias”. De acordo com Sara Batista, Thiago Segantini Negris e Yuri Walter, autores do trabalho intitulado “Descrição geral de processos de fabricação da construção naval artesanal em madeira”, a Construção Naval Artesanal (CNA) é um importante elo na produção de pescados e no transporte aquaviário; é fonte de renda para mestres e artesãos navais; e preserva valores culturais e históricos das comunidades litorâneas e ribeirinhas. O ofício do carpinteiro artesanal não é aprendido a partir de estudos acadêmicos, mas sim adquirido na prática, pela experiência e convivência com outros mestres. As raízes dessa atividade remontam à pré-história, tendo no município de São João da Barra a sua principal atividade desenvolvida em seu segundo distrito, Atafona.

Onde está

Está predominantemente no segundo distrito de São João da Barra, em destaque no bairro da Ceab, em Atafona.

Períodos importantes para a construção naval em São João da Barra

A construção naval apareceu no município aproximadamente no século XVI, com a chegada dos portugueses. No começo, era apenas usada para a manutenção das embarcações e não como uma forma de comercialização. No entanto, em 1622, com a chegada de Lourenço do Espírito Santo, a construção naval começou a ganhar novo rumo, pois ele começou a comercializar materiais e a fazer manutenções por um pequeno preço, embora esse trabalho não fosse ainda visto como uma forma de renda. Somente a partir de 1740, com a chegada de Francisco Oliveira e Domingo Oliveira, é que a construção naval ganhou uma visão lucrativa, sendo então construído o primeiro estaleiro localizado no segundo distrito, Atafona. Em 1809, atracou no Porto Sanjoanense o Brigue Royal João, navio da Marinha portuguesa, comandado por Dom João VI, que trouxe um novo parâmetro para a construção naval de São João da Barra. Após esse período, de 1852 a 1855, surgiu em Campos dos Goytacazes a primeira funilaria, um estaleiro focado na construção de navios a vapor (comunicação oral do historiador André Pinto, em 21 de março de 2019).

Significados da construção artesanal para os carpinteiros navais entrevistados

A arte de construir embarcações conjuga conhecimento e modo de viver e é uma herança portuguesa para o povo sanjoanense. Foi importante fonte de renda e fomentadora da economia local entre os séculos XVI e XIX. Atualmente, é pouco praticada. A chegada da indústria da construção naval se sobrepõe ao trabalho artesanal, e os jovens manifestam pouco interesse em aprender e desenvolver essa atividade.

Etapas

Compra e/ou extração da madeira;
Separação das madeiras;

Montagem da quilha (parte principal de uma embarcação);
Montagem da estrutura.



Materiais

Garapa e angelim vermelho são as madeiras mais usadas pelos carpinteiros navais de São João da Barra.

Modo de fazer

Sabemos que, para dar início à construção de um barco, primeiramente, o trabalho começa sobre o papel. O princípio do processo é o *design*, que define a aparência, a estética, o tamanho e todas as especificações, como os materiais que serão empregados nas diferentes partes (cascos, cabines, decks, interiores). Para chegar ao resultado final, as etapas são muitas, e o tempo varia de acordo com a complexidade do projeto, o tipo de barco, o talento dos envolvidos e os métodos utilizados.

A segunda etapa é a da coleta de materiais, e é nela que é feita a escolha da nobreza dos materiais empregados, como tipos raros de madeira, acessórios ou qualquer componente que seja mais difícil de se obter e que, por isso mesmo, valorizam mais ainda o resultado final. Apenas depois de todo o material coletado, é dado início à fase de construção do barco.

Nesse processo, toda atenção inicial é dada ao casco. Uma vez de posse de todo o material necessário, a construção do barco artesanal é iniciada. A etapa começa com o esforço para dobrar e moldar a madeira laminada de forma que fique parecida com uma caixa torácica. Para a finalização, depois de o casco estar pronto, são colocados os demais itens, como bancos, controles e acabamentos – pisos, estofados, deck, se houver, e também os acessórios. Assim como o casco, essa também é uma importante etapa da fabricação de um barco artesanal, atribuindo-lhe identidade.

Produtos e principais características

Veículos de transporte aquático, veículos para a locomoção de pessoas, animais e materiais pelas águas de mares, rios e lagoas.

Ferramentas

Usam-se, em São João da Barra, garapa e angelim vermelho como madeiras para a montagem das embarcações.

Estrutura e recursos necessários

Todos os estaleiros visitados situavam-se nos quintais das casas dos carpinteiros. É necessário que sua localização esteja à beira de um braço de água (mar, rio etc.) de forma a receber e a levar as embarcações tanto para reparos quanto após serem construídas. Além disso, a madeira é matéria-prima essencial para a construção, bem como as ferramentas descritas acima. Vale lembrar que a tinta envenenada é primordial para a segurança dos que irão navegar, visto que no mar há animais que grudam na superfície no barco e podem corroê-lo e furá-lo, causando, assim, sérios prejuízos, quando não, acidentes.

Transmissão do saber

A construção naval artesanal de barcos e canoas não é algo transmitido por escolas ou cursos, pelo menos não em São João da Barra. É um saber que se aprende com a família, geralmente pais e avós, que, ao construírem as embarcações, são observados e muitas vezes ajudados pelos filhos/netos, transmitindo assim esse saber ao longo das gerações.

A cavernada está quase fechada. Nela ficará a chamada urna do pescado. Crédito da foto: André Pinto. Foto disponível em <http://ambientecult.blogspot.com/2010/10/o-que-faz-um-homem-com-paixao-pela.html>



Processo de como são envergadas as madeiras para encaixe no casco. Crédito da foto: André Pinto. Foto disponível em <http://ambientecult.blogspot.com/2010/10/o-que-faz-um-homem-com-paixao-pela.html>

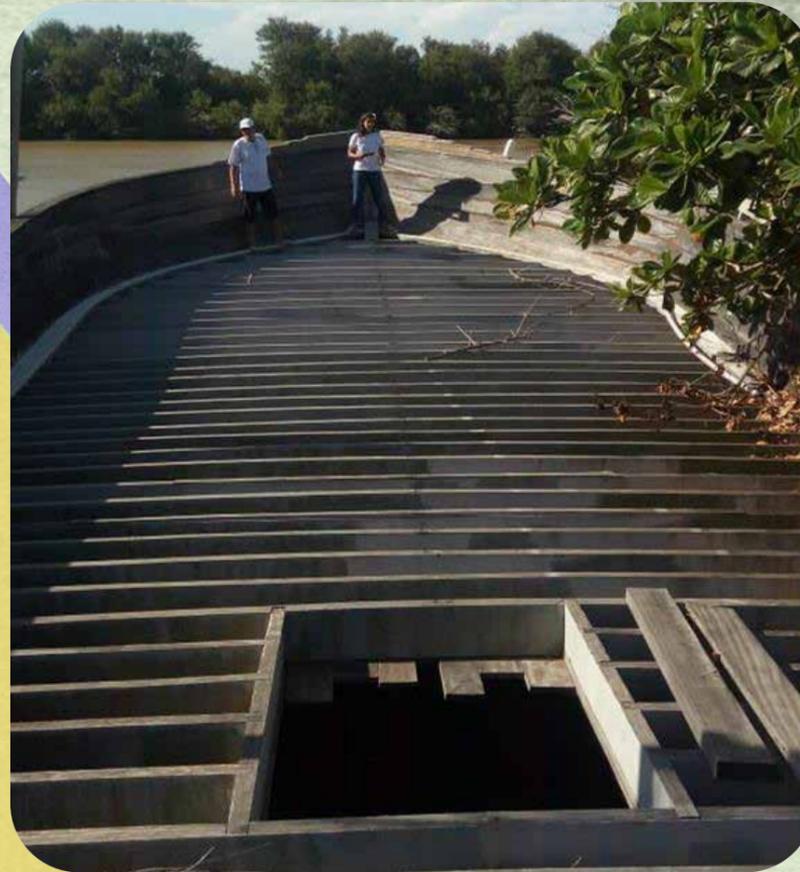




O carpinteiro naval Sebastião Amaro Riscado Filho sendo entrevistado pelos integrantes do NVC e mostrando fotos dos barcos que construiu. Foto tirada por: Renata Leandro Sousa de Almeida, em 12/03/2019.

Pessoas na foto: Sebastião Amaro Riscado Filho, Maria de Fátima Costa Conceição, Edivan Pacheco da Silva.

Barco em construção, do carpinteiro naval Sebastião Amaro Riscado Filho. Foto tirada por: Renata Leandro Sousa de Almeida, em 12/03/2019. Pessoas na foto: Rodrigo Alves e Jéssica Barbosa de Almeida.



Barcos em construção e em manutenção no estaleiro do carpinteiro naval Gilmar de Moraes Lopes. Foto tirada por: Ângela Maria Codeço, em 21/02/2019.

Avaliação

A tradição de construir as embarcações tem perdido parte de sua essência ao longo das décadas, pois, além da desvalorização por parte da sociedade, a atividade é desvalorizada até mesmo pelos próprios artesãos, já que muitos só têm esse ofício por ser a única fonte de renda fixa no seu lar. Encontramos os estaleiros apenas no bairro da Ceab, que fica em Atafona, segundo distrito de São João da Barra, de difícil acesso, o que não torna a atividade visível para o restante do município, dificultando assim a valorização dessa tradição. Ouvimos reclamações quanto à presença de políticos em época de eleição, que propõem melhorias na condição de trabalho dos artesãos, mas, após eleitos, não fazem nada em prol dessa causa.

Avaliamos que é uma atividade cheia de riscos, desde a extração da madeira de lei até a construção, com possibilidades de acidentes de trabalho, pois não é frequente a utilização dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI), além de não haver fiscalização nesse sentido.

Recomendações

Para que a tradição do saber da construção naval artesanal seja mantida e valorizada, uma série de iniciativas devem ser feitas. Citaremos algumas delas:

- Uma escola para maior valorização econômica e cultural desse saber, para que os carpinteiros possam transmiti-lo para as próximas gerações, já que, segundo eles próprios, os jovens não têm interesse em fazer barcos.

Conforme o carpinteiro Sebastião afirmou: “eu sugiro aqui uma escola, isso. Botar essas crianças hoje tudo pra colocar a mão na massa. A colônia de pesca mesmo, tem uma extensão enorme ali pra poder passar, tem um espaço imenso, o material tá todo ali já comprado. O jovem só vai se tiver oportunidade. Você só vai ao colégio se tiver professor, né? Então, pro jovem ir lá ele vai ir cortar madeira puro? Tem que ter um professor lá, né?”

- Melhorias nas condições de trabalho, apoio dos órgãos públicos à saúde desse trabalhador;

- Oficinas e eventos organizados pela Secretaria de Educação, Cultura e Lazer do município para enfatizar a valorização do trabalho e não permitir que esse saber morra com esses carpinteiros navais.

O processo pedagógico desenvolvido utilizou a palavra como parte da narrativa dos sujeitos integrantes nos Núcleos de Vigília Cidadã (NVCs) do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo (PEA-TP). Partiu-se de uma primeira percepção de que tal forma de ação, em sua dimensão da oralidade, estimula a voz dos atores sociais envolvidos no processo, elaborando por sua vez o fomento à construção de outros modos de se fazer política na caracterização da sociedade civil, em sua participação social e mobilização popular. Trata-se de práticas que fazem uso de expressões artísticas como parte do processo educacional, em convergência à perspectiva crítica de controle social, adotada pelo projeto. Desses diálogos, construiu-se uma “cartografia da palavra” nos Núcleos.

Organizada em três etapas, foi realizada inicialmente uma visita exploratória em cada Núcleo, a fim de estabelecer um primeiro olhar sobre o que se denominou como a topografia do terreno, estratégia e/ou espaço que, em seguida, dariam as bases para a caracterização dos membros de cada NVC.

Na segunda etapa, desenvolveram-se oficinas com o intuito de levar os sujeitos da ação educativa a compreender as correlações de forças da palavra, de modo que termos usualmente naturalizados recuperassem sua potência de significado e fossem acionados pelas comunidades em suas demandas na esfera pública. Das dinâmicas engendradas, foram surgindo “palavras geradoras” que, pouco a pouco, esboçaram a caracterização de identidades locais.

Aprofundando a proposta, dessas palavras geradoras, duas categorias emergiram: as palavras negativas e as palavras positivas, tendo como cenário a percepção do grupo sobre a comunidade, o Núcleo e cada território ocupado. Elas, por sua vez, receberam um tratamento que tomou em consideração sete subcategorias, identificadas com o intuito de comportar o rol de palavras geradoras (negativas e afirmativas). Essas subcategorias estão assim listadas: educação ambiental (cujas palavras comportadas foram “meio ambiente”, “agricultura familiar” etc); formação (“informação”, “capacitação” etc); convivialidade (“amizade”, “comunidade” etc), afetividade (“amor”, “carinho” etc), místico (“perseverança”, “garra” etc), articulação (“controle social”, “mobilização” etc) e arte/cultura/lazer (“teatro”, “quilombola” etc).

Em seguida, a partir do número de repetições das palavras geradoras identificadas (dentro das subcategorias), elas foram tabuladas como “palavras convergentes” (palavras determinantes nas identidades em cada Núcleo) e “palavras singulares” (palavras específicas que apareceram unicamente em cada NVC).

Por fim, na última etapa, sempre com a preocupação em gerar uma prática mais democrática

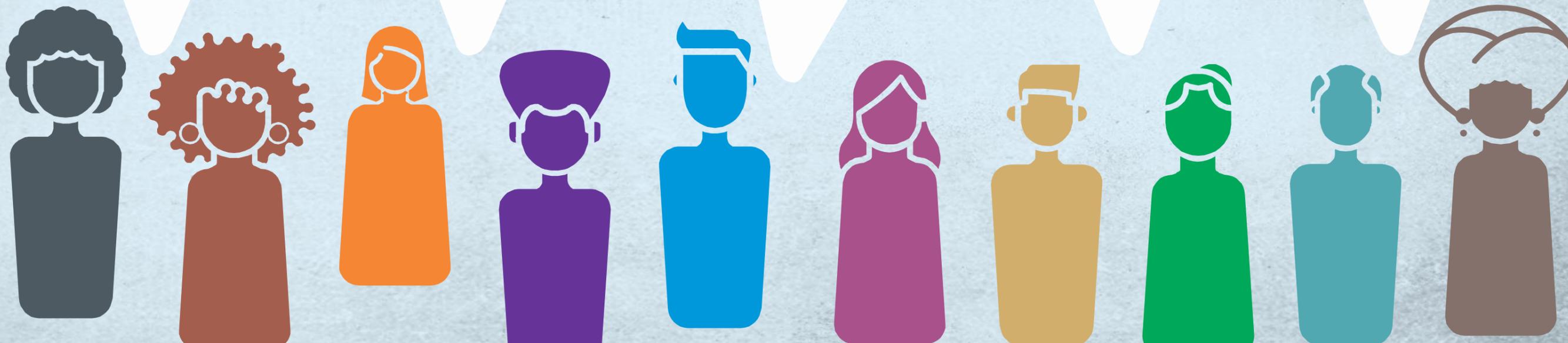
e agregadora do ponto de vista da linguagem, fomentou-se a produção de texto por meio da oralidade; da palavra falada. Desse circuito, as palavras geradoras foram ganhando outras musicalidades, a partir de cinco terminações (“ês”, “il”, “ol”, “el” e “ela”), as quais, por sua vez, deram origem à criação de dez cordéis (um por NVC), revelando elementos de interseção e de distinção na percepção dos sujeitos sobre seus municípios. Tal proposição possibilitou, de modo espontâneo, uma nova descoberta de palavras, sonoridades e repertórios dialógicos, os quais se apropriaram de natureza lúdica para mais uma vez falar de royalties, informação, vigília, governabilidade, entre outros temas pertinentes ao projeto. Em especial, essa fase foi batizada pelos sujeitos de cidadanês; espécime de dialeto (conforme referência ao manóelês, criado pelo poeta Manoel de Barros), com o qual os envolvidos nessa experiência estética tiveram rápida identificação.

É importante sublinhar essa passagem, isto é, o caminho visualizado no próprio processo, no qual a experiência se funda mediante o contato com os sujeitos (e não anteriormente a eles). Tal fundamento caracteriza um dos pontos da metodologia adotada, ou seja, a própria reversão metodológica. Ao invés de *metá-hódos* (regra que determina o caminho), a cartografia (e sua correspondente performatividade) propõe *hódos-metá*: questão que coincide com a proposta de Educação Popular e os anseios do PEA-TP.

O mapeamento em questão, em vez de representar um mundo que já está dado, supõe a identificação de novos componentes e promove diferentes relações e territórios. Desse modo, a cartografia foi elaborada a partir de uma composição rizomática, com múltiplas entradas, para as quais não se estabeleceu um único centro.

Nessa apresentação, as composições em forma de cordel, as palavras geradoras, convergentes e singulares estão dispostas visualmente e em formato de áudio, afirmando, pois, as vozes de cada membro do NVC. Sabe-se que é função dos do PEA-TP apoiar nas pessoas o desenvolvimento de capacidades que lhes permitam ler seu(s) mundo(s) e entender a realidade circundante, ousando interpretá-la e descrevê-la por diferentes meios. São, de fato, estratégias de mobilização e gestão ambiental em ambientes compartilhados que promovem distintas interações de convívio social e vida coletiva.

Cabe, pois, afirmar a potência dessas vozes e o reconhecimento desses atores sociais como agentes da história. No revés, como seria imaginar controle social sem voz? Observa-se que outros significados estão surgindo em cada Núcleo. E nesse dialeto, NVC também pode ser Novas Vozes Cidadãs ou Novas Vidas Construindo-se.



CIDADANÊS (NVC) – BÚZIOS (ÊS)

quem pisa nesse chão com força, eis me aqui participeis
de peito aberto pro mar, enraizado, mas pássaro a olhar com altivez
eu, tu (controle social), nós, voz (cidadanês)
guardiões da liberdade, igualdade, igualda (dês)
hora de afirmar (NVC Búzios reivindicamos), royalties (reivindicuês)
palavrinha, palavra, palavrão é (amor) com só 4 letras move todos vocês
quem vem de fora, acha perfeita (e é), mas apenas quem mora sabe
das reais necessidades (urgências de cada dia, correria de cada mês)
às gerações futuras nossa atenção (a criança que hoje aqui cresce)
é aquela que amanhã terá (a vez da voz), será (a voz da vez)



NVC | identidades

	PALAVRAS
1- educação ambiental	agricultura familiar / água / educação ambiental / meio ambiente / pescador / praia / saneamento
2- formação	aprendizado / boletim / informação / pesquisa
3- convivialidade	encontro / interação / união
4- afetividade	criança
5- místico	liberdade
6- articulação	controle social / democracia / OP */ participação social / sociedade / vigília cidadã
7- arte, cultura e lazer	arte / balé / bonecas negras / cultura / música / quilombola / RAP / territórios

palavras geradoras
palavras singulares
palavras convergentes

*OP – Orçamento Participativo

NVC | identidades

cartografia comunidade

roda de conversa
coletividade

cooperativismo
solidariedade

voz
interagir
união

cidadania

royalties

dinâmica

educação ambiental
aprendizagem alimento

territórios educação
conhecimento
atividade impactados

cartografia controle boletim social

fiscalização

tagarelando comunidade

diálogo

	PALAVRAS
1- educação ambiental	alimento / educação ambiental / impactados
2- formação	aprendizagem / atividade / boletim / cartografia / conhecimento / educação / roda de conversa
3- convivialidade	coletividade / comunidade / cooperativismo / diálogo / dinâmica / interagir / solidariedade / união
4- afetividade	
5- místico	
6- articulação	cidadania / controle social / fiscalização / royalties / tagarelando / voz
7- arte, cultura e lazer	Territórios

CIDADANÊS (NVC) – ARRAIAL DO CABO (IL)

em nosso Núcleo houve a cartografia, o (tagarela), a (tagarelice) e o (tagarelil) gente mil graus, a mil por hora, gente valente e em cada verbo um projé-(til)

barril de palavras e royalties de amor amora e (amoril), nada amoral ou imoral na moral (aqui é Arraial, aqui é povo com voz) se liga União que (aqui é Brasil)

palavras geradoras

palavras singulares

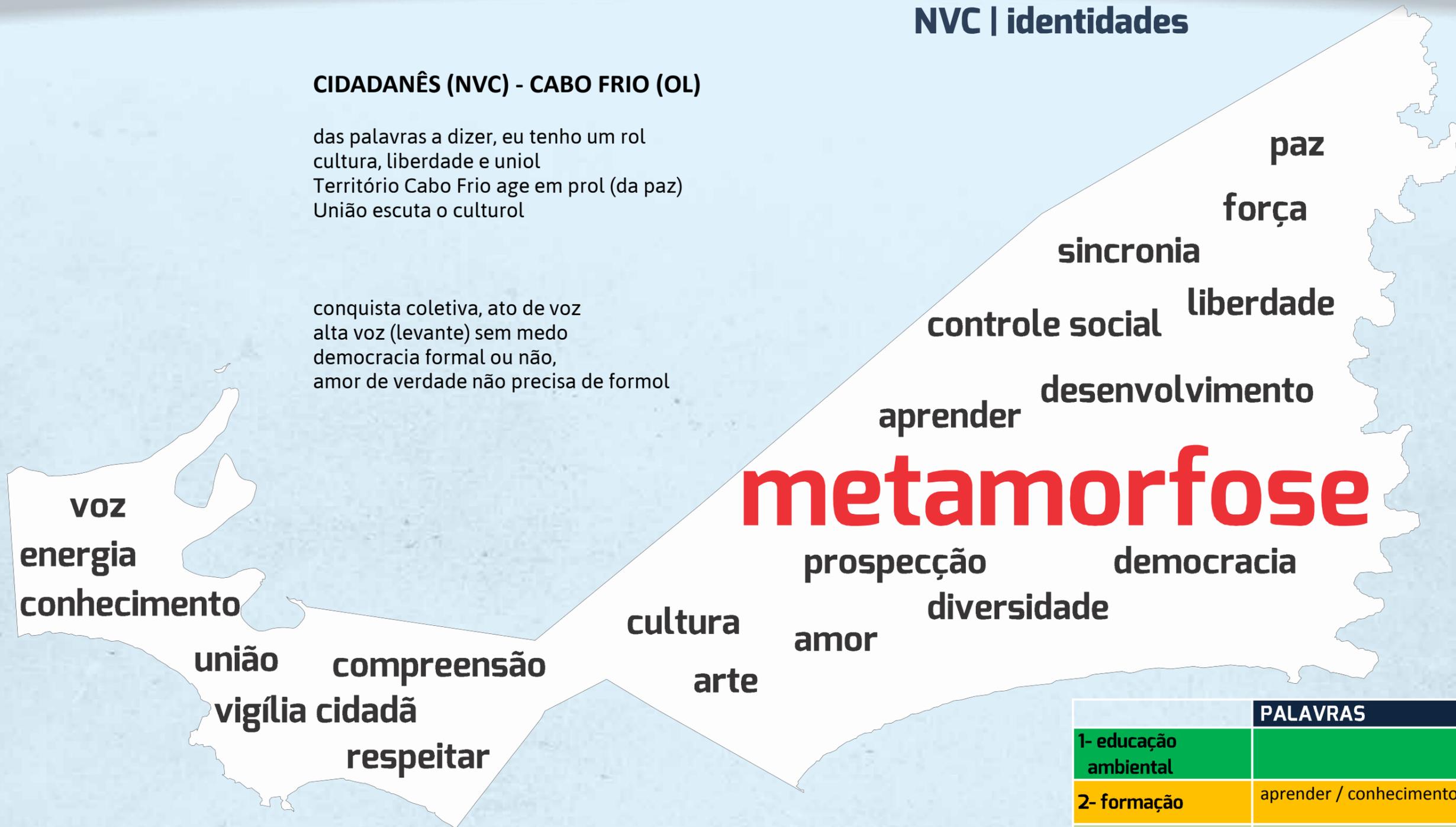
palavras convergentes

NVC | identidades

CIDADANÊS (NVC) - CABO FRIO (OL)

das palavras a dizer, eu tenho um rol cultura, liberdade e união
Território Cabo Frio age em prol (da paz)
União escuta o culturol

conquista coletiva, ato de voz
alta voz (levante) sem medo
democracia formal ou não,
amor de verdade não precisa de formol



palavras geradoras
palavras singulares

	PALAVRAS
1- educação ambiental	
2- formação	aprender / conhecimento
3- convivialidade	compreensão / diversidade / respeitar / união
4- afetividade	amor / paz
5- místico	energia / força / liberdade / sintonia
6- articulação	controle social / democracia / desenvolvimento / metamorfose / prospeção / vigília cidadã / voz
7- arte, cultura e lazer	arte / cultura /

NVC | identidades

CIDADANÊS (NVC) – CAMPOS (OL)

a partir de agora o papo é reto, sem frescura, demagogia ou besteiro
vou falar de coletividade e controle social (do controle sociol)

1º passo: nada de alienação, traz de aliado a luz (ilumina)

2º passo: abraço à informação e à diversidade (vigília)

No 3º passo o bicho pega, fé (muita fé):

travemos senhoras e senhores (CAMPOS DE BATALHAS)

chamemos os Goytacazes, os Quilombolas

todos os movimentos entrelaçados num caracol

minha voz que grita agora, meu vozeirão, meu vozeirol é luta de séculos

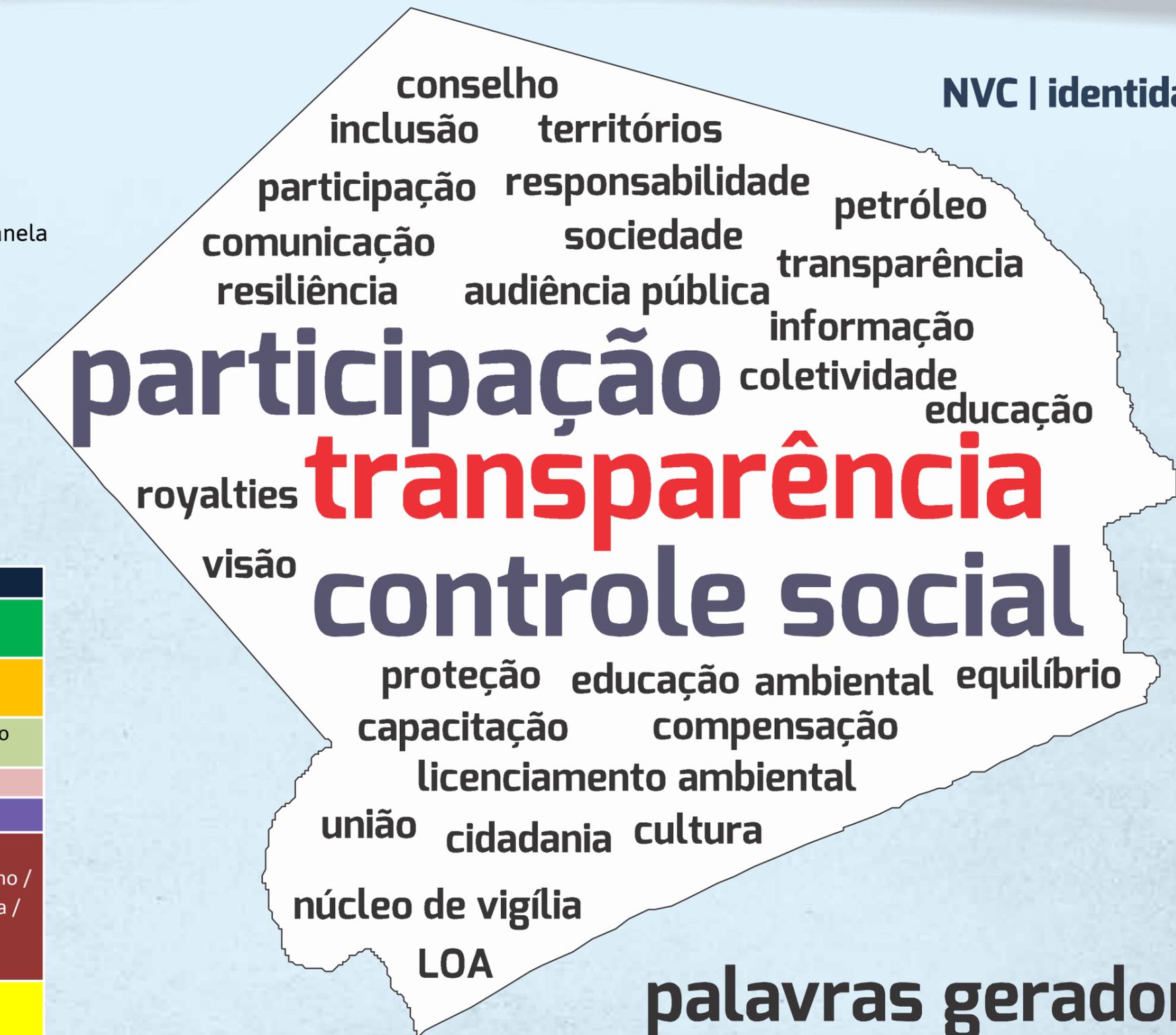
a liberdade só se cala se (no lugar da coragem reinar a falta de sol)



	PALAVRAS
1- educação ambiental	
2- formação	assimilação / crescimento / criticidade / integração / objetividade / organização / sabedoria / transmitir
3- convivialidade	coletividade / diversidade / ética / fidelidade / respeito / simplicidade / união
4- afetividade	alegria
5- místico	coragem / energia / fé / força / garra / luta / positividade
6- articulação	identidade / participação / voz
7- arte, cultura e lazer	

CIDADANÊS (NVC) – CARAPEBUS (ELA)

black friday! black friday! Assalto ou promoção?
 Querem vender nossos direitos (sacanagem)
 Basta dar uma piscadela e os royalties voam pela janela
 Então, eu voz, vou brigar (sem massagem)
 Por ela (elos). Por eles (vetos)
 Quero mais carinho, menos exclusela
 Mais aceitação, menos rejeitela
 Quero amar sem constrangimentela
 Sem censura pro sonho, me passa o pincel
 Que em Carapebus, eu faço aquarela



NVC | identidades

	PALAVRAS
1- educação ambiental	educação ambiental / licenciamento ambiental / petróleo
2- formação	capacitação / educação / inclusão / informação / visão
3- convivialidade	coletividade / responsabilidade / união
4- afetividade	
5- místico	equilíbrio / resiliência
6- articulação	audiência pública / cidadania / compensação / comunicação / conselho / controle social / LOA / núcleo de vigília / participação / proteção / royalties / sociedade / transparência
7- arte, cultura e lazer	cultura / territórios

palavras geradoras
palavras singulares
 palavras convergentes

CIDADANÊS (NVC) – CASIMIRO DE ABREU (EL)

nunca vi lugar para chover como nessa terra di-versos
 é massa de ar quente com (massa de ar fria) e, de repente (tchbum)
 um dia desses (o povo se cansou pra valer), não com Deus mas com a corrupção escancarada (na cara dura, sem véu) na rua era muita gente
 (o João, a Ivone, as Larissas, a Érica e o Manoel)
 de barros em barros, esculpiu o poeta a palavra (Casimiro de Abreu)
 assumam a gestão desse carrossel, tragam a informação (o Excel)
 o controle social (o controle sociel), combatam a miséria, ei-la a voz num carretel de pipa (a linha cortando o céu) vi o sorriso de uma criança
 a vida é um filme que nos assiste (onde cada ator é diretor do seu papel)



	PALAVRAS
1- educação ambiental	belezas naturais
2- formação	conscientização
3- convivialidade	amizade / vizinhança
4- afetividade	
5- místico	perseverança
6- articulação	cidadania / comunicação / controle social / diretrizes / milhões / núcleo de vigília / orçamento / plurianual / política pública / royalties / saúde / sociedade
7- arte, cultura e lazer	cultura / esportes / festividade / história / poesia

palavras singulares
palavras convergentes
palavras geradoras

CIDADANÊS (NVC) – MACAÉ (IL)

de frente pra praça nos reunimos, segunda sim (segunda não)
 e durante o tempo no NVC fui desejando uma cidade de coração
 gentil
 não disse algo morno ou mono, mas (estéreo), nem estéril, mas
 (etéreo)
 a comunidade de mãos dadas é a corrente mais forte da
 sociedade civil
 cujos (elos, eles e elas) formam a nossa diversidade (diversida-dil)
 quero escutar a voz de vocês (Macaé minha terra querida)
 cada um a mil, por hora quem ouviu
 (ou viu, ou sentiu) pariu o amor
 agora nos faça um favor, abre sua rede social e delete
 (o vil, o hostil)
 na foto de perfil (nada de fuzil),
 nem tão longe (nem tão perto),
 mas (cheia de afeto), abre o peito e
 de peito aberto (faz nascer outro Brasil)



palavras
 convergentes
 palavras singulares
 palavras geradoras

	PALAVRAS
1- educação ambiental	
2- formação	contribuição
3- convivialidade	compreensão / comunidade / cooperação / diversidade / humanidade / igualdade / lealdade / respeito / sinceridade / união / unidade
4- afetividade	alegria / amor
5- místico	positividade / superação
6- articulação	comunicação / participação
7- arte, cultura e lazer	



CIDADANÊS (NVC) – QUISSAMÃ (ELA)

hei de comunicar, comunicá-la, comunicar a ela
 comunicamo-la, comunicuela
 (royalties tem, a gente sabe)
 mas é uma dinheirela jogada fora,
 invés de investir na saúde,
 na saúde dela, deixa o povo na miséria, na mazela
 Quissamã atenção, muita atenção
 o jeito é fortalecer laços, encontros,
 vigílias, mobiliza(celas)
 com amizade, conhecimento e amor
 a gente vira o jogo
 afinal, amor que é amor jamais amarela



	PALAVRAS
1- educação ambiental	atração turística
2- formação	capacitação / certeza / conhecimento
3- convivialidade	agilidade / compreensão / igualdade / simplicidade / união
4- afetividade	amor
5- místico	prosperidade
6- articulação	cidadania / controle social / democracia / dinheiro / fiscalização / mobilização / participação / poder / royalties / saúde
7- arte, cultura e lazer	

CIDADANÊS (NVC) – RIO DAS OSTRAS (EL)

diante daquela imagem fechei os olhos, pus o véu quanto lixo no rio e no mar, pensei (oh, Senhor, o que fazer!?) enchi meu peito de vida e tomei um coquetel de coragem nele misturei (história, participação, água e uma colherzinha de mel) fui pras ruas com um megafone e avistando o horizonte gritei: (acorda, Rio das Ostras, exerça por direito seu papel) – que lindo!

de repente, veio gente lá do cafundé (pra lá do bebeléu, gente pra dedéu) e, então, o povo se amontoava e formava uma espécie de cordel falta de esgoto (esgotel), degradação e sujeira (inaceitável) corrupção e estupro (o próprio fel), a vida voltava a sorrir com os dentes brilhando da Boca da Barra, pra educação ambiental tiro o chapéu dissera Deus que (a poesia é uma criança cega pintando o azul do céu)



palavras singulares

palavras

convergentes

palavras geradoras

	PALAVRAS
1- educação ambiental	beleza / calor / mar / natureza / passaredo / pérola / visual
2- formação	
3- convivialidade	aconchego / companheirismo / diversidade / gentileza
4- afetividade	paz / vida
5- místico	
6- articulação	futuro / meta / participação / royalties
7- arte, cultura e lazer	

NVC | identidades

CIDADANÊS (NVC) – SÃO JOÃO DA BARRA (ÊS)

era uma vez uma classe de politiquês que teve (e ainda tem) a desfaçatez de bater no peito (achando-se no direito) de usar indevidamente os royalties, o danado que vem lá do petrolês

Eu, hein, isso é coisa que se faça (quanta insensatez, quanta estupidez) não, nada disso - aqui é a voz do NVC – Núcleo de Vigília Cidadã

cidade (São João da Barra), sobrenome (Informação), língua (Cidadanês)

Ora vejam só vocês, acreditar que não temos armas para lutar contra a corrupção, de conhecimentos estamos munidos às conquistas (eis)

a liberdade, as liberdades e as (liberdadês), pois se vier me enganar juro por Deus que chamo as rádios, os jornais, o zap zap e as tvs



palavras geradoras

	PALAVRAS
1- educação ambiental	
2- formação	aprendizado / conhecimento / foco
3- convivialidade	coletividade / comunidade / escuta / igualdade / oportunidade / parceria
4- afetividade	amor / carinho / tesão
5- místico	determinação / Deus / ecoar / força / liberdade / sentido / sintonia / vitória
6- articulação	conquista / dinheiro / lugar / participação / voz
7- arte, cultura e lazer	história / música



Posfácio

À guisa de conclusão do Atlas, é relevante retomar a ideia que inspirou esta obra, os principais pontos nela abordados e suas perspectivas, como, fundamental de apoio para o trabalho educativo e a vigília cidadã do PEA-Territórios do Petróleo (PEA-TP).

Remontando-nos a suas origens, a noção de Atlas tem suas raízes num episódio da mitologia grega que narra a história do titã Atlas. No relato, Atlas tomou a frente das batalhas de Cronos e dos titãs contra os deuses do Olimpo, deixando Zeus furioso. Como castigo, Atlas foi obrigado a carregar o mundo nas suas costas para sempre. Portanto, ter à mão um Atlas é ter um “mundo” de informações. Essa foi a ideia que guiou esta obra. Assim, a ideia do Atlas se associa geralmente a algum tipo de apoio. Um claro exemplo disso é a primeira vértebra da nossa coluna vertebral, que se denomina atloide, porque sustenta a cabeça.

O Atlas do PEA-TP foi concebido como um “mundo de informações” que pretende funcionar como suporte informativo e apoio à aprendizagem e à realização de pesquisas dos Núcleos de Vigília Cidadã.

Como produto, nosso Atlas se caracteriza como uma representação parcial da realidade dos dez municípios participantes, por meio dos integrantes do projeto, depois de se debruçarem sobre a compreensão dos problemas da comunidade e do próprio município em que habitam. Seja na hora de identificar os macroimpactos na chamada “cartografia reversa”, na própria cartografia social, na cartografia da palavra ou nos inventários participativos, prevaleceu o olhar (ou a palavra) dos grupos envolvidos dedicados à compreensão das características dos territórios onde moram. Portanto, o Atlas é entendido como registro, embora parcial, da experiência da realidade produzida pelos sujeitos da ação educativa, sempre dinâmica e aberta a novos olhares e circunstâncias. Na época desses registros, ninguém esperava por uma pandemia da magnitude da Covid-19, provocada pelo vírus Sars-CoV-2. Ela alterou drasticamente os cotidianos, os ritmos das comunidades e evidenciou as fragilidades dos sistemas de saúde municipais e estaduais perante os riscos de um vírus desconhecido. Mais do que nunca, ficou manifestada a importância do labor do PEA-TP como ator e mediador de conflitos da comunidade, auxiliando e promovendo, no seio dos

NVCs, o acesso as informações relevantes sobre seus municípios e microrregiões e o apoio à formulação coletiva de estratégias de participação social para o enfrentamento e a contenção dos impactos dramáticos da pandemia.

Assim, podemos entender o trabalho do Atlas para além de um produto pedagógico. Nessa visão, este Atlas é considerado uma ferramenta de consulta que representa a etapa inicial da elaboração de uma agenda de ação coletiva para enfrentar os desafios da complexidade do presente e vislumbrar um horizonte futuro como possibilidade. Uma vez elucidados os problemas e os desafios dos municípios a partir do olhar dos integrantes dos NVCs, autores efetivos dos resultados apresentados nesta obra, na fase III se espera partir para a ação. Trata-se de expandir os conhecimentos acumulados sobre os conflitos e os problemas das comunidades, para facilitar uma melhor identificação da(s) realidade(s) de cada município. Pretende-se que essa ampliação das capacidades dos sujeitos sirva como base para qualificar o conhecimento e a informação produzida e recebida sobre as rendas petrolíferas. Assim, o passo seguinte que se projeta é ajudar a promover a incidência política no controle social “local” de cada NVC sobre os royalties, mediante o acompanhamento na condução da gestão pública da aplicação dessas rendas petrolíferas nos municípios de atuação do PEA-TP.

A ação prevista na Meta 11 do Plano de Trabalho da fase III visa a “propiciar o acesso, manuseio e interpretação dos dados do atlas, para possibilitar a publicização dos resultados alcançados pelos membros do NVC.” O Atlas, em mãos dos sujeitos como agentes disseminadores do conhecimento por eles produzido, será popularizado e reinterpretado, inter-relacionando diferentes saberes e fazeres.

Esses resultados subsidiarão ações dos NVCs na identificação e na apropriação dos espaços de participação na perspectiva de ampliarmos o acesso qualificado ao controle social municipal e regional. Serão, ainda, utilizados nas reuniões comunitárias previstas no cronograma de ações junto aos Núcleos.

Marcelo Carlos Gantos

Coordenador Técnico do projeto Territórios do Petróleo



Editora da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Campos dos Goytacazes – RJ
2022



A realização do projeto Territórios do Petróleo é uma medida de mitigação exigida pelo licenciamento ambiental federal, conduzido pelo IBAMA



ATLAS

Territórios
do Petróleo